











OBRAS DE SENIO

---

O TRONCO DO IPÊ

TOMO II



SENIO

---

O

# TRONCO DO IPÊ

ROMANCE BRASILEIRO

---

RIO DE JANEIRO

---

EDITOR PROPRIETARIO

B. L. Garnier. — Rua do Ouvidor n. 69

1871





## I.

### A DOCEIRA.

Não tarda meio dia.

A uma das portas que dão para o quintal da *Casa grande* apparece uma linda moça de dezoito annos.

O que logo se nota nella, não é tanto a gentileza das fórmas e o mimo de seu rostinho de camafeu, como o contraste do vulto gracioso com o logar. Lembra a doce virgem, que Murillo pintou sobre a tela de um guardanapo ou mantem de cozinha.

Realmente aquelles olhos azues de uma luz tão scintillante; os cabellos de ouro riçados

em diadema; o niveo collo, cuja nascença se debuxa sob o talho affogado de um vestido de seda côr de cinza; e sobretudo a mão pequenina, melindrosa e afilada; são para a janella da rica sala, e não para a porta da copa, onde nesse momento se desempenham os humildes serviços do trafego diario da casa.

A moça porém não se preocupa de certo com a impropriedade de sua presença naquelles logares; e muito senhora de si, move-se com o maior desembaraço attendendo á diversos objectos que a interessam. Si encontra no caminho uma gamella cheia de agua, refuga desapiadadamente a saia do bonito vestido de seda, já tão amarrotado que mette pena.

— Nhanhã, estão aqui os ovos; disse a Vicencia.

Alice voltou-se. A mãe do Martinho, que era uma das cosinheiras da casa, acabava de pôr sobre a mesa um açafate com algumas duzias de ovos.

— Trase o alguidar. Manda ver o forno, que esteja prompto.

As gemas d'ovos foram passando para o alguidar onde se mediu uma libra de manteiga, duas

de farinha de trigo, conforme recommenda o livro da *Perfeita Doceira*, que a menina consultara de vespera, e que ali estava á mão para tirar qualquer duvida.

Não fôra de certo para esses misteres caseiros que Alice aprômtara-se logo pela manhã de vestido de seda e traço elegante ; mas descendo á copa afim de ver o serviço das pretas, não lhe soffrera a paciencia ; e ali estava ella emendando o que não achava bom, e fazendo por suas mãos o que não executavam com a desejada rapidez.

Em quanto se trasia a taboa onde estendes e a massa, aproveitou a menina para de novo chegar á porta e lançar como da primeira vez um olhar para a copa frondosa de uma arvore que apparecia á algumas braças por cima do muro do quintal. Era um alto jequitibá, reliquia da antiga mata virgem ; tinham-n'o conservado para dar sombra ao curral do gado.

— Psio ! Martinho ! gritou a moça bastante alto para ser ouvida ao longe, mas com um sombreado na voz que indicava certo acanhamento.

— Ainda não, nãnhã ! respondeu desconsolado

o pagem mostrando o focinho entre a folhagem da ultima grimpa do jequitibá.

Alice tinha nesse momento as mangas arregaçadas e as mãos até os pulsos cheias do bolo que estivera amaçando no alguidar para fazer os fartes de natal. Querendo ver a hora no relóginho de esmalte preso á cintura, lembrou-se que não podia, e chamou a mucama :

— Olha aqui, Eufrosina. Quasi meio dia!... Não vem mais hoje !

— Com certeza só chega de tarde, nhanhã.

— E porque não hade chegar agora ? disse a moça agastada e batendo o pé com um gesto de impaciencia.

Mas esse arrufo de passarinho não durou um instante, desvanecendo-se logo na habitual jovialidade e garridice :

— Está se fazendo desejado, o tal Sr. Mario ! acodiou ella com um sorriso faceiro.

— Xih ! Hade estar um moço bonito, não é, nhanhã ?

Um laivo de carmim roseou a face assetinada da menina, que respondeu rapidamente :

— Sempre foi.

— E' verdade, nhandã; mas depois que esteve em Paris !

— Quem havia de estar agora bem contente era Sinhá D. Francisca ; mas Deus não quiz ; disse Paula.

— Mas tambem, tia Paula, ella era tão doente, coitadinha ! Já antes de nhonhô Mario ir...

— Está bom, atalhou Alice ; não vão fallar nisso quando elle chegar.

— Jesus ! Só si a gente estivesse doida, nhandã.

Era ante-vespera de natal.

Na *Casa grande* tudo estava em movimento e reboição com os preparativos da festa. A' excepção da baroneza, a quem nada podia arrancar de sua fleugma desdenhosa, cada uma das pessoas da fazenda se occupava em qualquer dos varios arranjos para a funcção do natal que esse anno promettia ser ainda mais chibante do que de costume.

Alice que dirigia os aprestos distribuira á cada um sua tarefa, da qual não escaparam nem o dono da casa, nem os hospedes. O barão fôra encarregado de escrever nos rotulos de prata das

garrafas os nomes dos vinhos e fazer as encomendas para a côrte. O conselheiro devia dar uns versos para a cantiga do natal. D. Luiza e Adelia recordavam ao piano as musicas de canto e dansa. D. Alina se incumbira do arranjo dos quartos para os convidados. Lucio e Frederico armados ambos de thesoura recortavam papel dourado, prateado e de varias côres, destinado á fazer rosetas para os castiçaes, ou mangas para os presuntos e pernas de carneiro.

O Sr. Domingos Paes, esse andava em uma dobadoura. Não tivera incumbencia especial; estava a mão para tudo que fosse preciso. Falta-  
tava uma fita para a fronha de um convidado; uma serrilha para recortar biscoutos; pão de ouro para enfeitar o podim? Lá ia o Sr. Domingos Paes chotando para a villa no russinho, á cata do objecto. Havia necessidade de repor as cortinas de damasco nas janellas da sala; de alongar a mesa para caber todos os convidados; de preparar a capella e armar os arcos de palmeiras? O Sr. Domingos Paes era o homem talhado para esses misteres.

Todos os annos Alice gostava de festejar o

natal ; e com antecedencia se occupava dos preparativos necessarios para receber as pessoas que estavam no costume de ouvir a missa do gallo na capella de N. Senhora do Boqueirão, e passar na fazenda em continua funcção os dias seguintes até Reis.

Nunca porém a menina se tinha esmerado nos preparativos, como agora ; nunca achára tanto prazer nessa occupação, nem vira aproximar-se o natal com esse alvoroço de uma esperança risonha. Seria porque já tinha feito dezoito annos, e o coração da moça palpitava com a lembrança dos divertimentos, que para a menina eram apenas folguedo e travessura ? Ou era porque Mario devia chegar naquelles dias, e ella ia afinal rever seu companheiro de infancia, depois de sete annos de ausencia ?

A alegria que lhe causava a volta de Mario, Alice não a escondia ; ao contrario estava á transbordar-lhe d'alma por todos os póros, no olhar soffregos, no sorriso cheio de esperança, como no gesto inquieto.

Da mesa, onde estendia a massa para recortar os folhos dos pasteis, ella applicava o ouvido ao



menor rumor de fóra, estremecendo quando suppunha escutar o tropel de animaes. A miude chegava á porta para ver si Martinho tinha alguma boa nova á dar-lhe.

Desde madrugada que o pagem se havia encapitado no ultimo galho da arvore, d'onde só descera um momento para almoçar. Alice havia promettido festas dobradas aquem lhe pedisse as alviças da chegada de Mario; e o moleque resolvido a ganhar a gorda molhadura, escolhera aquelle posto, donde avistava o caminho da côrte até cerca de um quarto de legua.

Logo deram por falta do pagem em casa; e pensavam que andava peralteando pela senzala como de costume. A mãe promettou-lhe um lembrete de cabo de vassoura quando tornasse; e a Eufrosina, cujo teiró continuava, mandou logo em nome da baroneza aviso ao administrador para fazer amarrar o fujão e rapar-lhe a cabeça.

Mas Alice desfez todas essas tempestades com um sopro:

— Fui eu que o mandei.

E acabou-se; ninguem perguntou para onde, nem á que.

— Já tomou ponto, nanhã! Agora, si quer mais apertado!..

Estas palavras partiam da gorducha Florencia, a doceira famosa da casa. Incumbida de um tacho de cocada, que fervia na cozinha, ella assomara a porta da copa, com a colher de pau em uma mão e o pires cheio d'agua na outra.

Alice porém não se contentou com a prova e foi por si mesmo examinar o tacho de doce na cozinha.

Com a Eufrozina, ficaram na copa outras mucamas e pretas da cozinha occupadas em diversos misteres, como arear as caixas de manuês, bater pão de ló, ralar gengibre e cidra para os pasteis, e cortar as folhas de banana para as mãi-bentas.

No meio do ruido produzido pelos differentes serviços, e pela garrulice inexgotavel das raparigas que fallavam todas ao mesmo tempo, começou á destacar-se ao longe um surdo rumor, que de momento a momento se tornava mais distincto. Não era preciso bom ouvido para conhecer, na cadencia alternada desse longiquo ribombo, o galope de um cavallo.

Foi a Eufrosina a primeira que percebeu o

tropel; reprimindo seu primeiro movimento, calou-se e continuou sorratamente a escutar. Não lhe custou inventar um disfarce para sahir ao quintal, d'onde com mais facilidade podia, abrindo a porta que dava para o pateo, ver chegar o cavalleiro.

— Alviçaras, nãhã, alviçaras! Fui eu!...

— Não foi! Eu disse primeiro!

— E eu?

Escapou Alice de queimar-se com o sobresalto que sentiu, ouvindo de repente os gritos descompassados que vinham do quintal. Sem dar tempo a que Florencia limpasse-lhe a saia toda respingada de doce, a menina correu, alvo-  
raçada pela esperança de ver Mario e de abraçá-lo afinal.

As pretas corriam ás tontas; umas entravam, para pedir as alviçaras á Alice; outras espirravam pela porta do pateo para serem as primeiras a ver Mario apear-se; a Eufrosina não sabia como dividir-se, pois sua vontade era estar em um e outro ponto ao mesmo tempo.

No meio dessa algazarra ouvia-se a voz do Martinho que de seu posto, na grimpa do jequi-

tibá se esganiçava como um doguezinho de sobrado ladrando para a rua.

Do que elle guinchava não se percebia palavra, apesar da gesticulação formidavel com que fazia trabalhar os braços e a cabeça.

---



## II.

### ALVIÇARAS.

Chegava Alice ao quintal quando ali entrava pela porta do pateo o Sr. Domingos Paes.

Mas de que maneira entrava ?

Horisontalmente, em postura de natação e com um arremeço que o levou até o meio do terreiro, onde estrebuxou um momento e esparramou-se.

O infatigavel compadre fôra por ordem de Alice buscar á toda a pressa na villa cravo e canella ; chegava mui satisfeito da commissão, quando ouvindo alarido no quintal , botou o russinho para a porta. Era o momento em que as raparigas corriam julgando ser Mario.

O russinho, animal pacato, de uma paxorra inalteravel, parou logo; mas o Sr. Domingos Paes com o entusiasmo em que vinha sahiu-lhe pelas orelhas e aboborou-se no chão. As pretas o rodearam pensando que estivesse morto, pois a trouxa não dava signal de si.

De repente porém o compadre poz-se em pé, mui fresco e lampeiro, como si nada lhe tivesse acontecido. Deu conta da incumbencia, e passou a provar dos bolinhos e doces arrumados nos taboleiros, emittindo sua opinião á respeito de cada especie. O homem tambem entendia de massas e era forte em receitas.

— Está bem, Sr. Domingos Paes; vá cuidar da capella. Os arcos ainda não estão promptos.

— Faltavam-me uns seis palmiteiros. Aquelle peralta do Martinho não sei onde se metteu!... Já disse ao feitor que mande corta-los. Agora mesmo no caminho vi uma touceira delles bem bonita.

— E o coreto da musica?

— Isso é lá com o carpinteiro.

— Não incumbi ao senhor de apressa-lo?

— Mas aquelle sujeito, D. Alice, é um mal-criadão muito atrevido. Com elle não me metto.

— Eu lá vou d'aqui a pouco.

— Tudo o mais está prompto; as colchas pregadas; as galhetas cheias; as velas nos castiças... Ah! é verdade; ainda não recebi as rosetas e as palinas para enfeitar o bocal...

— O Lucio e o Frederico estão contando.

— Então já sei que os castiças este anno ficam sem enfeite.

— Porque razão?

— Ora, rapazes. . Ainda mais quando vêm moça da côrte.

— Não seja fallador, Sr. Domingos Paes! Eu dei tarefa á cada um, e Adelia me prometteu que havia de puxar por elles.

— Veremos; disse o compadre lançando o olhar para uma bacia que tiravam do forno. Como estão cheirosos estes manoês! São feitos só com o leite do coco, sem o bagoço?... E' a minha receita. Devem estar excellentes.

Em acto continuo esvasiou cinco ou seis forminhas:



— Nhandã, o Sr. Domingos Paes dá conta da bacia.

O compadre eclipsou-se antes que a menina acodisse ao chamado e visse a devastação feita por elle nos preparativos da festa.

— Que massante!

A mãe Paula, á cujo cargo estava a criação das aves e gado miudo, já a pedaço esperava encostada na hobreira da porta do quintal, que a moça reparasse na sua presença. Afinal, vendo que perdia seu tempo, resolveu-se á fallar.

— Nhandã não vem apartar?... Depois fica tarde.

— Ah! é verdade, mãe Paula. Espere um instantinho, emquanto vou mudar a roupa. Está vendo! Deitei um vestido bonito para esperar o Sr. Mario, que vem de Paris acostumado a ver as moças do tom e fiquei neste estado!

— Que pena! Está perdido!

— Nhandã tem tantos! observou a Eufrosina affagando o vestido já com olhar de successora.

— Agora Mario póde chegar quando quizer que me ha de achar como eu estiver. Sou roecira!... exclamou Alice a rir.

— Sae d'ahi, nhanhã! exclamou Paula atuando a menina com a familiaridade de preta velha. Não zomba da gente!

Alice subiu correndo os degrãos da escada. Tinha a linda moça em seus movimentos aquella mesma gentileza e vivacidade, que em menina a faziam titillar de impaciencia e travessura. Apromptava o seu traço com a mesma rapidez e garridice do passarinho, que raze a agua e se espanija.

Momentos depois sahia ella de seu toucador com um vestido de cassa de listras azues; seu chapéo a pastora ligeiramente pousado sobre os anneis soltos dos cabellos loiros; e uma bolsa de palha no braço.

Tirando uma chave na gaveta do toucador, foi Alice ainda uma vez examinar o aposento preparado para Mario, e de cujo arranjo não consentiu que ninguem mais se incumbisse sinão ella.

Tudo ahi estava em seu lugar; a cama de esmogno emcominendada para a côrte, a secretaria franceza, o guarda roupa e as estantes. Ao lado do lavatorio pendia a toalha de rosto, aberta em labyrintho, e na cabeceira do leito dous traves-

seiros de seda azul debuxavam o crivo das lindas fronhas e o—M— bordado no centro de um florão oval.

Algumas flores de jasmim espalhadas pela cobertura da cama e sobre o marmore do lavatorio tinham impregnado os moveis de um perfume natural e suavissimo.

Todos os dias Alice visitava o quarto que já estava prompto desde muito, e de cada vez tinha sempre, ou uma cousa a endireitar, ou um esquecimento a reparar. Naquelle dia levava uma almofadinha de alfinetes, que deixou sobre a commoda.

Antes de examinar os trabalhos rusticos, necessarios a festa, a menina lembrou-se de passar pela varanda, afim de ver o estado em que estavam os preparativos da sala, incumbidos aos hospedes. Não deixava de dar-lhe algum cuidado a falta dos recortes de papel para os castiçoes da capella e a prophesia que o Sr. Domingos Paes fizera a este respeito.

Na varanda talvez não se trabalhasse tanto porém com certeza fallava-se mais do que em qualquer outro ponto. Além dos hospedes, qu

haviam almoçado na *Casa Grande*, estavam mais o vigário e o subdelegado. O primeiro viera como de costume na anti-vespera para examinar si os paramentos e necessarios da capella estavam completos e nada faltava para a missa. O segundo aproveitara a companhia do reverendo para fazer sua vizita especial ao conselheiro Lopes.

Proximo á janella em uma banquinha oval, Adélia enfeitçava o Lucio e o Frederico sentados á um e outro lado. Os olhares dos dous moços pareciam abelhas em torno de um botão de rosa, guardado por manga de vidro. A elegante carioquinha descrevia com enthusiasmo os seus primeiros bailes, que tinham sido os daquelle inverno. Arrebatados pela melodia da voz tão meiga ; pelo gracioso deslace da boca mimosa, e pelo gesto faceiro que parecia gravar n'alma cada pensamento ; os moços estavam como enlevados. As mãos immoveis abandonavam as tesouras sobre as folhas de papel ainda intactas.

Junto ao piano, D. Luzia tinha com D. Alina uma conversação muito interessante para ambas ; pois versava a respeito de Adelia e de Lucio. As duas mães suspeitavam que havia entre elles

uma afeição nascente que as contrariava, pois a viuva sonhava para seu filho a mão de Alice, assim como a mulher do conselheiro deitava os olhos sobre o Frederico, que achava um genro muito do seu gosto.

Sem confessarem, nem os receios, nem as esperanças que nutriam, as duas senhoras se adivinhavam, e indirectamente dispunham o espirito uma da outra em seu favor. O conselheiro era amigo intimo do barão, e D. Alina, diziam que tinha seu condão sobre o commendador Monteiro, pai de Frederico.

No sofá discutiam o conselheiro, o vigario e o subdelegado ; tratavam de politica.

Os sete annos decorridos tinham arredondado a bonita calva do conselheiro, mas não tinham realisado as tão lisongieras esperanças ministeriaes ; os amigos e collegas a quem já tocara a pasta alguma vez, diziam constantemente :

« Em vez de perder, ganhastes. Não imaginas a posição humilhante em que se acha collocado um homem de character, quando tem a desgraça de ser governo neste tempo e neste paiz. »

Mas o nosso conselheiro era homem pratico, e

gostava de conhecer as cousas por experiencia propria ; sobretudo quando elle via frequentes exemplos de reincidirem uma e duas vezes na humilhação, os mesmos que lhe faziam tão feia descripção do ministerio.

O vigario e o subdelegado não tinham feito differença ; a não ser que o primeiro esquecera metade de seu latim e creara mais algumas roscas na papada ; e o segundo perdera completamente a ligeira tintura de codigo e lei de reforma, mas em compensação ganhara uma tal destreza eleitoral que seria capaz de empalmar uma chapa ao proprio Satanaz encarnado em votante.

O conselheiro perorava e para não perder os habitos e maneiras parlamentares, apoiava as mãos sobre o recosto de uma cadeira, onde nos momentos de enthusiamo estalava o lapis apertado entre o polegar e o indicador da mão direita.

Era esse o aspecto da varanda no momento em que Alice appareceu á porta.

—Muito bonito ! exclamou a menina que se aproximara subtilmente da banca. Assim é que se trabalha ?

Lucio e Frederico apanhados em flagrante, lançaram mão das tesouras, e atrapalhados começaram a recortar uma tira de papel. Quanto a Adelia, sua confusão trahiu-se apenas por um ligeiro rubor, que ella desvaneceu com um sorriso faceiro e um gracioso momo de desdem.

— Acaba-se n'um instante ! replicou Frederico mais senhor de si.

— Eu já tinha acabado, mas D. Adelia...

— Desculpe-se comigo, si lhe parece !!

— Com licença ! Deste modo antes não fazer ! Ora vejam se isto tem figura de palma ! Parece mais um nariz...

— E' o do Lucio ? acudio Frederico rindo.

— Está engraçado !

— Pois basta de retratos. Onde está o molde que eu deixei. Aposto que já perderam. Si eu duvido !... Ora !... em baixo da meza, e rasgado. Quem fez isto ?

— Eu não fui ! dizia Adelia muito vermelhinha.

— Foi ella mesma ! exclamaram os dois a rir.

— Ah ! foi a senhora ? Pois por castigo ha de dar uma prenda.

Dizendo isto, Alice tirou um dos brincos da amiga e escondeu-o no bolso, ameaçando-a travessamente com o dedinho mimoso.

— Tenho muito que fazer! Os Srs., vejam lá!... Si vadiarem outra vez, não se queixem amanhã á noite, quando eu os deixar sem pares para a quadrilha. Vem muitas moças!

A ameaça aterrou os dois, com a lembrança do logro que soffreriam, ficando fóra das contra-danças; pois era a filha do barão quem ordinariamente escolhia os cavalheiros para suas amigas e convidadas.

— Olhe, D. Alice, até o jantar dou conta da minha tarefa! disse o Lucio tesourando rijo no papel.

— Eu cá muito antes disso!

— Mas os recortes bem feitos, sinão é mesmo que desperdiçar papel. Uma cousa tão facil!...

Tomando a tesoura, a menina com a graciosa agilidade que tinha em todos os seus movimentos, recortou uma palma lindissima, toda rendada.



— Assim estragas as mãos, Alice ! disse Adelia.

— Bem : logo volto. Quanto a V. Ex., Sra. monitora, faça favor de ter mais cuidado com sua classe, do contrario fica demittida e vai... vai passear comigo,

— E' verdade !... disse Adelia erguendo-se. Mas acredita, Alice. já não se uzam esses enfeites de papel ; na côrte não se vê mais disso em uma sala do tom. Agora ha umas rosas de chrystal, que são lindas !...

— Não estamos na côrte, minha faceira, mas na fazenda ; e tambem temos cá nossas modas.

— Ora !

— Serio !.. Quando eramos crianças, se enfeitavam os castiçaes com estes recortes ; has de te lembrar que eramos nós e Mario quem ajudava ao Sr. Domingos Paes. Que annos fazem !... Pois essa é a minha moda, é a moda de meu tempo de menina, quando bricavamos tão contentes e felizes. Não quero outra !

— D. Alice !... Escute !

— O que ?

— Não basta as palmas inteiras e assim enru-

gadas com o cabo da tesoura? Anda mais depressa!

— Não senhor; quero umas enrugadas e outras rendadas tambem.

— Pois sim, rendadas, com uma carreira de cortes.

— Ai! ai!... Tres carreiras! Tal e qual como o modelo.

Emquanto Adelia punha o chapelinho de tafetá cor de rosa, Alice chegou-se ao piano. Sua presença vexou D. Alina tambem apanhada em falta, pois devia estar presidindo ao arranjo dos quartos dos hospedes.

— Já está tudo prompto, D. Alina?

— Ainda não, minha flor, mas não tarda. Vim perguntar uma cousa á D. Luizinha, já vou... Ah! Qual ha de ser o do tal Mario?

— O Sr. Mario não é hospede; tem seu quarto proprio; respondeu Alice seccamente, e carregando na palavra *senhor*.

— Quando chega elle? perguntou D. Luizinha.

— A cada instante. E a nossa musica do natal acertou?

— Estava ensaiando.

— Mas os versos aposto que estão promptos.

Não é verdade, Sr. Lopes ?

O conselheiro tinha desfraldado os pannos á eloquencia ; assim interpellado de chofre, engasgou-se como um deputado noviço quando recebe a queima roupa um aparte de escachar no meio do recitativo de um improviso annunciado com duas semanas de antecedencia.

— Os versos ?...

— Querem ver que já os esqueceu !

— Qual ! Estão promptos ; só falta escrever ; replicou o orador apontando para uma grande folha de papel ainda em branco, posta sobre a mesa.

Era Alice a primeira influencia do collegio eleitoral, que o barão trazia no bolço ; bastava esse titulo, quando não houvesse o de futura credora, para que o deputado condescendesse com todos os caprichos da moça. Todavia achou que era mais commodo esgravatar na memoria para lembrar-se de alguma cantiga de seu tempo de estudante. Estava nessa occupação, quando o interromperam os dois visitantes.

— Bom dia, Sr. vigario, já vio a capella?

— Para lá vou agora.

— O Sr. barão está melhor, D. Alice? perguntou o subdelegado.

— Melhor, obrigado.

— Queira recommendar-me a elle.

— O senhor não janta comnosco?

— Eu sei?

— Janta : pois então? disse o vigario. Voltaremos com a fresca.

---



### III.

#### SORPREZA.

- - Onde vai você, Alice ? perguntava Adelia.

— Correr a lida ; respondeu a menina descendo a escada da copa. Quero ver o que fizeram por ahi.

— Porque não manda alguem ?

— Si eu tenho prazer nisso. Já tirou a cocada do fogo, Vicencia ? Manda ver as compoteiras de chrystal, Eufrosina. E esta clara ? E' preciso bater já para os suspiros. Olha lá, quero um suspiro bem alvo e bem doce, como os que saem desta boquinha. Ah ! e a sua prenda, minha senhora ?

Hade cumpri-la ; tome.

Dizendo estas palavras, Alice estalava um beijo na face da amiguinha, e prendia-lhe o brinco á orelha.

— Queres um manuê ?

— Só para provar.

— São feitos por estas mãosinhas ! Vamos, vamos, mãi Paula ; cochilou bem, não foi ?

— Pois então, nanhã. A gente assim va-  
diando... dá somno.

— Queres vir, Adelia ?

— Aonde ?

— Ao poleiro.

— Eu, Alice !... exclamou Adelia com um tom de surpresa envolta de nojo.

— Pois espere passeiando no jardim, que eu já volto !

— Mas, Alice, eu não acho isso proprio de uma moça como você.

— Deixe-se disso, Adelia : eu fui criada assim, e não sei viver de outra fórma. Si algum dia for moça da côrte, então aprenderei com você, para não fazerem zombaria de mim.

As duas amiguinhas podiam servir de exemplos de duas educações que se observam em nossa

sociedade, bem distinctas uma da outra, embora pelo contacto da população, exerçam mutua e irresistivel influencia.

Alice era a menina brasileira, a moça criada no seio da familia, desde muito cedo habituada á lida domestica e preparada para ser uma perfeita dona de casa. A baroneza não se preocupara com a educação da filha ; mas tal é a força do costume, que a moça achou nas tradições e habitos da casa o molde onde se formou a sua actividade.

A civilisação europêa já tinha, é certo, polido esse typo nacional ; mas não lhe desvanecêra a originalidade. Alice embora adquirisse todas as prendas de sala, que a teriam distinguido em uma sociedade elegante ; não deixava porisso de apreciar em extremo o papel de doninha de casa, que a indiferença materna lhe permittiu exercer desde muito criança.

Adelia ao contrario era o typo, raro então e hoje muito commum, de certos costumes de importação ; era a mocinha de maneiras arrebicadas á franceza, cuidando unicamente de modas e do toucador. Nisso a filha de D. Luiza não fizera



mais do que apurar a lição e exemplo de sua mãe.

Mal sabem as meninas brasileiras que esse figurino parisiense tão copiado por ellas, está bem longe de ser um retrato. A donzella na Europa, quando não tem posses para viver á lei da grandeza, é laboriosa e sobretudo excellente caseira. Ella sabe conciliar sua formosura e elegancia com os pequenos misteres domesticos, que em vez de offuscarem suas maneiras, lhes dão realce.

Portanto o perfil verdadeiro e natural era o de Alice, que em uma scena diversa e com usos diferentes, realisava o mesmo pensamento da educação util e solida da moça na Europa. Era preciso ver a gentileza com que a menina desempenhava todos os seus deveres de dona de casa, e se occupava dos mais humildes serviços sem nunca perder aquella graça maviosa, que sorria em toda sua pessoa. Dir-se-hia um colibri esvoaçando por uma cebe de fôres murchas e ras-teiras.

— Vai esta, nhanhã ?

Mãe Paula, tinha aberto a porta do galinheiro e sessando o milho na cuia, reunia o

seu povo bipede, menos caprichoso e menos vario talvez, apesar das pennas, do que outro tambem bipede, que por menos de um punhado de milho se alvoroça tantas vezes.

Alice, rodeada do bando volatil que piava e cacarejava de alegria, tirava um punhado de milho da ceira e jogava no terreiro, permittindo ás favoritas que viessem comer-lhe na mão ou no collo. Os ciumes então andavam acesos, sobre tudo por causa dos pombos que, de vôo mais ligeiro, pousavam-lhe nos hombros e biccavam-lhe o milho entre os labios.

A pergunta da Paula fez levantar os olhos á menina, que estremeceu vendo a preta velha com uma gallinha suspensa pelas azas :

— A pintadinha ? Logo não vê, Paula ! Minha franguinha que eu criei ! Solta já.... Prr.... Esta velha feia queria te matar, coitadinha !

— E aquella ?

— Qual ?

— A pedrez.

— Pois já acabou de criar ?

— Xih ! que tempo ! Olha, nãnhã, o pinto della ; já está tamanhão.

— Ainda estão muito pequitos. Pobresinhos! Hão de ficar sem sua mãe.

— E' verdade!... A cochinchina que não põe?

— Não: a cochinchina foi vovó que me deu!

— Então a nanica!

— Está se vendo Paula? Pois a nanica tão bonitinha, eu hei de deixar que a matem.

— Desta maneira não ha gallinha para a festa.

Esta grave difficuldade surgia na *Casa grande* sempre em vesperas de banquetes. Alice não dispensava o exercicio da importante attribuição de indicar as aves e gado que deviam ser immoladas; mas na occasião entrava-lhe a pena dos innocentes animaes a quem ia apadrinhando; de modo que o cozinheiro achava-se em branco.

Alguma vez resolvia-se a questão mandando-se comprar fóra o necessario; e o barão dava-se por inuito satisfeito com essa despeza que poupava uma lagrima a sua querida Alice. E' verdade que isso já não succedia desde muito tempo, porque a menina se compenetrava da necessidade de vencer a sua fraqueza. Desta vez, porém, era tão grande a matança e tantas

de suas favoritas iam ser sacrificadas, que o coração lhe desfalleceu.

— O cozinheiro desde hoje que está esperando as gallinhas para o jantar. Chega nhonhô Mario; ha de vir mais gente e...

— Está bom, está bom, mãe Paula. Basta de resingar; dê tudo que o cozinheiro quizer!

Suffocando um suspiro que sublevou-lhe o seio delicado, fugiu a correr do galinheiro, pensando que o prazer de festejar a chegada de Mario lhe pagava bem o sacrificio. Tambem lembrou-se ella que junto de seu amigo de infancia e quasi irmão, não teria mais tempo de folgar como dantes com aquelles companheiros de sua solidão e confidentes de suas saudades.

A mesma scena do poleiro se reproduziu successivamente no bardo dos carneiros, no curral das vitelas, no cercado dos bacorinhos e leitões.

A menina derramava em torno de si um fluido de affecto e ternura; o que vivia nessa atmosphera sentia sua irresistivel attração. Na fazenda, para qualquer ponto que se voltasse, via-se rodeada de entes que a amavam e a quem ella retribuia em *sympathia*. Onde chegava,

na roça ou no curral, havia festa e alegria. Os pretos batiam palmas; o gado mugia; as ovelhas balavam.

Concluída a penosa tarefa de prover a ucharia, Alice foi até o quadrado da senzala afim de examinar si já tinham arrumado os copinhos de barro para a illuminação do natal; e si já estava ali tudo caiado e bem aceiado conforme as ordens do barão.

Ao passar pela casa do administrador, viu este na porta.

— Aprompta-se tudo para hoje, Sr. Santos!

— Já está prompto!

— Ficar á bonito?

— Pois que duvida!

— E a roupa dos pretos? Não falta nenhuma peça?

— Vou contar agora.

— Si faltar, mande-me dizer logo, que ainda ha tempo de apromptar.

Era costume na fazenda distribuir-se pelo natal a cada escravo, uma nova muda de roupa domingueira como presente de festa; á isso referia-se a pergunta da moça.

Voltando da senzala com intenção de ir ver a capella em companhia de Adelia, de quem se esquecera, Alice, que passava em frente á casa dos caens, aproximou-se para agradecer-lhes as festas que estavam fazendo de longe.

— Você está contente, hem, Trovão! disse ella amimando a enorme cabeça de um velho canzarrão que soltava latidos de prazer enroscando a cauda. Seu camarada vai chegar!...

— Já chegou!... disse uma voz abafada pela emoção.

A menina quiz voltar-se, mas sentiu dois braços que lhe cingiam o talhe e a suspendiam ao ar.

— Já chegou, minha nhanhã!

Era a tia Chica, a vovó preta quem abraçava a menina, dando-lhe as alviçaras da chegada de Mario.

— Aonde está?

— Na varanda.

O mancebo ao aproximar-se da fazenda tinha-se desviado do caminho para fazer uma surpresa a seu velho amigo, pai Benedicto. Depois de o abraçar, se dirigira então a pé e seguido pelo

preto á *Casa grande* onde acabava de entrar pelo lado do jardim. Chica, porém, lhe tomára a dianteira para avisar a moça e fora tão feliz que a avistara de longe antes que alguém a visse.

O Martinho levara portanto um formidável logro. Attento para o caminho do lado opposto e esperando um cavalleiro, não se apercebera da chegada de Mario á pé ; estava tão senhor de si, que vendo Alice a correr alvoroçada para casa gritou :

— Rebate falso, nhanhã !

A menina subiu as escadas voando, mas na porta da varanda parou tremula. O coração pulava, menos da corrida, do que da emoção.

Pela porta aberta ella via perto do barão, entre as outras pessoas presentes, um mancebo de talhe alto, ar grave e feições distinctas, trajado com a modesta simplicidade que realça os dotes naturaes do homem. Apesar da fina barba negra que lhe sombreava o rosto, e da reserva que a educação imprimira em suas maneiras polidas ; Alice reconheceu os grandes olhos imperiosos de seu amigo de infancia e o gesto impregnado de uma altivez innata.

Recobrando a afouteza propria de seu caracter a menina entrou e correu ao encontro do mancebo :

— Mario !...

Este cortejou-a respeitosamente. Alice esperava que elle a abraçasse, e tinha se aproximado palpitante, incendiada de rubores, com a esperança de receber e retribuir aquelle carinho que devia pagar-lhe tantas saudades, como cur-tira durante a longo ausencia.

Vendo Mario affastar-se, ella refugiu-se no seio do barão, e aquelle abraço que não se animava a dar ao amigo de infancia, foi confia-lo ao peito de seu pai como um segredo mutuo. Compreendeu o barão o que passava n'alma da filha :

— E' Alice, Mario. Você não a conheceu ?

— Logo ! respondeu o moço com intenção.

— Pois então, supponham que ainda são os dois meninos que brincavam juntos. Abracem-se.

E o barão impelliu docemente a filha, cujo talhe de silphide Mario cingiu de leve com o braço tremulo.

---





## IV

### O NATAL.

Chegara emfim essa noite tão desejada da vespéra de natal.

Já tinham resado trindades na fazenda do Boqueirão. Os escravos reunidos na frente do quadrado depois de repetirem as palavras da oração estropiada pelo feitor, foram salvar ao senhor, desfilando conforme o costume pelo terreiro da *Casa Grande*, onde o barão sentado em sua poltrona descansava do pequeno passeio.

Nos outros dias aproveitavam os escravos aquella hora de repouso e liberdade que medeia entre ave-maria e o recolher, para tratarem de

seus pequenos negocios, passarem uma vista de olhos a suas rocinhas, e tambem para fazerem suas queixas e pedidos á Alice, protectora de todos elles. Nessa noite, porém, como não se fechava o quadrado á hora de recolher, por causa da festa que devia começar ao cantar do gallo, tinham elles muito tempo de seu, e por isso deixaram-se ficar em grupos, conversando á respeito das novidades do dia, que eram a funcção do natal e a chegada de Mario.

Na *Casa Grande* as visitas, tendo-se levantado da mesa havia meia hora, passeiavam no jardim. O conselheiro Lopes fumava um charuto de havana, com espanto do vigario e do subdelegado, que nunca lhe tinham conhecido esse vicio, e o suppunham improprio de tão grave personagem politico. O vigario, mais cordato, não disse palavra; porém o subdelegado não se pode conter que não perguntasse :

—Pois V. Ex. tambem pita?

O conselheiro aproveitou o assumpto para improvisar ali um importante discurso a cerca dos efeitos do tabaco sobre a intelligencia, assegurando que as primeiras concepções do seculo

tinham nascido do fumo. Depois desenvolveu esta bella theze economica :

—Tendo eu a honra de ser o representante de uma classe tão importante como a lavoura, devo com o exemplo desenvolver o uso do tabaco ; pois assim concorrerei para augmentar o consumo de um dos mais uteis entre os productos agricolas.

Mais longe, Lucio, Frederico e outros moços da vizinhança bricavam com umas primas e camaradas de Alice o jogo dos cantos. Adelia torcendo o beiçinho recusara tomar parte no folguedo, e languidamente recostada em um divan de gramma, cheirava um molho de violetas, com os olhos engolfados no azul do céu, onde cintilava a primeira estrella.

—Romântica!...

Este remoque e o beijo em que ia evolto eram de Alice que voltava da capella onde fôra rezar.

—Ficas ahi, minha pensativa?!

—Quero contemplar a minha estrella ! respondeu Adelia com um tom poetico e uma inflexão melancolica.

Nisso divisou Alice o vulto de Mario que per-

passava entre a folhagem na direcção da capella; e suspeitando-lhe a intenção, acompanhou-o de longe.

No fundo da pequena hermidã, via-se encostada na parede uma carneira que servia de jã-sigo a D. Francisca. Mario, tendo sahido poucas horas antes que ali repousavam as cinzas de sua mãe, vinha visitar aquelle sitio.

Saudades roxas e perpetuas cobriam o tumulo singelo sobre o qual a copa verde-negra dos ciprestes derramava uma sombra merencoria. O viço das flôres, a disposição regular das plantas, e o chão varrido, indicavam a sollicitude de uma mãe terna e piedosa.

Mario teve o presentimento de que essa mãe era de Alice. Colheu uma saudade, e depois de beijal-a, desfolhou-a sobre o tumulo de sua mãe.

Alice que vira de longe todos os movimentos do moço, occultou-se entre o arvoredõ, quando elle voltava. Receiou perturbar o recolhõ da quella magoa, para a qual não havia consolo.

Terminava o breve crepusculo que precede as noites tropicaes.

As visitas acompanharam o barão á varanda

onde se devia passar o serão, pois as salas estavam preparadas para a festa que tinha de começar a meia noite.

Alice, despira a sua gazil petulancia de menina da roça, e fazia com garbo encantador as horas da sala. Sentia-se ainda titillar aquella gentil mobilidade, que parecia dar-lhe azas de beija-flôr; mas o passarinho preso na gaiola dourada não tinha espaço para volutear. Faltava, na verdade, á filha do barão, certo modo correcto, ou para fallar a giria de salão, faltava-lhe o tom, que distinguia sua amiga Adelia; mas em compensação seus gestos, ainda os mais communs, embebiavam-se da elegancia natural que a envolvia como um nimbo de graça.

Em um momento ella dispoz as cousas de maneira a dar a todos um passatempo para essa primeira parte da noite. Arrumou-se a meza de voltarete para o barão, o conselheiro e o vigario; e a do solo para a baroneza, D. Alina e o subdelegado. Os moços e moças arranjaram-se do outro lado da varanda para brincarem o jogo da pahlinha.

Mario entrava do passeio que dera na fazenda

pela primeira vez depois de sua volta. Alice chamou-o para a roda.

A menina tinha na mão um molho de finas palhas de coqueiro, abertas como um leque. Um das dessas palhas eram dobradas, outras cortadas ao meio. Quem não brincou esse jogo na sua mocidade, e não se recorda das risadas gostosas que dava, quando alguma moça bonita sahia casada com um velho jarreta, e quando um rapaz gamenho ficava solteiro ou viuvo?

—E' o jogo da palhinha! dizia o Frederico muito satisfeito.

—Eu já sei que tiro a moça mais bonita! exclamou o Sr. Domingos Paes.

—A sorte é cega! observou Mario sorrindo.

—Como o amor! acodiu Lucio lançando um olhar terno a Adelia.

—Eu não acredito na sorte; disse Adelia; portanto me é indiferente sair com este ou com aquelle.

—Vamos; atalhou Alice misturando as palhinhas; nada de esperteza; eu estou reparando; Tire!...

—Quem? perguntou Adelia sorrindo.

Alice corou.

—Elle! respondeu.

E designou com um meneio da fronte a Mario a quem um gesto imperceptivel da unha rosada indicava a palhinha que devia escolher. Cada um dos outros segurou tambem a ponta da sua.

—Estão promptos? Deixe-me tirar a minha.

—Esta, Alice? disse Adelia.

—Que tem?

—Estava tão escondida!

—E' vergonhosa como eu, menina; por isso gostei della. Puxem!

—Oh!

—Não valeu; gritou o Frederico. Houve trapaça!

Mario tinha sahido com Alice; Lucio com Adelia, e o Domingos Paes com Frederico; do resto das moças, umas viúvas ou solteiras, outras casadas com os irmãos e primos.

—Bem feito; dizia Alice para o Frederico; foi castigo de sua vadiação de hontem.

Houve muita galhofa; Frederico dansou com seu par uma volta de polka e o jogo continuou no meio das risadas. Mas Alice deixou as ami-



gas brincando e foi para uma saleta proxima, onde Mario a seguiu com pequeno intervallo.

Achou elle a menina sentada a uma banquinha de costura, e muito occupada em dar os ultimos pontos á camisinha de cambraia que devia naquella noite vestir o menino Jesus de prata, alli collocado defronte della em seu berço de filigrana fingindo vime, e coberto com um manto de setim. Esse descuido de deixar para a ultima hora uma cousa que devia estar feita com antecendencia, era para reparar em Alice, tão cuidadosa e deligente, e não fossem as muitas lidas dos ultimos dias, mas sobre tudo a anciedade pela chegada de Mario, ou o contentamento de vê-lo.

E quem sabe? Não seria aquella tarefa improvisada apenas como innocente pretexto para isolar-se das outras moças, e dar occasião a que Mario se approximasse della?

Desde a chegada do moço, na vespera, os dois camaradas de infancia apenas se tinham fallado na presença de outras pessoas, tomando parte na conversação geral. A menina sentia, talvez sem o perceber, o desejo vago de uma expansão intima. Mario chegara; mas para ella parecia-lhe

que não tinha ainda chegado de todo, pois não lhe ouvira as confidencias dos sete tão longos annos de separação : nem começara aquella doce communhão que na infancia os unia, apesar das teimas e arrebatamentos do menino.

Vendo Mario apparecer na porta, a moça perguntou-lhe :

—Foi passeiar ?

—Dei uma volta apenas ; respondeu Mario admirando a agilidade dos dedos da gentil costureira.

—Que está reparando?...

Ia dizer Mario ; porém conteve-se.

—Na ligeireza de suas mãos.

—Que remedio ? Si não fôr assim não tenho tempo de acabar; mas tambem sahe cada ponto!... Olhe.

Pela faceirice de mostrar o seu ponto miudinho, e tambem para esconder sob o linho as mãosinhas, ella approximou a costura dos olhos do moço.

—Realmente são immensos ! Do mesmo tamanho eu os faço escrevendo.

—Que exaggeração !

—Não acredita? Deixe medir.

—Acredito, acredito; respondeu Alice retirando a costura de repente, e escondendo-a sob a aba da meza.

A menina percebera que Mario em vez de examinar os pontos, estava, mas era a admirar-lhe a mãozinha de jasmim através da fina cambraia, e a aspirar a deliciosa fragrancia que exhalava dessa flôr animada.

O gesto da menina fez Mario cahir em si do enlevo que o tirara da gravidade habitual de seu character, e do modo ceremonioso por elle observado com as pessoas da casa desde sua chegada.

—Vim perturbar-a em seu trabalho; disse erguendo-se.

—Não me perturba nada! Eu gosto de coser conversando. Sente-se.

—Vou conversar com Lucio.

—A elle sim é que póde atrapalhar; disse a menina sorrindo. Adelia fica-lhe querendo mal.

—Então com o Frederico; respondeu o moço caminhando para a porta.

—Mario!...

Era a primeira vez que Alice chamava o moço directamente.

Até então ambos valendo-se do nosso tratamento usual na terceira pessoa, evitavam, na conversa, pronunciar o nome um do outro. Alice não queria por fórma alguma usar do ceremonioso—senhor,—que tornaria seu companheiro de infancia um estranho a ella e a familia; tambem não se animava a dizer—você, — tão de repente, com receio de que elle não gostasse, mas sobretudo por um vexame natural. Debalde revoltava-se contra esse sentimento, pensando que Mario era como seu irmão; alguma cousa de suave lhe advertia que a affeição do sangue não tinha as azas da sua, essas azas auriverdes da esperanza, que lhe estavam a affagar meigamente o coração.

O abalo de vêr nesse momento Mario affastar-se della agastado, rompeu-lhe o enleio. No impeto d'alma sahiu-lhe do seio o nome que tantas vezes ella atalhara nos labios, prestes a escapar-lhe. Tambem ahi rasgou-se aquella especie de cendal, que separava o coração de ambos.

— Mario! repetiu a menina como si uma

vez libada a doçura deste nome, ella se quizesse saciar delle. Você ficou serio comigo?

— Não ; porque ? disse o moço attrahido pela expressão ineffavel do semblante de Alice.

— Porque escondi a costura. Está, veja a seu gosto !

E estendeu as duas mãos mimosas e torneadas, que enrubeceram de pejo, emquanto a fronte não menos abrasada descahia sobre a espada esquerda, como si procurasse ali a penumbra de uma aza para esconder-se.

— Que lembrança, Alice ! Pois eu me havia de agastar por uma cousa tão natural ? A minha curiosidade indiscreta merecia bem aquella lição ; mas você é boa de mais ; tão depressa castiga, como recompensa. Obrigado ! disse apertando affectuosamente as mãos da moça. Mas assim, desde já lhe previno, não póde ser boa mestra.

— Nem tenho essas pretensões. Ser mestra de um doutor ! Só em uma cousa.

— Qual ?

— Adivinhe !

— Ah ! Si houvesse uma academia de adivinhação era nessa com certeza que eu me dotourava.

— Pois não era muito difficil acertar com aquillo em que eu podia ser sua mestra. E' em lembrar-me do nosso tempo de criança, das travessuras que faziamos ambos, das manhas que inventavamos para nos livrar da lição ; e das nossas brigas e zangas tão engraçadas, em que eu sempre acabava pedindo-lhe perdão, porque o senhor nunca cedia. Máo que era !

Que feiticeiro muxoxo acompanhou estas ultimas palavras em tom de queixa. As petalas de uma rosa, que abrochassem outra vez tornando-se botão, de flôr que eram, não teriam o gracioso enlace dos labios que se apinhavam. Um muxoxo é um beijo as avessas ; é um beijo que se esconde em seu ninho dentro d'alma, como um calibri arufado que recolhe o bico, deixando ouvir um gritosinho de cholera.

— Mas olhe lá, continuou a menina ; agora si agastar-se comigo, eu não hei de ser assim não, como era em criança. Hão de me pedir perdão tambem.

— Agora, Alice ; não nos havemos de agastar, como antigamente.

— Estimo bem.

— Você está moça, e eu devo trata-la por todos os titulos com o respeito que não sabia ter quando menino. Mas desculpe aquelle roceirozinho atrevido e malcriado que lhe fez derramar tantas lagrimas. Era uma criança doentia!...

— Pois eu gostava bem d'elle, assim mesmo como era.

Mario ficára pensativo e como engolfado em uma idéa penosa que lhe surgira dos refolhos d'alma, onde jazia dormida desde muito tempo. Alice percebendo a subita melancolia, cuja causa pensou adivinhar, quiz prender do novo o espirito do moço á sua jovial garrulice.

— Você naturalmente não gostará de nossa festa, Mario; acostumado aos divertimentos da Europa, que attractivo póde achar nesta funcção da roça?

— Mas o natal é uma festa campestre, Alice; e seu encanto está justamente nesse ar rustico e simples que costumamos dar-lhe. Não conheço nada mais ridiculo do que um natal nos salões, enluvado e perfumado como um baile de côrte.

— Pensamos da mesma maneira; exclamou a menina com um contentamento extremo.

— A sua festa, Alice, quanto posso julgar pelo

programma deve estar linda ; é o natal como se festejava a trinta annos, com suas crenças ingenuas e suas puras alegrias. Não pense que por ter visto a Europa, perdi o gosto á estas cousas ; ao contrario tenho sede disso que já não se encontra naquella sociedade velha e gasta, onde se aprende muito, porém se descrê ainda mais.

Alice foi a capella collocar o menino Jesus no seu presepio.

---





## V

### MISSA DO GALLO.

A noite vai escura, mas serena. O céu estofado e um azul profundo não vinda a trepidação das estrellas, cuja luz filtra como através de um cristal fosco.

A viração, que annuncia o quarto d'alva, ha-  
o suave da manhã, começa de ramalhar enre-  
ndo-se pela copa dos cafesaes em flôr. Como se  
ares se adelgaçassem nessa hora purissima de  
nceição, em que a terra sempre virgem e sem-  
e mãe, desabrocha flôres e fructos ; os murmu-  
s do arroio, antes abafados pela calada da noite,  
morejam agora entre os gazeios da aragem.  
A fazenda do Boqueirão jaz em completo so-

cego. Todos os fogos tanto na *Casa grande* como nas senzalas estão extinctos. Não se vê luz, a não ser um frouxo raio coado entre a folhagem do arvoredor. Talvez provenha da grande alampada de prata que ha na capella, e é costume accender dia e noite á Nossa Senhora em certas occasiões.

Desde alguns mezes se conservava ella accesa por ordem de Alice, que todas as tardes ao toque de ave-maria tinha por devoção ir a capella resar sua oração habitual e implorar á Virgem pelo restabelecimento de seu pai.

O primeiro gallo cantou e os outros responderam successivamente dos quintaes visinhos e das palhoças dos aggregados. Ouviram-se uns sussurros de vozes abafadas trazidos pela rajada.

Instantes depois soaram rufos de pandeiro com preludios de rabeca e frauta ao lado da *Casa grande*, onde acabava de apparecer á luz de archotes um rancho de romeiros, com seus chapéus desabados e capuses de penitentes. Sahindo do jardim onde estiveram esperando o cantar do gallo, foram collocar-se na frente do terreiro, soltando estas alvoradas ao toque da musica :

As ovelhas a dormirem  
E os pastorinhos velando,  
Quando o anjo do Senhor  
Appareceu-lhes cantando.

A voz do anjo, muito parecida com a de Alice, acodiu :

Toma o bordão,  
O' bom pastor ;  
Nasceu Jesus,  
O Salvador.

Outro farrancho de festeiros appareceu do lado opposto que tomou a mão ao descante :

Meia noite era passada,  
Já o céu a desmaiar ;  
Mas a estrella do natal  
Cada vez mais a brilhar.

Então de rumos diversos acodiram vozes que se alternaram concertando, como os dialogos de um auto. A primeira partira do poleiro, e as outras respondiam de pontos destacados :

O gallo cantou,  
« Christo nasceu. »

O boi perguntou,  
« Aonde? » E a ovelha  
Logo respondeu ;  
« Foi em Bethlem. »  
« Para o nosso bem ; »  
Disse o pastor.

Eis que no mirante da *Casa grande* surgem umas sombras alvas e tão buliçosas, que logo se percebem serem de moças. Mas o canto parece realmente angelico, pela doçura de que se repassa :

E os anjos no céu cantavam,  
Que se ouviu além da serra :  
« Gloria á Deus lá nas alturas  
E paz aos homens na terra »

Um jacto de fogo de bengala esguichou, abrindo o globo de luz em que se debuxou um molho de rostos mimosos, como esses bandos de anjinhos que se vêm a voar nas redomas de Nossa Senhora. Entre todos, porém, nenhum era tão do céu como o de Alice, cujas tranças louras esparcidas sobre os hombros e agitadas pela brisa, lembravam as plumas de ouro de umas azas de seraphim.

Entretanto o primeiro rancho de romeiros, proseguia no descante :

Já levantam-se os pastores  
E tomando seus bordões,  
No caminho de Bethlem  
Vão soltando estes pregões :

Ahi entrou o bando dos pastores, formado de moças que não eram outras sinão os anjinhos do mirante, e de mancebos que deixando as capas de romeiros appareciam agora em novas figuras. Trajavam todos roupas de linho branco e chapéos de palha com fita escarlata; os mancebos levavam na mão seu cajado e as moças uma cestinha de flôres. Iam a dous e dous, cada pastor com sua pastorinha; os primeiros eram Mario e Alice.

O bando rodeou o terreiro, parando de tempo em tempo para lançar o seu descante :

Acordai. ó boa gente

Vinde vêr a maravilha ;

T. do ipé, tomo II.

Lá nas bandas do oriente  
Como um sol, a estrella brilha.

E' a estrella de Jacob  
E' a luz da redempção ;  
Da rosa de Jerichó  
Rebentou novo botão.

De dentro da casa, do lado do caminho, e de outros pontos destacados, por onde chegavam bandos de convidados da vizinhança, surdia então esta requesta :

Que novas traseis, pastores,  
Para tantas alegrias ?  
A remir aos peccadores  
E' vindo emfim o Messias ?

Depois que todos acabaram, tornou o côro dos pastores :

O anjo o disse : — « Maria  
Esta noite deu a luz  
Na palha da estrebaria  
A seu menino Jesus. »

Eis rompem de todos os pontos grandes brados

e clamores de jubilo, acompanhados pela brimbahlhada dos sinos, e cortados pelo mugir do gado, pelo ballido das ovelhas, e alvoroço que faziam os animaes subitamente despertados com os clarrões e alaridos da festa.

Multidão de lanternas do ar, e fogaréos, que agitavam os escravos da fazenda, derramou-se pelo vasto pateo, illuminado de repente. A banda de musica dos pretos, com suas roupas agaloadas, sahiu do saguão onde estivera occulta. Ao mesmo tempo abriam-se de par em par as janellas da *Casa grande*, cujas salas nadavam em luz : e nas sacadas appareciam o barão, a baronesa, o conselheiro, o vigario e outros hospedes que pela sua idade ou posição grave não tomavam parte directa nas folias dos moços.

Quando essa grande ebullição de enthusiasmo, chegada ao auge, começou á declinar, desprendeu-se dentre os rumores festivos, este canto que levantado successivamente por todos os diversos grupos, subiu ao céo, como a effusão de um grande fervor religioso :

Vamos, vamos adorar  
Christo, nosso salvador,



Que ao mundo veio á salvar  
O seu povo pecador.

Vamos, que a virgem Maria  
Esta noite deu a luz  
Na palha da estrebaria  
Ao nosso bento Jesus.

Reunidos em um só, os differentes ranchos de romeiros, com os bandos de convidados que chegavam a cada momento, deram volta ao terreiro, e dirigiram-se á capella onde já estavam reverendo vigario em paramentos ricos, e seu acolyto o Sr. Domingos Paes, que a ninguem cedia a honra insigne de ajudar cada anno a missa de natal na capella de seu excellentissimo compadre, « o Commendador Barão da Espera. »

Durante as scenas anteriores, o Sr. Domingos Paes considerou-se obscurecido porque na representação do auto do natal, apenas lhe tocará o papel de gallo, quando elle sentia-se com força de accumular o do boi e da ovelha, accrescentando ainda o do jumento, que não figurava; omissão imperdoavel na opinião do exinico compadre, pois segundo elle, e era authoridade, o

jumento foi a trombeta que primeiro accordou a gente de Bethlem, com o zurro formidavel ; sem o que certamente passaria desaperebido o gallicinio.

Apezar da perfeição com que o compadre executara o seu *cocorocó*, essa parte, difficilima pela sua originalidade, não fora apreciada ; mas o compadre com a confiança dos grandes homens esperava a sua hora de triumpho. Era na occasião da missa, que elle ia despicar-se de toda essa gente, dando-lhe as costas, e fazendo-a levantar-se ou ajoelhar á sua feição.

O bando dos romeiros, passando por baixo dos arcos de coqueiros e luminarias, entrou na capella alvoriçando como uma chusma de abelhas dentro da colmeia. Apenas o barão dando braço á baroneza tomou com as visitas mais graduadas assento nas banquetas forradas de damasco ; o Domingos Paes, revestindo-se de um ar solemne e circulando o ambito do templo com um olhar sobranceiro, tangeu grave e pausadamente a campá, dando os tres dobres da etiqueta.

Pousando a campá ao pé do altar, tomou o gancho e accendeu as tres velas superiores do nicho

da custódia com o ar de importancia que assume um ministro em alguma cerimonia palaciana.

— A senhora tinha me promettido, D. Adelia, ser minha pastorinha? dizia emtanto o Lucio arrufado.

— Ora muito obrigado; queria que fosse procura-lo? respondeu a moça despeitada.

— Eu estava fallando com mamãe.

— Pois outra vez seja melhor cavalheiro.

D. Alina tinha arranjado de proposito aquelle desencontro; e delle aproveitou-se o Frederico para consolar-se do desengano cruel que deu a filha do barão á sua pretensão de servir-lhe de pastor naquella noite.

Do outro lado Alice sem deixar o braço de Mario sobre o qual se apoiava com um gesto de confiança e orgulho, disia commovida á seu companheiro:

— Não esteve bonito o nosso descante?

— Bonito e tocante, sobre tudo para mim. Depois de tão longa ausencia de nossa terra, ninguem faz idea do prazer que eu sinto em achar-me outra vez em seu seio, no meio destas festas singelas e destes costumes, que despertam em mim tantas recordações...

A palavra do mancebo vendou-se em uma reticencia melancholica. Alice vendo no semblante do amigo sombras de uma triste reminiscencia, que lhe pungira a alma, procurou distrair-o daquelle pensamento.

Mas o vigario de estola e casula subiu ao altar ; a missa começava.

— Ajoelhemos ! disse Alice a rir. O Sr. Domingos Paes já nos deitou uns olhos !

---



## VI.

### PRESEPIO

Ao lado do altar havia, um grande presepio, onde um habil artista de outras eras havia representado ao natural a lenda popular do nascimento de Christo.

Via-se ali no cimo de uma colina a palhoça da estrebaria ; na mangedoura sobre um molho de palha retraçada, o *Menino Jesus*, com suas roupas de cambraia. Aos lados Nossa Senhora e S. José contemplando o filho de Deus, concebido sem macula por graça do Espirito Santo.

A' parte, o jumento, dono da estrebaria em que pousara a Virgem com o seu esposo por não ter

outro abrigo ; mais longe o poleiro onde cantava o gallo, o curral do gado, o bando das ovelhas e a choça dos pastores a quem o anjo annunciára o nascimento de Christo.

Pelas encostas da collina viam-se derramados os rebanhos de carneiros, e os bandos de peregrinos que subiam a colina para adorar o Salvador.

No ultimo plano o ceo, onde brilhava a estrella de natal, e uma nuvem resplandecente em cujo seio um grupo de anjinhos cantava hosanna ao Senhor.

Ahi estava pois debuchada, a mesma tradicção, que os festeiros haviam copiado na especie de auto figurado no terreiro. Por ventura eram contemporaneos ali naquelle logar o antigo retabulo do presepio, e as cantigas com que todos os annos se festejava o natal. Um e outro, a auto e o retabulo, tinham certo cunho vetusto, que se imprime nos objectos ainda mesmo inertes, como a ruga na face humana.

Os dizeres do auto embora já bem alterados tinham um sabor de outros tempos, que destoava com o modo de fallar d'agora. Tambem as figu-

ras dos santos e pastores ainda que bem conservadas mostravam nas cores das roupas certa aspereza que provinha sem duvida do ressequido das tintas.

Como se conservaram na fazenda do Boqueirão essas reminiscencias dos usos de nossos pais cujo fervor religioso imprimia ás lendas catholicas certo cunho dramatico ?

Essas mumias de um passado extincto são mais do que se pensa a obra da mulher. Emquanto o velho se encolhe na concha de seu egoismo valetudinario ; vereis a velhinha, la no terreiro da fazenda ou na rotula da cidade, contando as historias de sua meninice as netinhas, que mais tarde, em sendo moças, levam para sua nova familia, aquelle santuario das lendas e tradições de seus maiores.

Desde a fundação da fazenda que datava o costume de festejar-se o natal com aquellas cantigas e romarias. Durante muitos annos porém, talvez pelos desgostos que sobrevieram ao antigo dono, tinha cahido em esquecimento, até que Alice ficando moça o restaurou. A menina ouvia sempre pelo natal fallarem as pretas velhas das



bonitas festas que se faziam outrora na fazenda ; e arremedarem as cantigas e representações que se davam então.

Completando os seus quatorze annos, e sentindo-se já com força de querer, Alice tentou realisar aquelle capricho que alimentava desde menina, e no proximo natal fez o primeiro ensaio. Desde então, ficou em costume ; e cada anno a festa era mais arrojada e esplendida, até a ultima que promettia exceder em riqueza e enthusiasmo á todas as outras, sem excluir mesmo as mais antigas de que havia memoria na fazenda e suas visinhanças.

Terminada a missa, começou a adoração do presepio, diante do qual se repetiram as mesmas loas do natal, pela forma porque as tinham cantado no terreiro ; com a differença de serem então as figuras do retabulo que fallavam pela boca dos festeiros.

Desta vez o Sr. Domingos Paes desempenhando não no escuro, porém no claro, o seu favorito papel de gallo teve a satisfação de ser acolhido por uma estrepitosa gargalhada, que o lisongeou. Tomado de uma nobre emulação,

o compadre enfunou-se, batendo os braços a guiza de azas. Para elle era ponto de honra exceder no arrufo ao gallo do presepio, assim como no grito ao gallo do poleiro, ainda que arreben-tasse. Os heroes devem morrer sobre os louros.

Chegou o momento das promessas.

Cada pessoa que tinha feito um voto, vinha por sua vez entregar a offerenda, e fazer a devota ora-ção. Os objectos, si eram do uso da capella, como cirios, roquetes e toalhas, eram guardados para as occasiões solemnes; si constavam de milagres de cera ou registros, ficavam suspensos nas paredes da capella aos lados do altar.

— Nhanhan ! nhanha !.. dizia a Eufrozina que á tempos se conservava atraz de Alice com uma salva coberta de toalha de linho.

A moça, voltando-se, fez á impaciente mucama um gesto de espera e continuou a assistir a scena curiosa que se representava então na capella. Os pretos da fazenda, uniformizados de calça e camisa de riscado azul com cinta de lã encarnada, passavam a um e um pela frente do presepio, ajoelhando para fazer breve oração, e cantando na sua meia lingua um louvor a Nossa Senhora.

N'essa occasião alguns depunham com devoção os objectos que traziam, para offerecer ao menino Jesus.

Quando o ultimo passou, Alice com um aceno chamou a Eufrozina, e tirou a toalha da salva, descobrindo o objecto occulto com tanto cuidado. Era um grande tapete de lã felpuda, bordado sobre talagarça em ponto de marca. Os frocos rofados ao calor davam-lhe a apparencia do veludo. O desenho era simples. Uma virgem, abraçada á cruz, e pondo no ceo os olhos cheios de fé e gratidão.

Ao descobrir a salva, a menina com um ligeiro rubor nas faces e uma doce commoção do seio, que se trahia na voz, murmurou ao ouvido de seucamarada de infancia algumas palavras mostrando-lhe o tapete dobrado ainda e pelo avesso.

— Foi uma promessa que fiz á Nossa Senhora, ha sete annos, Mario. Ajude-me a cumpril-a.

Os dois segurando as pontas oppostas do tapete o estenderam ao pé do altar da Virgem. Então Alice ajoelhando rendeu graças á sua divina proctetora pela volta de seu amigo e companheiro de infancia.

Mario viu o extase de felicidade que immergia o lindo rosto de Alice ; e sentiu-se profundamente commovido, pensando que elle era o objecto daquella prece tão pura, como ardente. No meio da graciosa assumção de sua alma, remontada ao ceo, a gentil menina volveu de relance ao mancebo um olhar supplice, repassado de ineffavel doçura.

Mesmo na prece ella sentia que estava só e separada de metade de sua alma. Mario comprehendeu o que passara no pensamento da menina ; e vexou-se de sua ingratição. Por sua vez ajoelhou aos pés do altar, ao lado de Alice ; e rogou a Deus pela felicidade dessa formosa menina, que derramava em torno de si, um como perfume de santidade e innocencia.

Entretanto choviam os elogios ao tapete e as admirações pela delicadeza do trabalho :

— Podia dar um objecto mais rico, dizia Alice erguendo-se. Não é verdade, papai ?

A menina abraçou o barão, que respondeu dando-lhe um beijo na face :

— O que tu quizessees.

— Mas eu prefiri este, que não lhe custou

nada. Fique sabendo, sim, senhor, acrescentou com um gesto faceiro dirigido ao pai. Não só foi todo bordado por minhas mãos, mas a talagarça e a lã, comprei-as com meu dinheiro.

— E esse dinheiro ? perguntou Mario.

— Ah ! Quer saber, Sr. curioso ; pois ganhei-o com minhas rendas.

— E' verdade ; acodio a baroneza descansadamente ; só ella teria essa paxorra.

— E eu posso attestar, porque fui quem vendeu as rendas, por signal que o Sr. Frederico...

— Está bom, acodiu o moço vermelho como um bago de café.

— Acredita que foi ella que fez ? murmurava D. Alina ao ouvido de D. Luiza. Qual senhora ! Foram as mucamas.

— Na rua do Ouvidor, respondia a mulher do conselheiro, compram-se já feitas, faltando apenas encher alguma carreiras. Eu creio até que vi uma igual, sinão era a mesma.

— Mamãe pensa ? disse Adelia.

A esse tempo já a illuminação da frente da *Casa-grande*, e dos outros edificios estava accesa, apresentando um aspecto encantador, com os

seus transparentes de papeis de côr e suas grinaldas de flores.

Uma ceia lauta, e sobretudo succulenta, como costumam ser os banquetes brasileiros, esperava os convidados que já enchiam as sallas de volta da capella. O barão os acompanhou a mesa unicamente para fazer as honras de sua casa, pois tendo comido apenas uma fatia de peito de Perú, recolheu-se á seus aposentos de dormir.

O estado de saude do dono da casa não lhe permittia passar a noite em claro, fazendo companhia a seus hospedes, como costumava nos annos anteriores. Já elle tinha desobedecido á prescripção do medico, interrompendo seu repouso para ouvir a missa do natal.

O barão porém receiava que sua ausencia aggravasse as inquietações de Alice, turvando o praser que ella esperava da festa preparada com tanto cuidado. Para não murchar as doces e innocentes alegrias da filha, não hesitaria elle deante de maiores sacrificios.

Alice tendo acompanhado o pai, quando este se recolheu, voltou a meza ; mas só depois que entrando de pontinha de pé no aposento do barão

certificou-se que elle resomnava, a menina despreendeu-se de sua preocupação e outra vez se entregou aos divertimentos da noite do natal.

A ceia foi arrojada ; e terminou pelo brinde a Mario e a sua volta feliz. Era para esse brinde que Alice encommendara ao conselheiro os versos ; e este, depois de parafuzar na memoria alguma quadrinha que podesse servir, se desencarregou da tarefa no vigario.

---

## VII.

### RECORDAÇÕES.

No dia seguinte depois do almoço Alice e Adelia sahiram a passeiar. Iam vestidas de uma cassa mimosa e ligeira, - com chapelinhos desabados feitos da mesma fazenda.

Era a cassa das roupas de Adelia de fino matiz escarlate, e a de Alice de um desenho verde, fingindo raminhos.

O vigario que tinha a balda de poeta anacreontico, vendo-as da janella, comparou-as ao cravo e alecrim passeiando entre as outras flores e logo fez tenção de aproveitar a idea para uma decima ou pelo menos uma sextilha.



O lyrismo do reverendo não era fóra de proposito. Realmente com aquellas roupagens frescas e transparentes, afflindo ao sopro fagueiro da brisa, pareciam as duas amiguinhas entre os recortes da folhagem, duas flores do campo a se balançarem na haste delicada de um sipó.

As meninas garrulavam sobre a festa da vespéra.

— Vas muito longe ? perguntou Adelia.

— Quero passeiar ! respondeu Alice como uma borboleta diria si fallasse « quero voar. »

— Não estás cansada ?

— Não ; nem um bocadinho.

— Pois eu estou ! disse Adelia dando uma inflexão languida ao talhe.

— Brincamos muito ! De manhã ainda se dançava.

— Ora ! Os grandes bailes na côrte acabam sempre ao romper d'alva ; já estou habituada ; não sinto ; o que me fatigou foram aquellas voltas pelo terreiro. Achas tanta graça nisso !

— E' o natal, Adelia.

— Não duvido ; mas eu prefiro dansar na sala, a machucar os pés no chão duro ; assim

como acho mais bonita uma aria italiana do que os taes descantes.

— São gostos. O teu deve ser melhor do que o meu, pois vives na côrte e eu sou apenas uma roceira; porem Mario, que veio de Pariz, pensa comigo. Ainda hontem m'o disse; e deu-me com isso um praser de que não fazes idea.

— Mario... disse a menina mastigando o nome do moço com uma reticencia ironica.

— Que tem Mario, Adelia ?

— Nada.

— Porque então este dentinho mordeu o nome d'elle como se fora um espinho de rosa que te ferisse ? Quero saber o que voce pensa a respeito d'elle, para defendel-o, Adelia.

— Ninguem o accusa, Alice ; disse Adelia sorrindo.

— Mas emfim, o que era ?

— Eu digo. Mario é um moço que não se apresenta mal : porem, si queres que eu seja franca, não parece que esteve em Pariz. Falta-lhe o *chique*.

— Não está bem á moda ?

— Justamente ; não tem certas maneiras que só se aprendem em Pariz, e que dão logo a conhecer um moço do tom. Olha ; neste ponto Lucio apesar de não ter la ido, capricha mais...

— Queres dizer que é mais adamado

— Ora é uma cousa que se conhece logo. Si já tivesses visto algum parisiense da gemma como eu, havias de notar.

— Pois não vi ? Ha um anno chegaram os filhos do Borges, um fazendeiro nosso visinho ; e eu confesso que apesar de querer muito bem a Mario, não o poderia supportar nos primeiros dias, si elle viesse feito um boneco de cheiro, como aquelles dous bobos, que la estão na côrte deitando fóra a herança do pai. Depois que remedio?... Talvez achasse bonito, porque era em Mario ; mas havia de me custar muito.

Tinham chegado a um caramanchão sombrio coberto de jasmins e madresilvas.

— Vamos sentar-nos ! disse Adelia.

— Já cançaste ?

O sol está muito quente

— Ah! tens medo que elle queimè estas duas rosas? Pois descança ali no caramanchão enquanto eu vou até o pomar ver si acho uns figos para papai. Até logo; se tiveres medo de ficar sosinha, minha *cravina*, chama para te acompanhar algum *narciso*, porque o teu *alecrim* não volta cá nesta meia hora.

— Que *narciso*, Alice? perguntou ella perturbada.

Alice fingiu não ver o enleio da outra e respondeu com uma naturalidade que desvaneceu qualquer desconfiança de remoço.

— Um desses que ahi estão defronte de ti mirando-se no tanque, ou então si preferes os jacinthos... Olha!

E a moça affastou-se.

Tanto as faces de Adelia como os figos de Alice não eram senão pretextos. Com effeito a primeira tinha por sua cutis avelludada um cuidado excessivo; e a segunda, gostava de colher por suas proprias mãos as fructas innocentes e sasonadas que o medico permittia á seu pai. Mas nem o sol estava tão ardente naquella sésta, nem tão proxima a hora do

jantar, que exigissem a separação immediata das duas amigas.

Havia outra razão.

Quando ellas atravessaram a primeira alameda do jardim, Lucio disfarçadamente separou-se do grupo onde conversava e de volta em volta, occultando-se entre a folhagem, seguia as duas moças de longe. Notou Alice que Adelia de tempos a tempos voltava-se com reboço, e vendo a amiga exagerar o canção percebeu o que havia; procurou tambem pretexto para affastar-se e deixar toda liberdade ao dois namorados, que tinham, ella o sabia, bastante necessidade de trocarem algumas palavras á sós.

Demais, Alice vira Mario sahir pouco antes de casa, e ella que toda a noite antecedente o tivera quasi constantemente a seu lado, na mesa da cêa, como na sala da dança, não se fartava de o ver, de fallar-lhe, e aproximar-se cada vez mais desse coração que por tanto tempo estivera longe della.

Perpassando subtilmente por entre o arvoredo, prescrutava aos lados do caminho os massi-

ços de verdura, com a esperança de descobrir através o vulto do moço, e tão preocupada ia que não o viu em frente, quasi a dez passos aproximando-se della pela mesma rua do pomar. Tambem elle vinha distrahido, e só apercebeu-se da presença da menina, pelo contentamento que ella mostrou :

— Até que o encontrei !

— Andava me procurando ?

— Não ; disse Alice retrahindo-se ; mas vi-o sahir logo depois do almoço...

— Quiz livrar-me um momento dos discursos do conselheiro sobre colonisação, e das perguntas dessa outra gente que me reduz ao papel de guia do viajante ou almanack europeu.

— E agora para onde vai ?

— Para a casa ; respondeu Mario com hesitação.

Elle quiz offerecer-se para acompanhar Alice, ella bem desejava pedir-lhe essa fineza ; mas em um, nem outro, se animou ; sentiam ambos certo vexame e constrangimento, lembrando-se que estavam sós, em lugar onde ninguem os podia ver, nem escutar.

Foi no meio desse enleio, que Alice profe riu

jantar, que exigissem a separação immediata das duas amigas.

Havia outra razão.

Quando ellas atravessaram a primeira allameda do jardim, Lucio disfarçadamente separou-se do grupo onde conversava e de volta em volta, occultando-se entre a folhagem, seguia as duas moças de longe. Notou Alice que Adelia de tempos a tempos voltava-se com reboço, e vendo a amiga exagerar o canção, percebeu o que havia; procurou tambem pretexto para affastar-se e deixar toda liberdade ao dois namorados, que tinham, ella o sabia, bastante necessidade de trocarem algumas palayras á sós.

Demais, Alice vira Mario sahir pouco antes de casa, e ella que toda a noite antecedente o tivera quasi constantemente a seu lado, na mesa da cêa, como na sala da dança, não se fartava de o ver, de fallar-lhe, e aproximar-se cada vez mais desse coração que por tanto tempo estivera longe della.

Perpassando subtilmente por entre o arvoredos, prescrutava aos lados do caminho os massi-

ços de verdura, com a esperança de descobrir através o vulto do moço, e tão preocupada ia que não o viu em frente, quasi a dez passos aproximando-se della pela mesma rua do pomar. Tambem elle vinha distrahido, e só apercebeu-se da presença da menina, pelo contentamento que ella mostrou :

— Até que o encontrei !

— Andava me procurando ?

— Não ; disse Alice retrahindo-se ; mas vi-o sahir logo depois do almoço...

— Quiz livrar-me um momento dos discursos do conselheiro sobre colonisação, e das perguntas dessa outra gente que me reduz ao papel de guia do viajante ou almanack europeu.

— E agora para onde vai ?

— Para a casa ; respondeu Mario com hesitação.

Elle quiz offerecer-se para acompanhar Alice, e ella bem desejava pedir-lhe essa fineza ; mas nem um, nem outro, se animou ; sentiam ambos certo vexame e constrangimento, lembrando-se que estavam sós, em lugar onde ninguem os podia ver, nem escutar.

Foi no meio desse enleio, que Alice proferiu



com um tom que procurava simular indiferença

— Pois eu vou ao pomar.

— Então até logo.

E passaram um pelo outro, mas lentamente

— Não tem medo do sol, Alice; disse Mario voltando-se.

— Não. E você já perdeu o que tinha de discursos?

— Ainda não; respondeu Mario retrocedendo agora justamente que é a hora da preamar d' aquella maré de eloquencia.

— Antes o sol, hem?

— E' verdade; vou ver a roça.

Alice outra vez sentira o mesmo acanhamento mas seu genio, e tambem seu coração, reagiram

— Venha commigo, Mario.

— Não; sua mãe não gostará.

— Papai não disse no dia em que você chegou que nós sommos os mesmos d'outro tempo, duas crianças como ha sete annos?

— Então não devo offerecer-lhe o braço? perguntou Mario fazendo o gesto.

— Não; como meninos, é que tem graça!

E Alice cerrando os folhos da saia do vestido

deu uma carreira pela relva do pomar. Que havia de fazer seu companheiro, fosse elle serio e grave como era Mario? Um rheumatismo ministerial, o que é a quintessencia da seriedade, si ali estivesse, apesar das calças asues, e da etiqueta imperial, jogava as canellas com toda a certeza.

— Oh! que vergonha! Não me apanhou!

— Você escondeu-se!

— Desculpas!... Estes figos são excellentes; eu sempre os apanho para papai! Elle gosta muito, coitado... Mario, você julga que elle ficará bom depressa? perguntou a menina com os olhos cheios de lagrimas.

Mario constrangido respondeu para a consolar:

— Acredito, Alice.

— Talvez com sua chegada.... Eu o acho muito melhor, desde hontem. O cuidado que tinha de você, por força que lhe havia de fazer mal. Deus permitta!

E Alice ergueu ao céu os bellos olhos azues, com uma expressão angelica de ternura e piedade, que deixou n'alma de Mario uma profunda commoção.

— Prove um... este que hade estar excellente. Como eu fazia quando era criança, que repartia sempre com você e lhe guardava metade de tudo quanto me davam. Lembra-se!... E assim me parecia mais gostoso... como agora! Nunca vi um figo tão saboroso: experimente!...Então?

Mario que ficara com a banda do figo na mão levou-a automaticamente aos labios: mas o que lhe pareceu realmente saboroso, foi o veludo encarnado daquella face e o mel daquelle sorriso, muito mais fino do que não era o da polpa vermelha da fructa.

— Esta figueira não é de seu tempo: foi plantada muito depois.

—Mas havia outras, pois eu me lembro que me divertia em rasgar os sacos, para deixar os passarinhos belliscarem os figos mais bonitos! Que perverso!

—E eu lhe ajudava para carregar com metade da culpa, acrescentou Alice rindo-se.

A menina tinha acabado sua colheita: e estava com as duas mãos tão cheias, que para amparar as fructas as encostava graciosamente ao seio.

— Você me corta uma folha de taioba ?

Mario volveu os olhos em torno com uma expressão indecisa no olhar.

— Que vergonha ! Não conhece mais as plantas de seu paiz. Olhe !

Rindo-se, Alice apontou com o bico da botina para a larga folha verde do nemphar que se debruçava sobre um fio d'agua. Mario ajoelhou-se para cortar a folha, si não foi para adorar a ponta daquelle pesinho que de envergonhado escondeu-se.

---



## VIII.

### A MERENDA.

O almoço fôra tarde naquelle dia. A ceia do natal acabara pela madrugada ; e depois tinha-se brincado e dançado até que a luz do sol entrando pelas janellas desmaiou a claridade das vellas.

Os convidados sentaram-se á mesa quasi que por mera formalidade, tão proximos ainda estavam da ceia ; mas o Sr. Domingos Paes julgando-se obrigado na sua qualidade de *compadre da casa*, á fazer as honras da cozinha do barão, desempenhou conscienciosamente esse dever, começando por um prato monumental de sarrabulho de porco

e terminando com uma enorme palangana de chocolate. A quantidade de solidos e liquidos que entraram na confecção desse almoço giboico ou-tinamico, não direi ; porque é uma cousa inverosimil, apesar de succedida. Ha verdades assim, condemnadas por sua natureza a passarem por mentiras. O Sr. Domingos Paes, homem sisudo si já o houve, tinha esse caiporismo : ninguem o tomava ao serio ; nem mesmo o Martinho.

Ao erguer-se da mesa, enquanto se tiravam os pratos, o compadre devorou uma salva de cava-cos e biscoutos—*para enxugar o estomago* ; dizia elle.

As pessoas da casa e os convidados entregaram-se conforme seu gosto as differentes distracções e passatempo ; uns sahiram a passeio ; outros jogavam a bagatella ou o vispora ; a baroneza travou-se com o Sr. Domingos Paes no gamão, a mil réis a ganga, pagos pelo barão que no fim de contas era o caixa de ambos.

— Sennas para começar, Sr. Domingos Paes, não viu ? disse a baroneza cobrindo os dados.

— Não vi, mas é o mesmo. V. Ex. o diz !

— Nada ; assim não quero : jogo outra vez.

— Mas agora me lembro que vi.

— Está bem certo ?

— Assim estivesse eu de tirar a sorte grande.

— Então veja como se jogam umas sennas em regra : observou o vigario que estava perúando a baroneza.

— E' capote com certeza !

— E' pena que venha tão tarde, já não serve para a missa do gallo ; disse a baroneza a rir.

— Pois fez sua falta ; o gallo esta noite me pareceu endefluxado.

— V. Reverendissima não entende disso ; retorquiu o Sr. Domingos Paes formalisando-se.

Phidias, traçando a tunica para dizer ao critico sapateiro o famoso : — *Ne sutor ultra crepidam* — não tinha por certo um ar de tão sobranceiro desdem, como do nosso compadre olhando o vigario por cima do hombro.

O reverendo julgou prudente erguer-se ; foi então que chegando á janella viu Adelia e Alice que sahiam a passeio ; e comparou-as ao *cravo e alecrim* passeando entre as flôres. A musa estava fresca e lhe acodia sem que fosse preciso dar na testa a classica palmada ; para aproveitar a ins-



piração, procurou o vigario a sombra de umas jaqueiras e ahi peripateticamente, a maneira dos pastores da Arcadia, começou o embroglio poetico donde devia sahir alguma cousa, que se chamasse madrigal.

Com o pollegar da mão esquerda escandindo as syllabas pelos outros dedos ; com a dextra suspensa a bater no ar a cadencia do verso que sahia da forja ; os olhos no Parnaso ; a mente acceza, as faces afogueadas e o toutiço em bicas ; o discipulo de Caldas , era naquelle momento uma caldeira poetica no mais alto gráo de fervura.

Emquanto o reverendo assim entrega-se ás influções da musa, as outras pessoas encurtavam as horas da sesta conversando na varanda.

Em um grupo que se ajuntara junto do barão, a conversa rolava sobre Mario.

— Que me dizem do nosso novo doutor ? perguntou o fazendeiro com certa bonanchice que animava a franqueza.

— Ah ! O parisiense ! disse com um sorriso de ironia o conselheiro Lopes.

— Como o acha ?

— Como todos os nossos moços que vão á Pariz

respondeu Lopes com manifesto desdem. As viagens á Europa, é minha opinião, só podem aproveitar á homens de experiencia, capazes de observar. Como nós, barão.

— Eu sempre disse ! acodiu D. Alina.

— Assim julga que Mario perdeu seu tempo ?

— Não digo isso; acredito que elle estudou suas mathematicas, e obteve realmente a carta de doutor que outros vão lá comprar. Mas tambem não se pôde negar que na nossa Escola Militar essa carta custaria menos tempo e menos dinheiro.

— Lá isso é o menos ! atalhou o barão com indiferença.

— Concordo com o Sr. conselheiro; disse um lavrador abastado. Filho meu não põe o pé em Pariz; o que elles vão lá aprender é a gastar dinheiro e não fazer caso dos pais.

— Isso é verdade!

— Eu bem vi um dos filhos aqui do Borges, quando chegou; fumava no nariz do pai; e na sala tinha o atrevimento de espichar-se em um sofá, deixando o velho de pé e embasbacado!

— Pois eu, observou o commendador Matios

lançando um olhar ao barão, faço tenção de mandar o meu Frederico passeiar lá por essas terras da estranja, mas depois que estiver casado !

— Isto é outra cousa ! disse D. Luiza com um sorriso assucarado.

— Nada ; é preciso primeiro cortar as azas do franguinho, antes de soltal-o do poleiro !

E o commendador acompanhou o seu gracejo com a surdina de um riso grosso e gutural.

— Si elle tivera a fortuna de achar uma moça bem educada, com habitos de sociedade.... ja dizendo D. Alina.

— Pois eu penso diversamente dos senhores, atalhou o barão ; entendo que o homem moço ou velho sempre lucra em ver paizes mais adiantados do que o seu. E' verdade que alguns rapazes por lá ficão perdidos ; e o mesmo acontece tambem aos velhuscos e até aos conselheiros, que vão russos e voltam escuros.... Mas isso não é razão ; ha muito fazendeiro que se arruina, sem que por isso os outros deixem de ir por diante.

— Não ha analogia ! tornou Lopes.

— Em tudo ha o bom e o máo. Quanto ao

nosso Mario, penso que elle aproveitou e muito. Uma cousa logo observei nelle; e foi que não tinha essas affectações na roupa, nem os tregeitos e mongangos, que todos os rapazes costumam trazer de lá. Prova de que se occupou do que era serio; e deixou essas frioleiras para os cata-ventos.

— Ora, Sr. barão, mas é uma cousa tão bonita; um moço elegante, que se veste bem. Veja o Lucio! Eu queria ter um filho assim.

— Não é por me gabar; disse D. Alina com desvanecimento. Mas nesse ponto não tenho inveja de ninguem!

— O Lucio é um bello moço! observou o conselheiro avisado pelo movimento subtil do cotovello da mulher.

— Gosto muito delle; mas acho que devia esquecer-se menos do bigodinho e da gravata; redarguiu o barão com um sorriso benevolo.

— Esses talentos da minuciosidade, são muito aproveitaveis na diplomacia. O Lucio hade fazer uma carreira brilhante.

— E Mario? exclamou o barão com um enthusiasmo que se desvendou no olhar brilhante, como

se lorigasse entre as nevoas do futuro, os triumphos que estavam reservados ao mancebo.

Mas retrahindo-se naquella expressão involuntaria, o barão disfarçou com um sorriso o seu pensamento, e affastou-se.

— As cousas se embrulham ! cochixou D. Alina no ouvido de D. Luiza. O conselheiro que abra os olhos !

— Que hade elle fazer ?

— Si podessemos conversar, que não ou vissem ; porque a gente aqui anda espiada por todos os cantos.

O barão se dirigira ao outro lado da varanda para ver o jogo da baroneza, que batia as tabulas do gamão com visivel máo humor.

O Sr. Domingos Paes estava em brazas ; a fortuna o perseguia com uma impiedade cruel ; as parselhas cahiam-lhe do copo em chorrilho ; e elle, que tanto desejava perder para divertir a excellentissima comadre, elle, que fazia uns sobre outros os maiores estropiços, ancioso de levar uma serie de capotes, estava com uma veia de felicidade insultante. Já não havia mais tentos para marcar as gangas.

Nunca o modelo dos compadres se vira em tão critica posição. O seu nariz, baromethro d'alma, pensava do verde ao escarlate e ao côr de terra. De vez em quando o pescoço fazia aquelle nó que dão os ganços quando comem ; eram os bagos vermelhos que o homem engolia a um e um para diminuir a conta dos tentos ganhos.

A baroneza fazia os maiores esforços para conter o despeito ; mas o riso sarcastico esgarçado entre os labios, e o gesto nervoso com que chocalhava os dados no copo de marfim, arripiavam o parceiro.

— Então quem ganha ? perguntou o barão.

— Ora quem hade ser ?

O Sr. Domingos Paes levantou para o barão uns olhos de martyr.

— A excellentissima está jogando o perde-ganha ; balbuciou elle.

— Arre ! exclamou a baroneza indignada com um ultimo lance. Assim até esta cadeira ganha.

Livre d'aquelle supplicio, ó Domingos Paes esgueirou-se até a sala de jantar, onde estavam de prosa a Felicia, a Eufrosina, o Martinho e a Vicencia, enquanto a ultima preparava a merenda de fructas e refrescos.

Mario era tambem ali naquelle parlatorio da copa, a ordem do dia.

— Pois gentes! Eu ca torno á dizer. O Mario não chega ao Lucio. Este sim, é moço papafina!

— Sai d'ahi, serigaita! disse o Martinho.

— Psio! Mais respeito, moleque!

— Martinho!... disse a Vicencia.

— Quem atura essas bobagens! resmungou o moleque.

— Olhe que você se arrepende! Eu não gosto de fazer enredos a sinhá!

— Vai, vai depressa, vai contar; eu tambem heide dizer a nanhá D. Alice que você chama a moço branco, assim como se chama um moleque: Mario!

— Está vendo, minha gente, como si levanta um falso testemunho. Cruzes!

— Deixa este tição! acodiu a Eufrozina. Como ganhou molhadura pela chegada do nonho Mario, que não devia ganhar....

— Tição!... ticção é seu pai de você, negro cambaio e bixento que veio lá d'Angola.... Cada beijo assim! hi! hi!

A Eufrosina, cega de raiva atirou-se ao pagem,

que fugia-lhe correndo ao redor da mesa e exasperando a mocama com as caretas que lhe fazia :

— Cada beijo, assim, como orelha de porco....

Tapurú era matto.... chegava a sahir pelos olhos.

— Eu te esgano ; só si não te pegar.

A entrada do Sr. Domingos Paes suspendeu as hostilidades, não porque a sua presença inspirasse respeito ; mas porque um signal do compadre indicara a approximação dos donos da casa.

Com effeito passaram o barão e a baroneza conversandó.

— Então não ha hoje um copinho de cerveja !

Está um calor !

— Ah ! Sr. Domingos Paes agora mesmo almoçou ; e comeu uma ruma de biscoutos para enxugar o estomago.

— E' por isso mesmo, Martinho. Enxuguei demais ; preciso molhar.

— A merenda já vae p'ra a mesa ! disse a Vicencia.

Com essa esperança consoladora, o Sr. Domingos Paes foi esperar a cerveja, em uma janella do oitão, roendo as nozes e amendoas de que enchera as algibeiras do rodaque de merinó cor de garrafa. Distraindo, estremecendo ainda á lembrar-se do gamão,



atirava as cascas nas folhas das jaqueiras proximas, quando uma voz irada o chamou á si :

— O senhor parece-me que está hoje fora de seus eixos, Sr. Domingos Paes !

Uma casca de noz tinha cahido em cheio na unha do reverendo indice, que batia a cadencia de um verso magnifico, ainda quente da forja. A dor, porém mais o susto, causados com aquelle incidente, alvoçaram por tal forma os espiritos do arcade, que o verso varreu-se-lhe da memoria completamente.

— Queira desculpar, Reverendissimo ! Não vi !... Pois eu era capaz ?

— Perder uma inspiração destas ! E o consoante que me deu tanto trabalho !... E' realmente insupportavel este homem ; não sei o barão como o atura.

O Domingos Paes estava acabrunhado com a serie de caiporismos que lhe succediam nesse dia aziago ; e procurando a causa dessa fatalidade, lembrou-se que na vespera tinha visto uma tesoura voando em cruz por cima d'elle. Pelo sim, pelo não ; o homem benzeu-se para exorcisar o agouro.

Finalmente a sineta da sala de jantar deu signal da merenda, derramando uma consolação n'alma atribulada do compadre.

## IX.

### CREANÇAS

Alice para abrigar-se do sol e arrumar os figos, procurou a sombra de uma bonita jaboticabeira, que ficava quasi no centro do pomar.

Tinham rodeado de uma especie de mesa tosca o tronco da arvore, correndo um banco em volta. Era um sitio aprazivel para passar a sesta e merendar as bellas frutas que pendiam das arvoredos. Dahi se podia ver pelo cruzamento das alamedas uma grande extensão do pomar.

Covando a folha de tayoba, que Mario lhe trouxera, a moça occupada em arranjar os figos, continuou a garrular com a mesma graciosa volubildade, que lhe servia para disfarçar o pejo de estar só com Mario :

— Esta meza também você a não conhecia? Papai mandou-a fazer ha dous annos, por minha causa...

— Que é também, si não me engano, a causa de tudo neste pequeno mundo; disse Mario sorrindo.

— Nem tanto assim! respondeu a menina com faceirice. Mas papai, esse, advinha meus desejos!... Como eu quasi sempre, todas as tardes, vinha me sentar aqui na raiz desta jabotica-beira, lembrou-se elle de fazer-me uma surpresa, e um dia achei tudo prompto, a mesa e o banco!

« — Por artes de meu condão », como dizia a fada nas historias da tia Chica ?

— Tal e qual. Fiquei tão contente! continuou a moça banhando-se em risos de prazer; ninguem imagina como eu gosto deste logar; e o senhor não advinha porque?... Esquecido!...

Mario volveu em torno um olhar profundo, interrogando a physionomia do sitio, desejoso de avivar as reminiscencias apagadas.

— Não me lembro!...

— Pois eu tinha chamado este lugar a—*arvore da lembrança*, agora ha de chamar-se—*do esque-*

cimento... para você, que para mim ainda está cheia de recordações ; é um ninho... Vê aquella pimenteira ? Ali armava você a arapuca para apanhar sabiás que as vezes me dava, e depois os soltava da gaiola por pirraça ? Não se lembra ?

—Esqueça esse peralta, Alice !

—E eu tambem não tinha as minhas birras?... Acolá embaixo daquella parreira passei uma manhã inteira chorando, porque você não queria passeiar commigo ! Esta vereda sabe onde vai dar ? Olhe, lá em baixo perto do cannival; não vê o corrego ? Um dia, eu por força queria passar para o outro lado, você me carregou nos braços...

— Ao menos desta vez fui cavalleiro !

— Espere ; apenas me deitou da outra banda, fugiu, deixando-me sósinha a gritar !

—Recordo-me, disse Mario rindo a seu pezar.

— Ah ! Já se lembra ! E o jambeiro ? lá, passando a parreira. Que estrepolias fez nhonhô Mario no dia em que eu cahi no boqueirão, donde elle me tirou com risco de sua vida ! E você quer que eu o esqueça ? disse Alice repousando no semblante do moço um olhar de inefavel doçura.

Mario se tornára de repente sério e constrangido. Por ventura aquellas recordações de sua infancia, resurgindo assim de tropel, lhe absorviam o espirito, e quem sabe si vexavam o mancebo, mostrando o estouvamento e rudeza do character do menino que elle fôra outr'ora.

Alice muito embebida no prazer de brincar com estas reminiscencias, continuou sem aperceber-se do que se passava n'alma de seu companheiro de infancia.

— Naquelle cambuazeiro, você me amarrou um dia com a sua gravata, para que eu não o acompanhasse até a casa de vovô. Mais adiante ha uma moita de pitangas... Olhe !... Está vendo ?... Acolá?... Pois ahí você se escondia para me metter medo. Mas, neste mesmo lugar onde estamos, um dia que você trouxe do mato um sagui, eu vim por detrás do tronco, deste... devagariinho, e soltei o laço com pena do bichinho, para que o Boca-Negra não o comesse.

— E era para você ! acodiu com rapidez Mario, que por um instante julgou-se transportado áquelles tempos de sua infancia agreste.

— Mas você nunca me disse ?

— Para que ?

— Eu teria tanto gosto !

— Criançadas !...

— Si era para mim, eu paguei bem a travessura, porque além de perder o sagui, você pregou-me um beliscão !... Ah ! Que forte ! Aqui, olhe !

E a moça transportada também pela vivacidade de suas recordações aos dias descuidosos da infancia, arregaçou estouvadamente a manga de cassa como fazia aos onze annos, para mostrar no braço alvo e torneado o lugar do beliscão.

— Metteu-me tanta raiva que fui contar a mamãe e mostrar a marca do braço. Ella o prendeu todo o dia de castigo na varanda ; mas eu fiquei arrependida e com tanto dó quando o vi chorar de raiva por não poder sahir, que fui lhe pedir perdão : — « Mario, disse eu, não esteja zangado commigo ; nunca mais conto nada ; você quer, vingue-se ; me dê tres beliscões bem fortes, que eu não me queixo.

— E eu dei ! balbuciou Mario de sobrolho rugado.

— Deu o primeiro; e vendo que eu não tinha chorado, deu o segundo com tanta força que me fez saltar as lagrimas em bagas. Então você soltou o braço de repente, me abraçou chorando e ... me deu um... Mas aqui na face!

O semblante da menina lavou-se em ondas de purpura: e seus labios não se animando a pronunciar a palavra, insensivelmente se tinham apinhado, dando a imagem dessa caricia, que ainda lhe accendia as faces de rubor.

— Nunca mais você me deu outro... Só quando me tirou do boqueirão, como morta, e que para me fazer voltar á vida, foi preciso soprar-me ar com sua boca. Meu Deos, que vergonha eu tive quando sube!...

Alice calou-se, tomada pelo sossobro destas recordações: meio arrependida do que dissera, querendo resgatar cada uma de suas palavras, e comtudo sentindo o coração ainda cheio a transbordar daquelle perfume de saudade que tinha destillado durante tantos annos de infancia para verter um dia no coração de seu amigo e camarada de infancia.

Mario, cada vez mais submergido no passado,

que a menina evocára, fitava nella um olhar triste e ao mesmo tempo severo, emquanto nos labios perpassava-lhe um desses pungentes sorrisos de ironia, com que a propria consciencia escarnece do coração do homem.

A menina, com a fronte baixa, temendo encontrar naquelle momento os olhos, que antes ella procurava e recebia com tanto carinho; mais uma vez soltou as azas ligeiras e subtis de sua palavra para fugir ao vexame do isolamento.

— Deixe estar; amanhã ou depois quando estivermos mais socegados de festas e mais sós, havemos de dar um passeio, bem comprido; e só para ver os lugares onde brincamos e os objectos que ainda guardam as lembranças de nossa infancia. Você já viu o Boca-negra? Está muito velho, mas ainda é o mesmo cão valente e destemido. O meu pequirá em que você corria, o russinho, tambem ainda vive. Aquillo que nos lembrava de você, tudo se conservou, até o caminho do boqueirão que papai quiz mandar tapar depois daquelle dia, mas tanto eu pedi-lhe que deixou! Tambem havemos de ir lá; nunca, nunca mais ahi voltei depois daquelle vez; mas lembro-me

8



de tudo como si fosse hoje. Agora posso ir; com você papai não tem medo; nada me succederá.

O sorriso desfolhou-se de repente, nos labios da menina, que tinha enfim reparado na singular expressão do rosto de Mario. O olhar sorpreso que lançou ao moço, fê-lo cahir em si e dominar-se:

— Alice, eu lhe peço! disse elle tomando-lhe a mão affectuosamente. Não desperte essas recordações; deixe-as dormir para sempre!

— Incommodam-lhe, Mario?

— Muito!

— Tão ruim foi para você esse tempo, que não pôde supportar nem que se falle delle? exclamou Alice com uma queixa sentida. Que você não se lembrasse mais, era natural. Esteve na Europa!...

— Essas recordações, não se apagaram de meu espirito, como você pensa, Alice. Quantas vezes, na capital do mundo civilisado, emquanto as maiores celebridades passavam por diante de mim, e o borborinho da grande cidade aturdia uma população ebria de prazer; quantas vezes meu pensamento não atravessava o oceano, para refugiar-se nestes sitios, onde vivi minha infancia; para divagar pelas mattas e campos, onde eu tantas vezes

brinquei com a morte, como uma criança louca e imprudente?

— Sómente disso é que se lembrava!

— Também via a sua imagem suave, que me seguia quasi sempre como um anjo da guarda, contra quem eu, arrastado pela tentação me revoltava de uma maneira as vezes brutal. E apesar disso você não se agastava nunca; nas minhas scismas muitas vezes seu rosto sempre meigo apparecia-me ao mesmo tempo orvalhado de lagrimas e desfeito em risos; porque a cholera em sua alma, Alice, era apenas o raio de sol que abre a flôr.

Mario parou um instante como si hesitasse ainda.

— Mas essas recordações me faziam mal!

— Saudades? perguntou Alice com ternura.

— Oh! não! A saudade é uma doce tristeza, e a minha amargava. O que me deixavam aquellas scismas não era o enlevo do passado, mas um tédio inexprimivel desse tempo que desejava não ter vivido. Sempre, depois disso, ficava-me por muitos dias a alma toldada, como a agua daquelle correjo, quando agitam o lodo que está no fundo. A razão

do homem julgava as acções do menino, e condemnava-o como uma criança ingrata e perversa!

— Ah ! Mario, que severidade!

— Mas, balbuciou o moço com a voz surda ; o mais cruel era que esse menino louco se indignava contra o homem, chamava a razão de cobardia, a gratidão de cobiça !...

Observando a sombra que estas palavras lançavam no rosto da menina, elle soffreu o impulso de suas recordações

—Esse menino louco, eu o consegui enterrar bem longe d'aqui... felizmente. Esqueça estas palavras, Alice, e deixe-me esquecer o meu triste passado. Supponha que nos conhecemos de antes de hontem. Como si eu fosse um irmão nascido em terra estranha, que depois de tantos annos de exilio, voltando a patria encontra uma linda maninha, a quem não conhece, mas ama de todo o coração!

Alice abaixou a cabeça, com um sorriso ; ella sentia que era impossivel desprender de seu passado a existencia, cujo fio se entrelaçara com a teia dourada de suas recordações de infancia.

— Si este enlevo em que tenho vivido desde que cheguei é um sonho, Alice, não me arranque á elle!.

— Não tocarei mais nisso, eu lhe prometto.

— Mas ficou triste ?

— Triste?... Não: tenho saudade de minhas saudades !... Ai, bico !...

A linda menina, com as pontinhas rosadas do polegar e indice da mão esquerda cerrou os labios ; mas pelo ricto gracioso borbulhava um sorriso encantador.

— Pois olhe, si alguma tinha razão de queixa, era eu !

— Deveras !... Havia de ser curioso !

— Quem vive de recordações não prefere o passado ao presente ?

— Nem sempre ! Muitas vezes lembrar-se não é sinão desejar ! disse Alice rapidamente, e afastando-se com direcção á casa.

— Escute !

— São horas !

E a moça desapareceu.

---

## O BATUQUE.

Adelia ficára só, abrigada á sombra do caramanchão de madresilvas, ouvindo borbulhar a fonte.

Recostada no gradil, com a cabeça descansando na mão, tomára uma posição sentimental e languida, que realçava a elegancia de seu talhe; de vez em quando um suspiro, exhalado com a mais pura expressão romantica, estufava a harmoniosa ondulação do seio coberto por fina renda.

Instantes depois ouviu crepitar uns passos nas folhas da alameda; e presentiu que Lucio estava perto della, sem comtudo dar o menor signal de aperceber-se de sua approximação.

Com effeito, o moço parára a dous passos, e hesitava :

— D. Adelia!

— Ah! Sr. Lucio! exclamou a menina fingendo espanto com uma perfeição admiravel. Não sei onde foi Alice.

Dizendo isto, a moça deu alguns passos para afastar-se :

— Desejava dizer-lhe uma cousa! supplicou o mancebo animando-se.

— A mim?

— Não sabe quanto tenho soffrido desde hontem! Estão arranjando seu casamento com o Frederico...

— E o seu com Alice!

— Mas eu sou constante.

— E os outros não?

— Pelo menos não parecem.

— Muito obrigada! E' isso o que me queria dizer.

— Não se zangue, D. Adelia. Veja si eu tenho razão ou não. Ainda hontem á noite lhe offereci o braço na occasião da ceia, e a senhora preferiu de Mario.

— O de Mario não ; o de Alice que estava com elle. Queria que aceitasse antes o do Frederico para obedecer a mamãe.

— Mas na ceia elle sentou-se perto da senhora.

— Porque ? O senhor ficou todo arrufado e não se apressou em tomar o lugar. E sou eu a inconstante !...

— Perdão, D. Adelia! murmurou Lucio.

A moça voltou o rosto para esconder uma lagrima que desfiava pela face ; mas á tempo de permittir que o namorado a visse brilhar.

Lucio ajoelhou ; e balbuciando palavras soffregas apertava aos labios a mãosinha covinhada que Adelia esquecêra entre as pregas do vestido.

Entretanto Alice que se approximára descuidosamente do caramanchão, sem lembrar-se de Adelia, descobriu o grupo dos dous moços e parou corando. Nesse momento Mario passava ; a menina chamou-o com um aceno.

Mario chegou justamente na occasião em que Lucio cingindo o talhe esbelto de Adelia pousava-lhe na face um beijo timido.

Alice e seu companheiro trocaram um sorriso.

e enrubecêram ambos. Mario movido por uma intuição admiravel do que se passava n'alma daquella menina casta e innocente, segurou o louro annel de cabellos que se enroscava pela espadua de sua companheira, e roçou nos labios e as pontas da fina meada de seda e ouro. -

Havia sem duvida naquelle gesto uma expressão de pureza e respeito ; porque longe de perturbar Alice, ao contrario darramou em seu animo uma serenidade angelica.

Oe dous companheiros se affastáram discretamente do caramanchão. Momentos depois a voz de Alice chamou Adelia; e ambas chegáram á casa justamente quando tocava a sineta para a merenda.

O vigario, vendo-as chegar, teve impetos de excommungar o seu acolyto pelo peccado da gula, pois foram as cascas de noz a causa de fugir-lhe a inspiração e perder-se o consoante. Mas o nosso poeta mettêra-se em brios; e estava resolvido a não descançar enquanto não dêsse conta da mão.

Não merendou ; jantou parcamente para não embotar a memoria ; e lá por volta de Ave-



Maria conseguiu afinal arranjar alguma coisa apresentavel, que elle decorou em tom declamatorio, preparado para fazer o improviso em regra quando as moças entrassem na sala do baile.

Já a claridade das luzes inundava as salas apinhadas de convidados, e o vigario afinava a garganta, quando as duas amigas apparecêram deslumbrante de formosura e mocidade. Mas... Que decepção para o nosso vate! O vestido de Alice era azul celeste; o de Adelia côr de ouro.

Como encaixar o madrigal do cravo e do alecrim?

Nesse momento, nem de proposito, o nome do Sr. Domingos Lopes soava nos quatro cantos da sala. Aqui reclamava-se o compadre para dansar com uma gorducha donzellona; lá para servir de *vis-à-vis*; além para parceiro do solo; e do outro lado para tirar duvidas ácerca de um facto succedido na villa.

O vigario metteu-se n'um canto; e desde esta noite começou a ruminar a idéa de bandear-se para a opposição, afim de derrocar a influencia do barão, protector do Domingos Paes.

Entretanto ao som da banda de musica da fa-

zenda e dos risos folgazões, os pares pulavam na sala entremeiando o ril e o miudinho ás monotonas quadrilhas francezas. Duas pessoas sobretudo apreciavam essa variedade das dansas : era Adelia e Lucio a quem as mãis haviam prohibido dansar juntos mais de uma quadrilha.

As dez horas da noite suspendeu-se a dansa, enquanto o barão e a familia acompanhadas pela conviva iam dar cumprimento á uma usança, estabelecida desde tempos remotos na fazenda do *Boqueirão*, e adoptada em outras com alguma differença.

Na noite do natal os pretos da roça tinham licença para fazer tambem seu folguedo, e os senhores estavam no costume de por esta occasião honrar os escravos, assistindo a abertura da festa que principiava pelo infallivel batuque.

No meio de archotes e precedido pela banda de musica, seguiu o rancho para a senzala, onde repercutia o som do jongo e os adufos do pandeiro. O barão ia adiante com a baroneza, e conversava com a filha, que as vezes enfiava-lhe o braço direito, dando o esquerdo a Mario.

Aproveitando-se da confusão, o conselheiro se

deixára ficar atraz com D. Alina que lhe disse algumas palavras entrecortadas de reticencias, e banalidades trazidas pelo receio de que a escutassem.

— Já reparou na Alice ?... E' preciso que o barão ponha cobro a isso ; elle faz todas as vontades a filha ; e quando menos pensar está a menina casada com o Mario.

— Acredita nisso, D. Alina?

— Pelo geito que vão tomando as cousas.

— Não tenha receio.

— Em todo caso a gente não se deve descuidar.

O senhor é meu advogado...

— Sem duvida !

— Que prazer não teria eu si no mesmo dia se fizessem aqui dous casamentos, o de meu Lucio com a Alice, e o de sua Adelia com o Frederico. Mas si por infelicidade um desmanchar-se...

—Entendo D. Alina. ! disse o conselheiro com um sorriso.

Tinham chegado ao quadrado cuja frente illuminada esclarecia o terreiro. A um lado por baixo de um toldo vermelho estavam arrumadas as cadeiras trazidas da *Casa grande* para dar assento ao barão e seus convidados.

O geral dos escravos trajava suas roupas de festa; havia porém uma porção delles adornados com trajos de fantasia, uns á moda oriental e outros conforme os antigos usos europêos; mas tudo isso de uma maneira extravagante, misturando roupas de classes e até de povos differentes. Assim não era raro ver-se um cavalleiro portuguez de turbante, e um mouro com chapéo de tres bicos.

Depois da algazarra formidavel com que foi saudada a chegada do Senhor, começou o samba, mas sem o enthusiasmo e frenezi que distingue essa dansa africana, e lhe dá uma semelhança do mal de S. Guido; tal é a velocidade do remexido, e redobre das contracções e trejeitos, que executam os pretos ao som do jongo.

A presença dos brancos impunha certo recato: do qual se pretendiam desferrar apenas se retirasse o senhor, e se desarrolhasse o garrafão escondido debaixo do balcão de ramos.

O conselheiro que não perdia occasião de angariar as sympathias dos fazendeiros de quem dependia a sua reeleição fez um discurso a respeito do trafico.

— Eu queria, disse elle concluindo, que os philanthropos inglezes assistissem a este espectáculo para terem o desmentido formal de suas declamações, e verem que o proletario de Londres não tem os commodos e gozos do nosso escravo.

— E' exacto; disse Mario. A miseria das classes pobres na Europa é tal, que em comparação com ellas o escravo do Brasil deve considerar-se abastado. Mas isso não justifica o trafico, o repulsivo mercado da carne humana.

— Utopias sentimentaes !...

— Perdão ; eu comprehendo que nos primeiros tempos da colonisação o trafico fosse uma necessidade indeclinavel. A sociedade humana não é uma republica de Platão ; mas um ente movido pelos instinctos e paixões dos homens de que se compõe. Eram precisos braços para explorar a riqueza da colonia; o europeu não resistia ; o indio não sujeitára-se ; compráram o negro : mais tarde o trafico tornou-se um luxo, e produziu um mal incalculavel porque radicou no paiz a instituição da escravatura.

O conselheiro ouviu desdenhosamente ao mancebo ; e longe de mostrar-se benevolo pelo joven

talento, ralava-se, vendo outrem disputar-lhe a atenção, que até então lhe pertencia exclusivamente. Pensando no que lhe dissera D. Alina ha poucos instantes, o nosso publicista considerou grave a situação.

—E' muito capaz de apresentar-se candidato na proxima eleição ! murmurou comsigo o Sr. Lopes.

Entretanto o barão retirava-se com os convidados no meio dos applausos e saudações dos escravos que formando alas os acompanhavam até a *Casa grande*. Na passagem as pretas mais idosas que tinham visto nascer Alice, e porisso usavam com a menina de certa familiaridade, dirigiam-lhe estas palavras:

— Agora sim, nhanhã está contente !

— E mesmo; nhô Mario já chegou !

— Festa grande não tarda !

— Batuque de tres dias !

— Benza-os Deos !.. Feitinhos um para o outro!

— E' um anjo com um serafim !

Alice enrubecendo sorriu-se para Mario; mas vendo a expressão de contrariedade que ressumbrava em sua physionomia, reprimiu os gracejos indiscretos levando o dedo á boca.

— Nem mais palavra, sinão fico zangada!

O barão que attendêra ao incidente voltou-se a meia voz para dizer á filha :

— Porque Alice ? porque elles desejam que sejas feliz.

Duas pessoas empallidecêram ouvindo estas palavras ; Mario e D. Alina. Quanto a Alice, commovida e tremula, estreitou-se ao flanco do pai e lhe murmurou baixinho.

— Que é isto agora, papai ?

---

## XI

### A ROSA.

Alice e suas amigas brincavam no jardim, umas folgando o jogo dos cantos, outras escolhendo flôres para os remalhetes que deviam ornar a capella e a ceia do anno bom.

Era dia de S. Silvestre; já tinha tocado uma hora da tarde no sino grande da fazenda.

Lucio de esperto se encaixara no jogo dos cantos, onde as corridinhas, os sustos e os logros lhe offereciam frequentes occasiões de apertar a mão de Adelia, roçar-lhe as espaduas, e cingir-lhe a mimosa cintura, sem que isso causasse o menor reparo. Semelhante confusão é o chiste do jogo.

Alice tendo transformado o Sr. Domingos Paes em nma especie de jarra ambulante, mergulhan-



do-o em um formidavel molho de flôres que elle mal abraçava ; deixou-o no meio do jardim, como um vaso de barro cosido ; e chamou para servir-lhe de parelha ao Frederico. Foi um meio de desembaraçar a amiga da presença do moço, que naturalmente acanhava a ella e ao Lucio.

As duas meninas traziam o mesmo trajo do dia de natal, com uma pequena modificação. Alice, sobre o vestido de raminhos verdes deitara um cinto de flôr de alecrim, e Adelia ornara o seu vestido escarlate com laços de fita verde.

A chegada de Mario transtornou completamente o bem combinado plano. Alice contente por ver seu companheiro de infancia não occupou-se mais sinão delle. Frederico aproveitando-se da distracção da moça, accumulou sobre o Domingos Paes a sua carga de flôres, e voltou ao jogo, pelo que Lucio retirou-se, agastado com Adelia por não fazer outro tanto.

Desde alguns dias, Mario andava arredio da familia do barão e da sociedade reunida na *Casa Grande*.

Pretestanto o desejo de visitar os sitios que vira outrora, na infancia, e percorrer os arre-

dores, pouca ou nenhuma parte tomara nos folguedos e divertimentos em que se passara o intermedio do natal ao anno bom.

Imagine-se pois qual devia ser o contentamento de Alice vendo apparecer o moço no jardim. Correu a seu encontro desfeita em risos e tão alvoraçada de prazer, que não reparou na estranha phisionomia que tinha Mário naquelle momento. Sob a mascara polida que a educação impõe ao homem da boa sociedade ; via-se bilhar em seus olhos o livido lampejo da tormenta, e borbulhar em seus labios a gota de fêl.

— Já sei que vem me ajudar á fazer um ramallete para esta noite! De que hade ser, de violetas ou de cravos brancos ?

—O Sr. Frederico é mais proprio para essa tarefa. Não quero usurpar direitos alheios !

O tom, mais do que as palavras, feriu o coração de Alice, magoada pelo frio desdem com que Mário lhe respondia.

— Enfadou-se comigo ?

— Enfadar-me por tão pouco.... Não senhora ; era preciso que não tivesse outras cousas e bem serias para occupar-me o espirito.

Ditas estas palavras, o moço affastou-se de Alice com uma cortesia delicada mas glacial, e aproximou-se do lugar onde brincavam os quatro cantos. Recostado ao tronco de uma arvore, entreteve-se durante algum tempo em ver o folgado, trocando algumas palavras, com Adelia e Frederico.

A filha de D. Luiza á pouco e pouco tomou interesse na conversa do moço e deixando o jogo veio sentar-se no banco de relva proximo á arvore onde elle se apoiava. Mario, até então sobrio na conversação e reservado no trato, revelou nesse dia a vivacidade de seu espirito e a distincção de suas maneiras. Contou impressões e curiosos incidentes de viagem com uma fraze singela e amena, que a todos encantava.

Adelia, surpresa da preferencia que lhe dava o engenheiro, mostrava-se em principio acanhada ; mas a pouco e pouco attrahida pelo prazer da conversação, correspondeu ás delicadas attentões do moço ; pelo que Lucio e Frederico se afastaram arrufados.

Entretanto Alice continuava maquinalmente na sua colheita de ramos, observando de parte a conversação animada dos dois moços. Ainda possuida

pelo assombro que lhe causaram os modos estranhos de Mario ; a menina perdia-se em conjecturas sobre a rasão dessa brusca mudança. Teria o moço levado á mal que ella chamasse o Frederico para segurar as flôres junto de si ?

Na esperança de apagar do espirito do moço aquella sombra de ressentimento, qual fosse a causa, a menina fazendo uma volta pelos alegretes do jardim, aproximou-se hesitando do banco onde estava Adelia sentada.

A filha de D. Luiza que fazia os ultimos gastos da conversa animada que tivera com Mario, continuou sem interromper-se, ou porque não se apercebesse da presença da amiga, ou por não receiar-se de ser ouvida.

— Já vae ? perguntava ella com certa inflexão entre carinhosa e zombeteira, cheirando uma rosa que tirou do decote.

— Si me demorar mais tempo, póde haver alguma catastrophe : respondeu Mario sorrindo. Felizmente não está admittido entre nós o uso do duelo, o grande recurso dos romancistas, sinão podia gabar-me de ter neste quarto de hora aranjado uns dois pelo menos.

— Que pena ! E fico eu sem esse triumpho ?

— Não lhe faltarão outros mais esplendidos.

— Nenhum vale este ! acodiu Adelia brincando com a flôr e roçando as petalas nas faces.

— Depois desta, vou-me decididamente embora.

— Pretende se eclipsar de novo deixando-nos ás escuras, como estes dias passados em que ninguém o viu á não ser no jantar e isso mesmo de relance ? Onde andou todo esse tempo ? Passeiando.... só?... perguntou Adelia com o mesmo tom de maliciosa affabilidade.

Mario ficara pensativo.

— Passeiando ; repetiu elle quasi maquinalmente.

— Tanto lhe aborrecem as nossas reuniões, que o senhor prefere ver os mattos ! Pela minha parte agradeço-lhe a fineza.

— Nem sempre, D. Adelia, é essa a causa de nos affastarmos.

Estas palavras foram ditas com uma entonação profunda.

— Qual é a outra ? inquiriu a moça reparando na expressão de Mario.

— Algumas vezes é ao contrario o terror de uma seducção funesta, que nos faria esquecer os mais santos deveres. E' preciso então fugir, abrigar-se no seio das florestas, no regaço das recordações da infancia, nesse berço de nossa alma, onde a natureza a acalentou nos primeiros annos da vida. E' preciso ver os sitios e os objectos que foram nossos camaradas de infancia, com quem brincamos, e que, amigos leaes, guardaram puras e intactas as nossas confidencias pueris, o segredo de nossas paixões de menino. Parece com o exilado quando volve a patria, esse homem que remontando o curso da vida se transporta aos dias de sua infancia e....

Subito, Mario que se deixara arrebatado pela expansão de um sentimento recalcado no intimo, soffreu a palavra e tornou a si daquella emoção. Outra vez o toque do jovial galanteio se derramou pelo semblante do moço.

— Não procure pois outro motivo. Foi com medo da tentação que me escondi. E veja si não tinha razão? A' que tempo estou para ir-me embora e sem animo de afastar-me?...

Adelia tomada pela expressão grave que ressum-

brava na phisionomia do mancebo, emquanto elle fallava de sua infancia, deixára inadvertidamente resvallar entre os dedos a rosa com que antes brincava. Despertada pelo novo gracejo, respondeu com um sorriso :

— Então sempre cahiu na tentação ?

— Como resistir, si estou preso por este condão, Veja ?

E Mario mostrou na gola do fraque, preza á casa do botão, a rosa que elle havia rapidamente apanhado do chão aos pés da moça.

Um som indeffinivel, como de um soluço ou gemido suffocado. escapou-se dos labios de Alice, envolto em um riso angustiado. A menina sentira trincar-lhe o coração o dente de um aspide, ao ouvir as ultimas palavras de Mario ; com a vista escura pela vertigem, foi obrigada a segurar-se ao ramo de um arbusto para não cair.

Antes que os outros se apercebessem de seu abalo, a menina fazendo um esforço recuperou, não a calma, porém a resignação.

— Fica, Adelia ? perguntou á amiga com um timbre doce, mas triste.

— Não ; vamos todos.

— Com licença ; disse Mario indo-se

Alice vendo affastar-se Mario, sentiu um contentamento inexplicavel, no meio da tristeza que se tinha derramado em sua alma. Lembrou-se que separando-se della embora, o mancebo affastava-se de Adelia ; e portanto naquelle momento ao menos não trocariam os olhares e sorrisos que ella observava.

---



## XII

### RESURREIÇÃO.

Era impossivel a Alice atinar com a causa da subita mudança de Mario.

O proprio mancebo, si o interrogassem, talvez não conseguisse explicar a revolução profunda, que durante os ultimos dias se tinha operado em seu moral.

Apartando-se na idade de 15 annos da fazenda do Boqueirão ; era natural que a impressão dos lugares onde passara a infancia, fosse a pouco e pouco diminuindo em seu espirito adolescente ; e com essa impressão as recordações das travessuras e despeitos de sua meninice.

O que a ausencia começara, completou a curiosidade soffrega de uma intelligencia vivaz, trans-

portada repentinamente da solidão de uma fazenda ao bulício de uma grande cidade, como o Rio de Janeiro. O aspecto dessa aglomeração de casas e povo; o tumulto incessante das ruas; a exuberância febril da vida á pullular em toda a parte, pelos mil poros da grande praça mercantil; aturdiram o menino, por modo que durante muitos mezes seu espirito sentiu um como azoamento.

Mal se ia habituando ao constante borborinho que o cercava e fervia dentro no proprio collegio frequentado por cerca de trezentos alumnos; quando occorreu o fallecimento de D. Francisca, victima da molestia de peito que padecia desde annos.

Apesar de seu genio secco e rispido, Mario amava estremosamente sua mãe. Sem estrepito, nem manifestações ruidosas, curtiu a dôr da perda que soffrera. Talvez não o vissem lamentar-se ou soluçar no dia da noticia; porém muito tempo depois, ainda o menino de vez em quando sentia os olhos molharem-se de repente, e um suspiro cortar-lhe a voz.

A morte de D. Francisca determinou uma resolução, que veio a influir na existencia de Mario.

Tendo-se incumbido do futuro do menino, o barão lembrou-se de manda-lo a Europa, afim de concluir seus estudos em um collegio francez. Por ventura esperava elle que a residencia por muitos annos em um paiz estrangeiro, e a influencia de idéas e costumes diversos, gastariam no character de Mario certas asperezas, e apagariam no seu espirito vagas suspeitas que lhe tinham imbuido em tenros annos.

Passando da capital do imperio á capital do mundo, teve o menino segundo e talvez maior aturdimiento. A grande cidade, hoje manietada pelo inimigo e prestes a baqueiar, estava então na intensidade de seu fulgor. Nenhum estrangeiro penetrava nesse grande foco da civilisação, que não soffresse um deslumbramento.

Mario, adolescente ainda, tolhido não só pelo natural acanhamento da idade, como pela vigilancia dos correspondentes; não podia conhecer as delicias dessa voluptuosa Babylonia, cuja devassidão a cholera celeste se preparava á punir, suscitando o velho espirito germanico do pó daquelle terra, donde sahiram outr'ora os demolidores de Roma.

Todavia a electricidade moral dessa atmosphera communicava-se a alma do menino e produzia nella choques e repercussões intimas que brandiam as fibras mais reconditas de seu organismo. Elle não via, mas pressentia, que em torno de si agitava-se o tropel de uma civilisação chegada ao apogeu.

Sucedeu o que esperava o barão. Um espirito joven, ao despontar da juventude, não podia resistir a abalos, capazes de subverter uma alma já adulta e um character formado. Desprendendo-se da primeira quadra de sua infancia; talvez sopitando-a apenas; o menino foi se moldando pelo exemplo da nova sociedade em cujo seio vivia, e pelo influxo dos conhecimentos que rapidamente adquirira; porque sua intelligencia como a semente cheia de seve, cahindo na leiva na civilisação, começara logo a pulular com viço admiravel.

Mais tarde, já passados os dezoito annos, depois que a vida do homem transpõe esse breve limbo que separa a mocidade da adolescencia: quando o homem apenas surgido das illusões, attonito de si mesmo, coteja-se como o menino que era hontem, e a creança que foi outr'ora; nesses momentos de

asculção d'alma, as reminiscencias dos primeiros annos refluíam de chofre ao coração de Mario, e submergiam por instantes as impressões da vida parisiense e as preocupações do moço estudante.

Essas evocações de um passado que parecia extincto vinham involuntariamente; e muitas vezes por um singular contraste em occasiões que pareciam mais proprias para impedi-las. Em uma festa; nos theatros e passeios mais frequentados; no meio dos ledos ruidos da multidão em jubilo; o pensamento isolava-se-lhe irresistivelmente desse mundo repleto de commoções e prazeres para ir em demanda daquelle canto obscuro, que fôra o ninho de sua alma implume.

Despertando afinal, Mario sentia sempre, como dissera a Alice, um desgosto profundo. Aquella introversão vascolejava-lhe o fel dentro d'alma. O mancebo de animo generoso e delicado revoltava-se contra o genio irritavel e rustico do menino que tinha sido. Muitas vezes corou de vergonha recordando alguma pirraça mais censuravel de seus primeiros annos.

Tinha elle o direito por simples e vagas suspeitas, de odiar o barão a quem devia a subsistencia

de sua e sua? Não era indigno d'elle que aproveitava do beneficio, em vez de se ennobrecer pela gratidão, ao contrario se rebaixar por um despeito insultante? Fôra justo além disso estender a culpa, si culpa houvesse, á toda a familia desse homem, e até a uma innocente menina, a um anjo que o estremecia, como á irmão, e a quem elle proprio Mario apesar de sua arrogancia queria bem?

O estigma que o mancebo inflingia á sua infancia era nimiamente severo, mas elle achava-o justo. O que o dominara naquelles primeiros tempos, não fôra o respeito e amor á memoria paterna; mas inveja de ver possuida por outrem uma riqueza que elle acreditava pertencer á sua familia.

Entretanto não se deixava o passado condemnar sem reagir com energia. Uma voz intima, submissa, vaga, mas incessante como o estalido da filtração que mina gota a gota do coração do rochedo; voz de mofa, importuna e ironica, murmurava-lhe:

— Chamas inveja á repugnancia que a virtude experimenta pelo crime; grosseria, ás repulsas da dignidade ultrajada; loucura, ás angustias e tri-

bulações de uma criança, forçada pelo desamparo a aceitar a subsistencia da mão que talvez assassinou-lhe o pai e a receber como esmola humilhante as migalhas de uma riqueza que talvez lhe foi roubada! Não ha duvida! o Sr. Mario Figueira civilisou-se! Adquiriu essa admiravel sciencia que ensina a ir com o mundo; a aceita-lo como elle é realmente, e não como o sonham os moralistas. O barão, alma de tempera antiga, typo raro da amizade, lembrado dos beneficios que devia a José Figueira, se disvella em proteger o filho de seu amigo. E' essa a realidade da situação. Porque pois o Sr. Mario Figueira não hade affagar um tão nobre e generoso patrono, e tirar d'elle todo o proveito possivel enquanto não apparece causa melhor? Si no futuro se descobrir que o barão espoliou com effeito a seu amigo, melhor, porque restituirá o que roubou; si nada se descobrir, ao menos não se perdeu tudo!

Debalde porfiava Mario por suffocar essa voz sardonica, ou com as elocubrações do estudo ou com o torvelinho do baile; o latejo da consciencia batia dia e noite á todo o instante como a pulsação de uma arteria. Só depois de algum tempo quando se apla-

cava o tédio deixado pelas recordações da infancia, calava-se o echo do passado.

Semelhantes crises com o correr do tempo se tornaram mais raras e no ultimo anno da estada do mancebo em Pariz não se reproduziram; ou porque o tempo gastasse aquella corda d'alma; ou porque as preocupações de estudos mais graves e da proxima volta á patria, lhe tomassem todo espirito por forma que não deixava presa para outros cuidados.

Tendo obtido o bacharelado em engenharia, como tres annos antes o obtivera em lettras; Mario regressou a final ao Brazil depois de uma ausencia de cerca de sete annos.

O alvoroço de rever a patria, que alias era uma desconhecida para quem a deixára menino e vindo de uma fazenda do interior; o atractivo das festas do natal em que elle, quazi estrangeiro, farto dos bailes e divertimentos parisienses, achava o encanto da novidade e um perfume ingenuo e agreste que penetrava-lhe os seios d'alma; o acolhimento da familia que o recebeu como á um filho, e mais que tudo a affectuosa ternura de Alice, tratando-o com a meiguice respeitosa de uma irmã pelo irmão



mais velho ; essas doces emoções, absorveram tanto a existencia do moço nos primeiros dias, que seria impossivel ás recordações surdirem do jazigo do coração onde estavam acamadas desde tanto tempo.

Mas de repente começou Mario a sentir as vibrações do passado ; e era a voz carinhosa de Alice, que sem o saber feriu n'alma de seu camarada de infancia aquellas teclas dolorosas. A ingenua menina obedecia á necessidade de expansão, irrisistivel depois de tão longa ausencia. Todas as saudades que durante sete annos ella tinha escondido em seu coração de menina ; agora desfraldavam as azas e borboleteavam em sua imaginação, affagadas pelo doce alumbro da esperanza.

Mal sabia ella que essas recordações, si eram em seus meigos sonhos, sylphos de azas douradas, se transformavam para Mario, em vespas que pun-giam-lhe os seios da alma. Por diversas vezes o mancebo soffreu aquelle intimo remordimento, e conseguiu abafa-lo, até que a insistencia de Aliceno pomar arrancou-lhe, máo grado, a revelação da luta que desde muito se travava nelle, entre o presente e o passado ; entre o homem e a criança.

A gazil affabilidade de Alice e sua gentileza,

tinham já serenado o espirito de Mario, quando por occasião do batuque dos pretos, um incidente veio exacerbar todas as nobres susceptibilidades dessa alma. Foram as alluzões feitas pelas negras velhas ao casamento de Alice com elle; facto que ellas tinham como certo e proximo. Foi a tolerancia com que a familia desde seu chefe deixou passar aquella indiscreta liberdade. Mas sobretudo, impressionaram ao moço as palavras que o barão deixara escapar nessa occasião.

Affigurou-se á Mario que seu casamento com Alice era um projecto já resolvido pela familia, e divulgado entre os estranhos, ignorado unicamente por elle de cujo destino dispunham sem darem-se ao trabalho, não só de consultal-o, mas até de prevenil-o. Contavam com seu consentimento, como cousa infallivel. Um moço pobre, educado por caridade, sem arrimo nem futuro, podia nunca recusar o mais rico dote daquelle municipio quando lh'offerecia de mão beijada e com uma noiva tão bonita ?

Esta supposição, alias em boa parte inexacta, trabalhou o espirito do mancebo durante o resto da noite. Por mais que fizesse para corresponder

às effuzões de Alice, partilhando seu contentamento ; embora se atirasse á dança com o sentido de atordoar-se, não lhe sahiam da mente aquellas repugnancias, que ahi se tinham insinuado.

No dia seguinte Mario ergueu-se ao romper d'alva. A noite fora para elle de insomnia : passara-a revolvendo o corpo no leito, e o pensamento nas cinzas do passado. Devorava-lhe o seio uma sede immensa de luz, de espaço, de movimento.

Desceu no jardim ; sem intenção formada, levado por um forte impulso, fez uma longa excursão pelos matos e campos, visitando os sitios de que tinha guardado a lembrança ; reconhecendo outros que havia de todo esquecido ; notando as mudanças operadas durante a ausencia nos objectos seus conhecidos. Aqui era um tronco morto que o fogo abrazara ; ali um arbusto que se fizera arvore.

Deu-se então um phenomeno mais commum do que se pensa ; uma especie de ressurreição moral. Quantas vezes a indole natural do individuo, sopitada pela educação, tolhida pelas circumstancias, não resurge mais tarde com extrema vehemencia !

Ao contacto daquellas devezas, no fundo desses campestres, Mario sentiu que outro ser, differente,

crescia dentro do seu, insinuava-se pelos refolhos d'alma, e tomava posse delle ; e este ser não era senão o do orphão que outr'ora ali vivera.

A alma desse menino ficara em hybernação no seio daquelle sermos; e despertando agora depois de longos annos de entorpecimento, voltava á animar o corpo onde outr'ora habitara. Mario a bebia a fragos, no ambiente que inspirava, na fragancia das flores, nos estos da brisa, nos borbotões da luz que jorráva no espaço.

O dia inteiro, o mancebo passou-o no campo ; almoçou fructas do matto como tantas vezes fizera outr'ora ; e em vez de jantar merendou na cabana de Benedicto.

Quem nessa noite se recolheu á *Casa grande* não foi o joven doutor chegado ultimamente da Europa; mas o orphão de outr'ora com todas as suas paixões.

---

### XIII.

#### O PATO.

Estavam todos reunidos á espera do jantar, quando entraram Alice e Adelia.

O vigario, que da janella espreitava essa occasião solemne, promoveu dois passos até o meio da sala; collocando-se em frente da porta onde assomavam as duas moças; ahi as fez parar com um gesto amplo, e bateu palmas para concitar o silencio e a attenção geral.

Afinada a garganta e preparada a posição pindarica, o vate fluminense, erguendo a mão rochunchunda, com o polegar e o indice apertados foi desfiando o seu verso :

Entre as florinhas mimosas  
Que brilham neste jardim,  
São tidas por mais formosas  
Este cravo, este alecrim.

— Bravo! bravo! gritaram de todos os lados.

O Sr. Domingos Paes que tinha preparado essa ovação para entrar nas boas graças do vigário, fez um barulho infernal, pois tanto batia palmas com as mãos, como pateava com os pés; e por fim, não contente com o estrepito que produzia, tocava piano por um modo original. Sentava-se no teclado e erguia-se á semelhança de um deputado neutro, que desejando estar bem com o deus-governo, e com o diabo-oposição, procura resolver com as ancas o que não comporta a cachola; o difficil problema de votar por um e outro, a contento de ambas as partes.

Ao toque da sineta, que o Martinho tangia com verdadeiro *brio*, o rumor não se aplacou; mas rolando como o ribombo de uma salva foi perder-se na sala de jantar, onde os convidados já começavam a rodear uma longa mesa de cincoenta talheres carregada das iguarias mais finas da cozinha brasileira.

O vigario, infunado como um Perú de roda foi-se repimpendo na cadeira de honra á esquerda da baroneza que tinha á sua direita o conselheiro, eclipsado nesse dia pelo triumpho poetico do nosso reverendo. Mas o Cicero parahybano não se deixava abater com qualquer revez; e nesse momento mesmo ruminava o discurso de uma saude com que procurava desbancar em prosa o verso rançoso do arcade vassourense.

O lugar habitual de Mario era entre Alice e Adelia. Como porém elle a pretexto de passcio faltasse duas vezes nos ultimos dias, o Lucio e o Frederico, aproveitando-se daquella sinalepha encartavam-se á maneira de virgula.

Fazendo-se de desentendido o Frederico já se apoderava da cadeira reservada, quando Alice observou-lhe :

— Este lugar é de Mario.

— Ah! é verdade; como estava distrahido; acodiu o moço levantando-se.

— Mario!... disse Alice com uma doce exprobração no olhar.

Mario já se tinha sentado á esquerda de Adelia:

— E' uma ordem? perguntou o moço gracejando.

Mas dentro do sorriso que envolvia sua fineza, sentiu Alice o dardo de uma ironia cruel.

Não respondeu.

— Então!... disse o Frederico preparando-se para tomar a posse embargada.

— Perdão! atalhou Alice. Sr. Domingos Paes?

— Prompto! exclamou o compadre com a pontualidade da disciplina militar.

A voz porém era surda porque rompia a custo entre a massa compacta a que já estava reduzida na boca do cometa, uma meia duzia de azeitonas com duas colheres de farinha, e a moela torrada de um frango. O compadre conhecia o valor ao tempo, sobretudo na mesa; e por isso ia debicando nas proximas tarrinas para dissipar uns agastamentos de estomago produzidos por flatos, que se exacerbavam com o vacuo.

— Faça favor de sentar-se aqui para trinchar o pato! disse Alice. Esse lugar fica para o Sr. Frederico.

O pato a que se alludira estava bem distante; mas o Martinho á um aceno da nhandã foi busca-lo e o substituiu á torta collocada em frente do lugar primeiramente destinado para Mario. Depois, por



uma evolução habil, Alice aproveitando-se da confusão passou Adelia para sua direita, e collocou o Sr. Domingos Paes á sua esquerda. Assim não ficava ella ao lado de Mario ; mas tambem não o deixava junto de Adelia.

O compadre sentou-se, lançando um olhar fulminante ao pato frito, que trescalava diante delle no prato de travessa. Condemnado a trinchar em todos os banquetes esse palmipede ; o Sr. Domingos Paes suava pelo topete antes de acertar com as juntas da aza ou da coixa. Em sua opinião, mais adiantada que a Buffon e Cuvier o pato era um animal inteiriço, feito de um só osso.

Succedia quasi sempre algum desastre no trincho da ave ; ou era o molho que se entornava pela toalha e salpicava o vestido de alguma senhora, ou eram copos e garrafas quebradas pelo safanão do garfo, ou finalmente alguma tremenda cotovelada no nariz do vizinho.

Provinha dahi o rancor profundo que o Sr. Domingos Paes votava á raça dos patos. Elle não via um desses malditos palmipedes que não se possuísse de furor ; e sem duvida mataria o infeliz, si não o horrorisasse a só idéa de que seria talvez con-

demnado ao supplicio de trincar o cadaver de sua victima.

Não deixava por isso o Sr. Domingos Paes de enterrar-se no pato, quando achava occasião ; ao contrario tinha um prazer indizivel em devorar as carnes do inimigo e trincar-lhe as entranhas. O compadre começava sempre arrecadando como privilegio seu, o coração, a moela e o figado da ave, que o cozinheiro pregava na titella com um palito de rosetas, reunindo o util ao agradável ; bocado saboroso que era considerado pelo trinchante como uma especie de propina do officio.

Entretanto, os convivas depois da primeira investida ao banquete, começavam a moderar o ardor e denodo. Até então, entre o tinir dos pratos, o trincar dos garfos e facas e o resmoer dos dentes, não se ouvia mais do que a garrulice das moças, e as breves exclamações com que os gastronomos costumam adubar as iguarias. Agora porém a conversa já rolava ao redor da mesa, embora ainda lenta e mastigada de envolta com os ultimos bocados.

O assumpto geral em varios pontos da mesa, era o elogio posthumo das viandas já saboreadas,

e os louvores antecipados das mais lindas peças da segunda coberta. O conselheiro fez um discurso enciclopédico á respeito da arte culinaria, comparando entre si as maneiras de preparar os manjares uzados pelas diversas nações : e no meio de um frouxo de erudição, que deixou embasbacados os roceiros, referiu diversos factos historicos, e entre outros o de D. João VI que durante a sua residencia na côrte no Rio de Janeiro gastava com a ucharia apenas a migalha de um conto de réis por dia.

Ouviu-se um suspiro abafado. Era do Sr. Domingos Paes, que lamentava não ter nascido vinte annos antes para ser compadre do mordomo-mór de um rei, que tão sabiamente comprehendia este mundo.

O juiz municipal sentado defronte de Mario, tinha travado conversação com elle ; e saltando de um a outro assumpto, dizia-lhe naquelle momento:

— O doutor naturalmente volta para a côrte?

— Não sei ainda ; respondeu Mario.

— Com seu talento e seus conhecimentos não deve enterrar-se na roça. Seria estragar um bello futuro.

— Então á saude do *futuro* ! exclamou o Sr. Domingos Paes erguendo a cabeça e virando o copo. E' aqui o da D. Adelia? Sr. vigario, ao bello futuro !

— Está muito sahido ! acodiu Adelia corando. Póde beber quantos copos quizer ; não precisa de pretexto....

— Desculpe ; eu cuidei... balbuciou o compadre percebendo que fizera um trocadilho, ou antes um disparate.

— Qual futuro? perguntou o vigario :

— O futuro passado ! disse Lucio apontando para o compadre, saudado com uma gargalhada geral dos rapazes.

— Na côrte, continuou o juiz, atando o fio ao dialogo ; não lhe faltarão empregos, sobretudo agora que o nosso governo está tratando seriamente dos melhoramentos materiaes.

— Os empregos são difficeis ; e além disso não os pretendo.

— O Sr. Mario gosta mais da fazenda ! insinuou Adelia com um sorriso malicioso.

— Não é esta a razão, D. Adelia. Aquelles que já não tem familia para lhes prender a alma á

algum canto de terra; vivem bem em qualquer parte que lhes determina o dever ou mesmo o interesse.

— Eu sou assim! observou o Domingos Paes, aproveitando o intervallo da mudança do talher. Passo tão bem aqui na fazenda, como na villa em casa do compadre barão!

Alice recebeu que as interrupções do compadre lhe impedissem de ouvir as palavras de Mario.

— Faça favor de trincar o pato, Sr. Domingos Paes, disse ella.

— Ah! é verdade. Mas falta o trinchante.

— O senhor naturalmente sem querer o escondeu em baixo da toalha! disse Adelia.

— Ora que distração!

O compadre, apunhando a faca e o garfo, de senho torvo e gesto fero ergueu-se na ponta dos pés, e traspassou de lado a lado o ventre recheado do gordo pato.

— Então, dizia o juiz admirado; não se pertence? Está gracejando!...

— Sua duvida é que me parece um gracejo. Pois ha neste lugar quem ignore isso? Um homem que desde o berço viveu e educou-se a custo de

outro, representa um capital alheio; é o titulo e a garentia de uma divida.

— Não diga isso, Mario! atalhou Alice resentida.

— Si é a verdade! O dono do papel em que se escreveu póde julgar-se author do livro? Que sommos nós ao nascer, que era eu principalmente, eu pobre orphão, sinão uma pagina em branco? Algum valor que por ventura eu tenha hoje e que não teria si me abandonassem, pertence a quem me deu os meios de o adquirir.

— Mas ninguem de certo aqui pretende esse direito, Mario! exclamou Alice. Possó assegurar-lhe que todos ao contrario o respeitam.

Não impede essa generosidade que eu cumpra meu dever. Considero-me preso á esta casa e á vontade de seu dono, pelo vinculo de uma divida. Não poderia retirar-me d'aqui por meu alvitre sem expoliar a outrem de sua propriedade.

O moço fitou o olhar em Alice e continuou articulando friamente as palavras :

— O que me pertence, unicamente, exclusivamente, o que não contrahiu compromisso algum, e está livre ainda como Deus a creou, é aquella

parte do nosso ser, que não se submete nem á propria razão; é a alma com suas affeições. Esta sim, posso envia-la onde me approuver, embora o corpo permaneça aqui ou além.

Para todas pessoas que o ouviam, as palavras do mancebo não eram mais do que um thema da conversação, aproveitado por elle para mostrar o seu modo elegante de fallar. Mas para Alice essas palavras tinham um sentido bem claro; e não foi debalde que seu delicado seio sublevou-se, e as lagrimas lhe aljofraram os longos cilios.

Levou a menina rapidamente as mãos ao rosto para esconder as lagrimas e ao mesmo tempo suffocar o soluço.

Sem duvida esse movimento seria reparado, ao menos pelas pessoas mais proximas, si não intervesse bruscamente um dos lances habituaes da scena do trinchamento do palmipede. Desta vez o Sr. Domingos Paes, resolvido á espatifar o inimigo do primeiro assalto, mudou de tactica; tendo cravado o garfo no peito da ave, fez com a faca ponte de apoio na aza e começou á torcer desesperadamente o corpo do pato com esperanza de esnocar a junta.

Sucedeu que em um dos impetos, a aza escapou da faca, e a mão esquerda resvalando no ar com o impulso, atirou o cadaver do pato á cabeça do conselheiro. O subdelegado com a resolução prompta que pedia o caso, levantou-se, e com um guardanapo fez desaparecer os effeitos da catastrophe limpando das trunfas do orador o molho e as rodas de cebolas que tinham acompanhado o pato. Tão rapido foi o movimento, que o conselheiro não pôde impedi-lo; e quando levou as mãos á cabeça, só achou o craneo liso, pois o chinó lá ia para a cozinha no guardanapo, que o Martinho levava a correr, pensando que tinha dentro o pato.

Felizmente um primo do barão, que se considerava a lingua de prata do logar, tinha se levantado na outra ponta da mesa para propor a saude de seu nobre parente: e na fórma do costume desfiava imperturbavel a propria biographia, com exordio obrigado da apologia do chefe e protector de toda a parentela.

Foi um excellente pretexto para que os circumstantes fingissem não perceber o desastre do conselheiro, e sua retirada ou antes evasão.



## XIV.

### SOMBRAS.

A esquivança de Mario por Alice e a sua assiduidade com Adelia, continuou.

A menina soffria com isso; mas não era o ciúme que a affligia. Passada a primeira impressão ella comprehendeu que da parte de Mario não havia affeição, nem mesmo capricho.

Na calma um tanto inflexivel de que se revestia o semblante do mancebo quando conversava com Adelia, percebia-se o esforço da vontade e não o impulso de um sentimento.

Alice acreditava que o procedimento de Mario era calculado para a desenganar. As illusões que deixara em seu coração a intimidade dos primeiros dias, o mancebo queria desvanecer-las logo de todo,

afim de que nenhuma esperança viesse atea-las de novo.

Não se enganava ella nessas conjecturas ; porém seu olhar não podia prescrutar todos os refothos d'alma do amigo de infancia. Havia além daquelles motivos, um contra o qual a propria consciencia do mancebo se revoltava. Elle sentia um prazer cruel fazendo soffrer essa gentil menina.

Não era ella a fibra mais sensivel d'alma do barão, o unico ponto do coração em que elle podia ferir á esse homem rico, feliz e estimado ?

Algumas vezes tão mesquinha vingança revelava-se ao espirito lucido do mancebo em toda sua odiosa nudez : e então elle indignava-se contra si mesmo. Mas um pensamento vinha attenuar a vergonha que essa revelação lhe inspirava. Tambem elle soffria, e mais do que ella ; porque soffria por ambos.

-- Eu não a amo de certo ; dizia elle consigo ; mas sinto que a amaria, si não fosse esta horrivel suspeita !....

Entre aquellas duas almas jovens, ricas e generosas, que o amor attrahia e a fatalidade separava ; não era de certo a de Alice a mais provada

pela desgraça. Ver murchar a esperança que nosso coração affagou desde a infancia, é triste sem duvida, mas não se compara com os transe da subversão que dilacera uma alma, como o terremoto revolve o solo.

Quando Mario se lembrava dos muitos beneficios que devia ao barão, tinha assomos de desespero; parecia-lhe que aceitando aquella generosidade elle se tornara cúmplice do crime de que fôra victima seu pai. Que não daria então para repellir de si quanto recebera daquelle homem? Ficava reduzido a um labrego sem educação; e vingarse-hia como costuma gente dessa condição, com um tiro ou uma facada.

Mas não era essa a unica, nem a maior humilhação. As palavras que na noite de anno bom barão dirigira a Alice, constantemente soavam seus ouvidos. Não fôra á elle Mario, que o fazendeiro se tinha esmerado em educar, e sim ao noivo de sua filha. Esse casamento ia ser uma expiação e podia elle sugerir-se á servir de pretexto a delinquente para appacar-lhe o remorso de um crime?

Si porém não fosse verdadeira a terrivel su

peita que se infiltrava em seu espirito desde a infancia, devia recusar a esse homem a unica retribuição possivel de sua generosidade? Com que direito esmagaria o coração de um pai estremoso e de uma innocente menina que o amava á elle?

Um dia Alice vendo-o pensativo na sala; revestiu-se de coragem e aproximou-se.

— Anda tão triste, Mario?

Essa doce voz entrou n'alma do mancebo como um balsamo.

A linda menina esquecia-se de si, para occupar-se d'elle unicamente :

— Não sou eu só, Alice! disse o moço tomando-lhe a mão affectuosamente. Vim perturbar a serenidade de sua alma e fanar as flôres da existencia que lhe corria tão feliz aqui neste retiro, no seio de sua familia.

Duas vezes o mancebo passou a mão pela fronte, como si tentasse arrancar uma obsessão que lhe constringia o cerebro e murmurou :

— Fatal destino o meu! Trazer comsigo o anathema de suas mais caras esperanças! Revoltar-se contra a felicidade que lhe sorri, como o anjo

decahido contra a luz que o cingia ! Ser o espirito do mal para aquelles a quem se ama !...

— Porém, Mario !...

— Não, Alice ; esqueça o que ouviu !

E o moço afastou-se precipitadamente ; com receio de ceder á emoção que delle se apoderava : e á maga influencia do olhar terno e melancolico de Alice.

Havia momentos em que elle se considerava presa de uma cruel hallucinação, e comparava o seu procedimento com a perversa malignidade de um louco, deleitando-se em affligir uma creatura innocente, cujo crime unico era a muita affeição e disvello que por elle tivesse ! Nestas occasiões, Mario fugia da menina ; não só por certo pejo, como pelo temor de calir-lhe aos pés e pedir-lhe perdão.

Na manhã em que teve logar o incidente referido, Mario pretestou um incommodo para ficar no seu aposento. Queria evitar por essa fórma um segundo encontro, no qual elle bem sentia que lhe faltaria a coragem para resistir ás queixas da menina.

Vendo Mario fugir della, commovido e precipi-

tado, Alice tomada pela estranheza das palavras que ouvira, não cuidou logo em seguir o engenheiro para interrogá-lo: quando se lembrou de o fazer já elle tinha entrado em seu quarto.

● Aquella retirada subita, a menina bem a presentiu; era uma reticencia, que talvez a voz não pudesse guardar. O mancebo, teme que sua palavra máo grado lhe rompesse dos labios, e revelasse o segredo que elle se esforçava por suffocar; apartara-se para não ser ouvido, nem mesmo presentido. Sem duvida elle receiava-se até de sua phisionomia, que lhe trahisse o mysterio.

Mas esse mysterio lhe pertencia á ella tambem, porque pesava fatalmente sobre sua existencia e lhe arrebatava a felicidade tão sonhada. Ella se julgava com direito de penetrar na consciencia de Mario; desvendar o arcano; e disputar a esse inimigo ignoto a affeição de seu companheiro de infancia, do escolhido de seu coração.

Para isso não recuaria diante de qualquer perigo, e comtudo parou indecisa ao limiar da porta, que não se animava a transpor. Si a morte guardasse aquella presa, não recuaria; mas era o pudor. A menina retrocedeu depois de longa

hesitação : contrariada pela idéa que mais tarde Mario restabelecido da commoção nada revelaria.

Nas horas que decorreram até o jantar, Alice inventou varios pretextos de arranjos domesticos para passar e repassar diante da porta de Mario. Uma vez parou tremula, como si quizesse entrar, mas fugio logo ; outra chamou o mancebo, mas com a voz tão soturna que elle não podia ouvir ; finalmente animou-se a bater devagarinho, mas correu assustada do que fizera,

O jantar foi triste.

A ausencia de Mario annuviou ainda mais o lindo semblante de Alice, que era a alegria daquellas reuniões de familia. O barão desde muitos dias que andava preocupado, seu olhar ungido de profunda piedade e accendido no pranto derramado durante a insomnia ; seu olhar inquieto interrogava á miude o semblante da filha querida : depois como si retrahia ao intimo, para derramar ahi nos seios d'alma a lagrima que a vergonha não lhe deixava cahir das palpebras, em face dos extranhos.

A baroneza apesar de sua habitual impassibilidade não se podia esquivar ao contagio da tristeza

que a cercava. Não conhecendo embora as causas da mudança; parecia-lhe que uma desgraça ameaçava a familia.

O conselheiro depois da catastrophe do chinó, andava acabrunhado, e resolvera recolher immediatamente á côrte; projecto que matou as esperanças de Adelia e de seus dois apaixonados, Lucio e Frederico. Quanto á D. Luiza e D. Alina, contrariadas pelo geito que iam tomando as cousas, e receiosas de ver gorados os seus projectos matrimoniaes, estavam de uma impertinencia que o proprio Sr. Domingos Paes, o mais paxorrento de todos os compadres feitos e por fazer, não supportava.

E' verdade que o homem tambem naquelle dia tinha posto as candeias ás avessas para ver se descobria lá por dentro algum expediente que o salvasse. Desde o dia do salto mortal do maldito pato, que o Sr. Domingos Paes não sabia onde se mettesse; é desses casos em que um homem desejaria applicar a si uma figura grammatical, e fazer uma elipse de sua pessoa, para não ser visto, ficando apenas subtendido no almoço, no jantar e na ceia. Todas as vezes que seus olhos cahiam



sobre o respeitavel chinó, este fazia-lhe o effeito da cabeça da Meduza; petrificava-o.

O compadre comia, e talvez mais do que de costume; porém isso mesmo era uma prova das tribulações porque havia passado. A tristeza produzia-lhe uma grande excitação nervosa.

— Sr. vigario; disse o compadre levantando a cabeça de repente: sabe V. Revm. uma coisa?

— Saberei.

— Estou quasi pedindo-lhe para me benzer.

— Porque, homem?

— Não ando bom, não. V. Revm.<sup>a</sup> vê que tudo que eu faço sae torto; aqui andam artes do maligno!

Foi interrompido pela voz do barão:

— Estão todos tão calados? Que é isto, meus senhores. Compadre Domingos Paes; vamos lá, uma saude cantada!...

As palavras do barão, truncadas na pronuncia, sahiam-lhe dos labios por uma reacção nervosa. Percebendo uma lagrima que despontava nos olhos de Alice, fizera um esforço para arrancar a filha ás scismas dolorosas em que se absorvia, e suffocando a propria tristeza procurou despertar o rumor e a alegria nos convivas.

O Sr. Domingos Paes, apesar da sua hypocondria, encheu até as bordas de vinho do porto um copo d'agua, e começou com um denodo admiravel:

Nossa carne secca  
Que vem do sertão,  
Os paios, presuntos  
Melhores não são !

Depois de repetir duas ou tres vezes essa cantiga nacional que lhe ensinara um paulista, o compadre proclamou o brinde :

— A saude do Sr. major Tavares e do Sr. commendador Mattos, illustres pais de seus filhos !...

Estrondosa gargalhada acolheu o brinde. O desejo do barão não podia ser melhor satisfeito, ninguem se pôde conter; só o Sr. Domingos Paes ficou imperturbavel no meio daquella hilaridade prolongada, procurando lembrar-se dos nomes dos filhos dos dois personagens.

Entretanto o major e o commendador cada um de seu lado riam-se para não parecerem que davam o cavaco; mas estavam furiosos porque entendiam lá de si para si que o brejeiro do compadre quizera por aquelle meio alcunhar a um de *carne secca* e ao outro de *paio*.

Os cochichos, os risinhos sumidos, os olhares trocados, puzeram as orelhas dos dois personagens e de seus filhos a arder; de modo que o Sr. Domingos Paes levantou-se da mesa com quatro inimigos.

O compadre decidiu fazer-se exorcizar essa mesma noite; e caso o vigario não se prestasse a cerimonia punha-se de molho na pia da capella.

---

## XV.

### A CAIXINHA.

Do jardim, onde passavam a tarde a familia e seus hospedes, Alice afastando-se com o pretexto de ver uma muda de flôr, ganhou o fim da cerca.

Dahi avistava-se por entre as arvores uma das janellas do quarto de Mario. Nesse momento o moço recostado, com os braços deitados no para-peito e a cabeça vergada, pareceria adormecido, si de vez em quando não erguesse o rosto para olhar o céu, onde cintilavam já as primeiras estrellas. Nessa occasião notavam-se em sua phisionomia traços de angustia, que elle buscava dissipar com a contemplação do céu, essa fonte inexaurivel da luz e orvalhos d'alma.

Alice desta vez sentiu-se arrebatada por uma

attracção irresistível. Era forçoso que fallasse a Mario ; que lhe arrancasse o segredo d'aquella angustia ; e o consolasse, embora tivesse para isso de renunciar á elle. Cústar-lhe-ia a vida o sacrificio; mas sentia-se com a coragem de tenta-lo. Si teria forças para realisa-lo, só Deus o podia saber ; ella receiava que não.

Já tinha um pretexto para aproximar-se de Mario ; desde o jantar que o achara. Correu á alcova ; tirou uma caixinha, e chamando a Eufrosina para que a acompanhasse dirigiu-se ao quarto do moço.

Mario ouvindo a voz da menina que o chamava correu a porta :

— E' vòce, Alice ?

— Está melhor, Mario ? perguntou a menina fitando um olhar ancioso no semblante do engeheiro.

— Ficou inquieta por meu respeito ? Obrigado Alice. Não tenho mais nada ; já passou.

— De todo ?

— De todo ; respondeu o moço comprehendendo o pensamento da menina.

— Mas pode voltar !

Um triste sorriso fugiu pelos labios do mancebo, cujo olhos se abaixaram para não verem o semblante inquieto da menina.

Estava aberta á dois passos a porta de uma saleta desoccupada : era um terreno neutro onde ella podia entrar sem o vexame que a inpedira de transpor o liminar do quarto de Mario, depois que o moço o habitava.

— Escute, Mario : disse a menina conduzindo-o para a saleta. Desde sua chegada estou para restituir-lhe o deposito que me foi confiado, e faltava-me o animo. Hoje não sei porque, pareceu-me que não devia conservar por mais tempo este objecto em meu poder. Talvez seja um consolo !... Tome.

A mão tremula de Alice apresentou a Mario uma caixinha que trouxera occulta sob o mantelite de seu vestido de casa.

O mancebo em extremo commovido não viu o signal de uma lagrima que humedecera a capa de maroquim verde. Elle tinha reconhecido logo uma especie de estojo, onde sua mãe nos ultimos annos costumava guardar seus objectos de maior valor ; os poucos e mesquinhos que lhe permittia a pobreza.

Havia dentro da caixa um cordão de ouro com um coração de coralina, primeiro presente de José Figueira á noiva ; umas argolas esmaltadas, o relógio que Alice dera a Mario havia sete annos ; brincos e collar de vidrilho preto ; finalmente um anel de cabellos.

Foi este ultimo, que primeiro feriu os olhos do mancebo. Levando-o aos labios e beijando-o com rêspeitosa ternura, Mario fitou um olhar repassado de gratidão no semblante de Alice, cuja mão advinhara nessa delicada lembrança.

— Ella lhe queria muito bem, Mario ; disse a menina com voz doce como um canto celeste. E á mim tambem !...

Mario não disse palavra ; mas seus olhos embebidos nos labios da menina pareciam-lhe pedir-lhe que fallasse, que lhe derramasse n'alma suavidade angelica de suas palavras.

— Ella chamava-me sua filha ; e beijava-me e abraçava-me para matar as saudades que tinha de vòce. Quando recebia cartas suas, lia-as uma e muitas vezes para que eu as ouvisse ; e por uma semana não se fallava em outra cousa, até chegar outra carta, que era a unica novidade da nossa

solidão. Como ficava orgulhosa, quando vinham noticia dos progressos que vòce fazia nos estudos ! Então achava um praser extraordinario em descrever o que seu querido Mario havia de ser ; e não se enganava !...

— Ella lhe chamava sua filha Alice ? disse Mario repetindo como um echo as primeiras palavras da moça. Pobre mãe !

E o moço fitou os olhos na penumbra do aposento, como si ali vira surgir a imagem daquella que nesse momento elle evocava do fundo do coração.

— Nos ultimos tempos, continuou Alice tremula e com a voz balba ; nos ultimos tempos, Mario, quando ella presentia que não havia de o ver mais neste mundo, quantas vezes não dizia abraçando-me :—Eu morreria feliz, e iria contente encontrar no céo meu marido, si tivesse a certeza de uma cousa. E como eu lhe perguntava...

— Acabe, Alice ; instou Mario commovido pelo tremor que embargara a voz da menina.

— Ella me respondia « E' um segredo » E m'ò dizia baixinho ao ouvido. Coitada ! Depois arrependia-se tanto vendo que me affligia essa idéa



de que ella não havia de ver sua volta e nos abraçar á ambos como fazia antigamente ; E tinha razão; o coração lhe advinhava !

— Mas o segredo, Alice ?... o segredo que ella dizia-lhe no ouvido e que a faria morrer feliz !

Alice hesitou um momento ; depois tornou-se livida como uma estatua de alabastro e sua voz pulsou como um arquejo :

— Era que você, Mario, me quizesse tanto bem como ella sabia que eu lhe...

A voz estalou como a corda de um instrumento, vibrada com demasiada força, e a menina apoiou-se para não cahir no borda do consolo, de frente ao qual passava a scena.

— Bôa mãe !... exclamou o mancebo erguendo ao céu as mãos trançadas. Como ella deve ser feliz então no seio de Deus !....

Alice involuntariamente reunira as mãos supplices no seio, sem comprehender o sentimento que a levava a imitar o gesto do mancebo. Um effluvio de bemaventurança derramou-se por sua phisionomia, que lembrava naquelle momento a face do anjo do amor banhada pelo olhar de Deus.

Quando ella e elle voltaram desse enlevo, seus

olhos tímidos se encontraram um momento e fugiram ; tinham-se queimado no rubor que abraçava o rosto de ambos. O amor, o verdadeiro e puro amor, é sempre assim, cheio de recato e pudor. O outro, o fagueiro cupido da mythologia, que nasceu de Venus, a deusa da belleza e da seducção, chama-se desejo.

Involuntariamente, Alice, procurando um disfarce para seu enleio, começou a examinar os objectos contidos na caixa. Mario acompanhou-lhe o movimento; e seus dedos tocaram-se muitas vezes. Sentiam nisso um encanto indefinivel ; parecia-lhe que a alma da terna mãe, despedida deste mundo os envolvia á ambos, e unia suas mãos pelo vinculo daquellas reliquias.

Nesse brinquedo, Mario descobriu um papel dobrado, que parecia servir de calço ao cordão de ouro. As letras cercadas de uma orla amarella, indicavam que o escripto era antigo, e apagado em alguns lugares por nodos lividas que talvez fossem traços de lagrimas.

O olhar de Mario fitando-se no papel desdobrado, tornou-se fulvo. Cobria-lhe o rosto a mascara do escarneo que elle costumava trazer nos ultimos

tempos. Mas desta vez, o odio borbulhava de seus labios com o assomo da ira.

Tranzido com a rapida e incomprehensivel transformação, Alice lançou um olhar ancioso sobre o escripto que encerrava sem duvida algum terrivel mysterio. Mas o mancebo prevenindo seu movimento fechara o papel na mão, e dirigia-se á porta.

— Mario ! exclamou a menina querendo impedir-lhe a sahida.

— Deixe-me ! disse o mancebo com um timbre de voz surda. Neste momento não me pertenco mas aquelles que já não são deste mundo !

Alice que não se animara a rete-lo, ouviu-lhe os passos precipitados que resoavam pelo corredor. Quando o ruido cessou de todo no fim da escada, a menina levou a mão ao seio, que uma dôr lancinante traspassava. Era um presentimento de que desta vez Mario separava-se della para sempre. A fatalidade, essa fatalidade misteriosa de que fallava o mancebo, acaba de romper o elo que os prendia a ambos: suas almas estavam decepadas uma da outra.

Desde esse dia com effeito Mario isolou-se ainda mais; as raras vezes que tomava parte nas reuniões

da *Casa grande*; era para dar expansão ao sarcasmo, e ostentar indifferença, frio desdem pela filha do barão.

Parecia que elle achava exquisito praser em provocar da parte da menina os signaes da affeição mais dedicada, para responder com as provas de um despreso esmagador.

Felizmente para Alice, os hospedes começaram á retirar-se. Restituída ao socego da familia, mas não á placidez de sua vida de outros tempos, a menina sentia-se mais forte contra a desventura e queria habituar-se á ella. Ver Mario, ou quando o não visse, te-lo perto de si ; era uma consolação.

Não escapavam ao barão as vicitudes porque passara a alma da filha na ultima semana. Elle rastreava em seu rosto com ardente sollicitude o traço das lagrimas que fanava-lhe o brilho dos olhos azues, e a pallidez que a vigilia deixava impressa nas faces tão frescas sempre e tão rosadas.

Talvez porisso o barão esperava com impaciencia que os hospedes se retirassem. Nos annos anteriores era elle quem instava para ficarem o mais tempo possivel ; naquella occasião porém a companhia o incommodava; e cada dia de demora traria-lhe uma contrariedade.

Imagine-se pois quanto devia impacienta-lo a chuva torrencial que durante dois dias cahiu em todo aquella zona da Serra do Mar. A innundação do Parahyba que é sempre a consequencia desses alluviões, impediu a partida dos hospedes.

Para distrahir a soffregidão, apenas esteou, sahio o barão a cavallo acompanhado do administrador, para ver os estragos da innundação. Eram como de costume arvores arrancadas, fossos obstruidos pelo enxurro, e regos profundos cavados pela torrente das aguas.

Proximo a cabana do pai Benedicto, o barão estremeceu, avistando de repente ao longe a sombria face do Boqueirão.

— Que é isto ? perguntou com a voz tropega e o rosto livido.

— A euxurrada levou o muro. Era um poder d'agua, como V. Ex. não imagina !...

— D'agua !... murmurou o barão com um sorriso estranho.

— Agora hade ser preciso levantar outra vez o muro ?

— Sim... sim... respondeu com impaciencia, fustigando o animal para affastar-se mais depressa.

## XVI.

### O IMPOSSIVEL.

Um raio de esperança veio brilhar no coração de Alice.

Eram dez horas da manhã. Com a fronte apoiada na quina interior do portal de uma janella, acompanhava com os olhos o vulto de Mario que atravessava o jardim. Seu lindo seio sublevou-se com o esto da magoa que enchia-lhe a alma; e lagrimas silenciosas orvalharam-lhe as faces.

A *Casa grande* estava emfim viuva de seus hospedes: a festa despedindo-se deixara nella a prostracção e cansaço de prazer. Havia um recolhimento intimo n'alma dessa habitação, tão cheia sempre de bulicio e movimento.

Mas, além do desmaio, natural depois de tanta

exaltação, percebia-se nessa athmosphera domestica a morna atonia, que prepara a tormenta. Entretanto nenhum dos habitantes da casa, si o interrogassem, poderia dizer o que sentia, pois de facto nada sentia ainda. O que lhes nublava o espirito era essa impressão fugitiva, especie de reflexo de uma luz recondita á refranger-se na consciencia, mas de leve, tão subtil, como os fogos fatuos que rajam as nuvens.

Em sua melancholica attenção não ouviu a menina os passos do pai que se approximara. Um momento esteve o barão commovido a contemplar o bello semblante aljofrado pelo pranto.

— Como tu o amas, minha Alice ! murmurou elle enternecido, passando o braço pela cintura da filha para estreita-la ao peito.

A menina soltou um pequeno grito de susto, que suffocou reconhecendo quem lhe fallava ; e escondeu envergonhada o rosto escarlate no seio do pai.

— E aquelle ingrato não vê estas lagrimas ! continuou o barão com ternura. Mas eu te prometto que muito breve, hoje mesmo, elle virá pedir-te perdão.

Erguendo rapidamente a cabeça, Alice fitou no pai um olhar de muda, mas anciosa interrogação.

— Serás feliz, minha filha !

A menina agitou a cabeça em ar de duvida.

— Não acreditas em teu pai ?

— Como em Deus.

— Pois espera.

O Sr. Domingos Paes, entrava nesse momento im tanto sarapantado conforme seu costume.

— Compadre, disse o barão ; faça-me o favor de lizer a Mario que eu preciso fallar-lhe já, no meu gabinete.

— Estará no quarto ?

— Vi á pouco no jardim.

O compadre sahiu :

— Sabes para que o mandei chamar, Alice ? perguntou o barão sorrindo para a filha.

— Não papai ! respondeu ella palpitante.

— Pois adivinha !

Soltando estas ultimas palavras embebidas no mesmo sorriso carinhoso, o barão depoz um beijo na face da filha, e foi encerrar-se em seu gabinete á espera de Mario.

Entretanto o mancebo, que atravessara o jardim



poucos momentos antes, dirigia-se a mesa do pomar onde na semana passada conversara a sós com Alice. Quasi ao mesmo tempo chegou D. Alina, que viera as occultas e por diverso caminho.

A trefega senhora andava desde a vespera em um alvoroto que apesar da sua astucia lhe era impossivel disfarçar. Com o nariz ao vento parecia farejar um perigo que a fazia estremeçar, e causava-lhe frenezis de raiva.

D. Alina suspeitava pelos modos do barão e por algumas palavras ambiguas da baroneza, que uma novidade estava iminente, e essa novidade não era outra sinão o casamento de Alice com Mario, o que vinha anniquillar o projecto por ella tão afagado de alcançar a riqueza do barão para seu filho Lucio, como uma compensação da herança de que elle fôra escolhido.

Presentindo esse desfecho, a viuva se entendera com Lopes sobre os meios de conjurar o malogro de suas esperanças, predispondo o barão em favor de Lucio. Confiava ella do conselheiro, que estimulado pelo interesse do casamento de Adelia com o Frederico, se empenharia em ganhar a causa,

que era de ambos; para o que dispunha o deputado de grande influencia no animo do barão.

Mas o Sr. Domingos Paes, com seu desaso desmanchou o plano tão bem combinado. A scena grotesca do pato produziu no conselheiro um abalo terrivel. O novo estadista succumbiu ante as consequencias incalculaveis que daquelle incidente podiam resultar para a sua carreira. Viu seu futuro esmagado pelo ridiculo, esse corrosivo moral a que não resistem as mais solidas reputações; e da qual nem o talento, nem a virtude preservam os caracteres. O ministerio parecia-lhe agora uma rocha inacessivel; do proprio parlamento, quem sabe si não o expulsariam os sarcasmos dos candidatos rivaes. Para qualquer horisonte que se voltasse, surgia-lhe em face de sua ambição, o demonio do escarneo, e soltava uma gargalhada estridente, que o arripiava até a medula.

Si vivesse actualmente, é natural que o accidente do pato longe de desanimar o homem, ao contrario lhe enchesse a alma de abundancias. O ridiculo hoje em dia é um meio de subir; pois o ridiculo habitua o homem á humilhação, e a humilhação fórma o capitel dessa columna de virtude

políticas que nas altas regiões se chama um estadista. Um ministro que não sabe affrontar o ridiculo, e desconjuntar-se como um manequin, descobre a corôa: é a regra do governo constitucional.

Mas o conselheiro estava em 1857, no tempo em que ainda se guardavam as apparencias; e por isso não é para admirar que pensasse daquella forma. Acabrunhado ao peso do infortunio, enervou-se-lhe a ambição; e a prespectiva de um casamento rico para a filha não teve força para arranca-lo a atonia. Só nutria um desejo, retirar-se daquella sociedade e daquelle sitio que foram testemunhas do desastre.

D. Alina vendo-o partir, conheceu que só devia contar comsigo, e ficou de espreita. Naquella manhã, entendeu que era chegado o momento de dar o golpe; e depois do almoço passando por Mario no corredor, atirou-lhe rapidamente estas palavras.

— Quer saber o segredo de seu pai?

Mario voltou-se de chofre, mas ella afastava-se dizendo:

— Na mesa do pomar!

O mancebo um instante irresoluto, dirigiu-se ac

lugar indicado. Desde que achara o mysterioso papel na caixinha de sua mãe; um só pensamento, uma idéa fixa o dominava. Elle daria tudo para obter a chave do enigma que tinha diante dos olhos, nas poucas palavras escriptas do punho de seu pai, na vespera da catastrophe.

Com effeito o papel apenas continha a seguinte nota :

|                                      |              |
|--------------------------------------|--------------|
| Commendador Alves Ferreira . . . . . | 120:000\$000 |
| Major Mendonça. . . . .              | 85:000\$000  |
| Luiz Vieira. . . . .                 | 79:000\$000  |
| Capitão Felix. . . . .               | 66:000\$000  |
|                                      | -----        |
|                                      | 350:000\$000 |

Nesse rascunho de um calculo arithmetico trazia Mario o seu espirito concentrado desde a tarde em que pela primeira vez o vira. Aquelle pedaço de papel encerrava sem duvida o segredo, que elle debalde prescriptava desde a infancia. Mas que significação tinham esses algarismos e os nomes collocados em face?

Grande devia ser pois a soffreguidão de Mario, quando elle cõprehendeu que ninguem melhor do que D. Alina podia revelar o misterio da ines-

perada pobreza de seu avô, e talvez da morte de seu pai. Desde menino, elle sentia uma invencivel repugnancia por essa mulher ; com a razão essa repugnancia transformou-se em desprezo ; advinhara que nesse corpo secco morava uma alma ethica e mirrada.

Superando um movimento de repulsão, Mario resolvera aproximar-se dessa mulher e ouvi-la, com o mesmo esforço do medico dedicado, que revolve a sanie de uma chaga para conhecer a natureza do mal e cura-lo.

Quando D. Alina chegava ao pomar, ouvia-se um susurro de vozes, que talvez ainda estivessem longe, mas soavam perto. E' um phenomeno, que se observa commumente no campo, e sobretudo em terreno accidentado, onde o som adquire uma grande expansão e elasticidade.

Julgando destinguir entre o murmurio seu nome, estremeceu a viuva com receio de que a sorprendessem. Não havia perder tempo, si não queria perder tambem a occasião :

— Jura que ninguem saberá ?...

— O que ? perguntou Mario.

— Que fui eu que lhe contei.

— Juro por Deus e pela memoria do meu pai !

Nesse momento soou distinctamente o nome de Mario, á pequena distancia. D. Alina, suspensa ao ouvido do mancebo que reclinara a fronte, soltou com soffreguidão nervosa, uma torrente de palavras, que borbotava-lhe dos labios, como o esguiço de um repucho.

Uma só vez o mancebo descerrou o labio frísado pelo desprezo e foi para perguntar :

— Quem eram os primeiros credores ?

— Alves Ferreira, o commendador major Mendonça, Luiz Vieira e o capitão Felix.

Eram os nomes escriptos no papel. Mario curvou de novo a cabeça e continuou a ouvir. Mas D. Alina, que fallando tinha o ouvido á escuta, fugiu de chofre, para não ser vista pelas pessoas cujas pisadas ouvira crepitar nas folhas.

Erguendo os olhos, Mario deu com o Sr. Domingos Paes acompanhado pelo Martinho. Alice appareceu tambem como quem vinha a passeio e circulou com os olhos o sitio ; em seu rosto assomava uma vaga inquietação e desconfiança.

Da sala a moça descera ao jardim, talvez na esperanza de encontrar Mario e ve-lo antes da con-

ferencia que ia ter com seu pai. Logo apoz chegou o Domingos Paes que procurava o moço, guiado pelo Martinho.

— Da janella da cozinha dizia o pagem, eu vi elle passar para o pomar, e por signal que sinhá D. Alina tambem foi para lá.

Essa coincidencia causou reparo a Alice. Que ia D. Alina fazer no pomar? Pretendia encontrar-se com Mario? E para que fim? Eis os motivos da inquietação da moça.

— O Sr. barão o chama: disse o Sr. Domingos Paes.

— A mim? perguntou Mario sorpreso. Para que?

— Deseja fallar-lhe.

O mancebo fitou um olhar sorpreso e interrogador em Alice, que sentiu uma nuvem de rubor offuscar-lhe a vista. Pallida e tremula, mal pôde sustentar-se em pé, amparando-se aos ramos da jaqueira.

Instantes depois Mario entrava no gabinete onde o barão o esperava com impaciencia e ao mesmo tempo certa inquietação; si por um lado anciava fallar ao mancebo, por outro não se podia esquivar ao receio vago que lhe incutia a idéa dessa conversa.

— O Sr. barão deseja fallar-me? disse Mario.

A entrada do mancebo causara no fazendeiro uma perturbação, que elle apezar do grande esforço não pode recalcar. Sua voz ainda ressentia-se desse abalo quando respondeu depois de uma pausa:

— Sim, Mario; sente-se.

Alguns momentos decorreram em um silencio incommodo para o barão, e fatigante para Mario, que não se recobrava ainda da primeira surpresa. Afinal o fazendeiro fallou; mas bastante commovido, e divagando a vista pelo valle para evitar o encontro do olhar do mancebo:

— Quando seu pai e eu tinhamos sua idade, Mario, faziamos nossos castellos, como todos os moços costumam. Uma vez, no meio daquelles sonhos do futuro, elle disse-me gracejando que pedia a Deus um filho para casar com a filha que eu devia ter, conforme seu desejo. « Assim, ficaremos ainda mais unidos; acrescentava elle.

O barão pronunciou estas palavras com um tymbre vendado, como se temesse que alguém o estivesse escutando. Mario em quem á surpresa succedera um recolhimento profundo, ouvia com uma placidez fria e quasi rigida.



— Mais tarde, quando succedeu a desgraça que o privou de seu pai e a mim do unico amigo, quasi irmão ; esse gracejo de nossa mocidade tornou-se um voto. Fiz á memoria de Figueira a promessa de cumprir seu desejo ; e no dia em que você, Mario, salvou Alice, eu sellei aquella promessa com um juramento. Fazem agora sete annos que eu espero com anciedade o momento de realisar esse voto ; tinha medo de morrer sem cumprir meu juramento. O momento chegou....

Pela primeira vez o barão poz os olhos no semblante do mancebo :

— Alice o ama ; ella é sua, Mario !

Ouvindo estas palavras, que elle pressentira antes de pronunciadas, um choque rapido percutiu o mancebo. Suas palpebras cerradas occultaram por um instante o abrasado olhar ; nas faces subitamente incrustadas em uma lividez marmorea ardia e se apagava uma nodoa rubida, que mostrava o impeto do fluxo e refluxo do sangue no coração.

Ninguem imaginaria a luta violenta que se travou n'alma de Mario, sob a mascara de uma phisionomia embotada.

— Si Alice me ama, Sr. barão; disse o moço em tom austero; é uma desgraça....

— Porque? atalhou o barão assustado. O senhor não retribue essa affeição?

— Eu?... Também a amo, senhor; porém Deus é testemunha que esse amor puro e innocente não fui eu que o inspirei á sua filha. Ao contrario, tudo fiz para evita-lo; e era minha intenção afastar-me desta casa, aonde talvez não devera ter voltado, depois que della sahi.

— Não o comprehendo. Si ambos si amam, o que se oppõe a sua felicidade quando todos a desejam?

— O céu!... murmurou Mario engolfando os olhos no ether azul.

O barão vergou a cabeça ao peito; e o moço com a face apoiada no revez da mão direita, permaneceu na mesma posição com os olhos embebidos no firmamento. Afinal comprehendeu elle o perigo da situação, e estremecido pelo desejo ardente de defender a ventura de sua filha querida, sacodiu o torpor.

O pai estremoso empregou todos os recursos para destruir no animo do mancebo os escrupu-

los da pobreza orgulhosa que suppunha ser o obstaculo serio ao projecto. Representou o casamento de Alice não como um favor ou beneficio para Mario; mas ao contrario como um sacrificio que fazia á felicidade da innocente menina, e ao socego dos pais. Invocou a amizade de José Figueira, como titulo para merecer do filho tão grande serviço, e ao mesmo tempo como testemunho da obrigação em que estava, elle barão, de confundir em uma as duas familias.

Foi eloquente e sublime; fallava pelo coração, e com o vocabulo das paixões nobres e generosas; com a abnegação, o amor paterno, a amizade; e talvez mais algum sentimento occulto, e igualmente poderoso.

Mario não o interrompera; mudo e immovel escutara.

— Sr. barão, esse casamento é impossivel.

— Porque, Mario?

— E' impossivel, Sr. barão; e eu lhe peço; não me pergunte porque.

O olhar limpido de Mario traspassou alma do barão, que afastou-se pallido. O mancebo cortejou e sahio.

Momentos decorridos, Alice, entrando no gabinete achou o barão de braços com a cabeça vergada sobre os braços que tinha crusados em cima da banca. Ao toque da mão da filha estremeceu. Custou a levantar a fronte e quando o fez, pareceu á Alice que tinha os olhos humidos ; mas elle se afastara ao erguer-se, de modo que não pôde a moça verificar o reparo.

— Mario é orgulhoso, minha filha, tem os prejuizos de certos moços pobres. Mostrou difficuldades ; mas hávemos de vencer os seus escrupulos ; fica socegada. Até logo. Quero examinar umas contas.

Alice moveu a cabeça com ar de duvida.

— Si Mario fosse muito rico e eu muito pobre, acredito que seria elle o primeiro a pedir. Como pois recusaria aquillo que esperava de mim, e que eu não hesitaria em fazer ? Não ; ha outra razão, meu pai ! murmurou a menina com um accento profundo.

O barão estremeceu.

— Qual ?... disse elle pallido e balbuciante.

— Ah ! Si eu soubesse ! exclamou ella levando a mão ao seio e erguendo ao céu os bellos olhos.

Mas Deus hade permittir que eu penetre esse mysterio !

O pai cingiu a cabeça da filha e estreitou-a ao coração. Esse movimento subtrahiu aos olhos da menina a expressão pavida do semblante do barão, que se demudara por um modo assombroso.

Quando Alice deixou-o só, o infeliz como si lhe faltasse de subito o alento vital cahiu fulminado sobre o pavimento.

---

## XVII.

### PARA SEMPRE.

O resto desse dia 14 de Janeiro foi mais triste ainda.

Era o prefacio do anniversario da catastrophe do Boqueirão e da morte do pai de Mario.

Ao retirar-se do gabinete do barão, Alice procurou Mario, resolvida a arrancar-lhe a todo o transe o segredo fatal que os separava. O que lhe inspirava essa força e coragem, não era sómente seu amor; ella tinha a convicção que defendia, além da sua, a felicidade dos dois entes que mais a queriam neste mundo, e que uma fatalidade separava.

Mario tinha sahido; e só voltou á casa, tarde da noite, quando todos já se tinham recolhido. Alice porem ouviu seus passos, quando elle en-

trava , e a certeza de o ter sobre o mesmo tecto a consolou em sua afflicção.

Dormiu porém um somno agitado. O receio indefinivel, que durante aquella tarde a inquietava, persistiu apezar do lethargo; e a sobresaltava de momento a momento. Despertava então com a idéa fixa de que nunca mais veria Mario.

De uma vez, pareceu-lhe ouvir o rumor de portas que se abriam. O primeiro arrebol franjava as nuvens do horisonte, que ella entrevia pelos vidros da janella.

Ergueu-se tomada de um pressentimento; e occulta entre as cortinas, descobriu o vulto de Mario que sahia de casa, levando na mão uma pequena mala de viagem. A alguns passos de distancia, o mancebo parou para fitar na janella um breve, mas profundo olhar.

Curvando a cabeça ao jugo de uma resolução inabalavel, afastou-se rapidamente na direcção da capella. Ia ver o tumulo de sua mãe, antes de separar-se talvez para sempre desses lugares.

Sabia elle onde o levaria o seu destino? Partia; a direcção pouco lhe importava; comtanto que fosse longe, bem longe, para interpor entre si e aquella

casa uma distancia immensa, um mundo si fosse possivel.

Sentado á beira do jazigo, ficou um instante absorvido nas reflexões que lhe acodiam de tropel; com a cabeça pendida ao peito e as mãos enlaçadas aos joelhos.

— Si não me tivesses deixado tão cedo, boa mãe, talvez que teu carinho me houvesse arrancado esta horrivel suspeita. Quando menino, não sube amar-te. E' hoje que te comprehendo, e adivinho o que serias si ainda vivesses! Quem sabe se tuas lagrimas não teriam orvalhado essa avidez de minha alma! Quem sabe?

Emmudeceu um instante, como esperando a resposta do tnmulo, a quem interrogava.

— Mas não! Foste tu mesma, que me enviaste do seio da eternidade, como tua ultima lembrança, a prova do crime!...

O crepitar do folhedeo sob um passo ligeiro fe-lo voltar-se. Era Alice que vinha para elle, soffregamente, com os cabellos ainda em tranças e o semblante demudado. Na mão trazia uma carta que tomara do Martinho, a quem Mario a confiara para mais tarde entregar ao barão.



— Que é isto, Mario? Você vai deixar-nos?

— Assim é preciso: respondeu o mancebo com o tom grave de uma resolução fatal.

— Mas porque, meu Deus?

— Depois do que houve, minha presença aqui seria um martirio para nós ambos; e um desgosto, senão fosse uma humilhação, para seu pai.

— Meu pai desejava esse casamento; era seu sonho. Mas desde que não lhe agrada, ninguém mais lhe fallará nisso. Não me importa ficar solteira toda minha vida!

— Que tenho eu sido no seio de sua familia e de sua existencia, Alice? Um germen de contrariedades e desgostos. Quando creança, as lagrimas que derramou fui eu que as arranquei; quando moça, foi a minha chegada que veio perturbar a alegria de sua feliz primavera. Minha alma é como um desses lagos sinistros, que envenenam com seus miasmas; desgraçado de quem os respira! Quando eu estiver longe, e me esquecerem de todo nesta casa, a calma e o socego voltarão a ella. Ha de ser feliz, Alice, e todos os seus!

— A felicidade que eu pedia a Deus, elle não me julgou digna de a possuir. Restava-me uma,

era a de viver sempre junto daquelles a quem estimo. Esta você ainda podia dar-me; porém não quer.

— Não quero?.. repetiu o moço meneando a cabeça. Não posso !

— Que segredo é esse ?

— Oh ! não me interrogue ! En lhe peço ! Nada sei ; não tenho segredos ! O motivo que me prende só diz respeito a mim, e a ninguem mais. E' uma fatalidade !

Um sorriso triste fugiu dos labios de Alice.

— Sei qual é !

— Sabe ! exclamou Mario recuando. Não; é impossivel !

— Nada sente por mim.... nem amisade. Eis a razão.

— Creia-me. Si eu não a amasse como a amo, Alice, talvez tivesse aceitado sua mão ; e quando a recusasse, não duvidaria ficar aqui.

Estas palavras foram proferidas com estranha e profunda entonação. Alice fitou no semblante do mancebo seus bellos olhos azues, para prescrutar o pensamento que não entendera.

— Não póde comprehender estas palavras, nem

procure jámais comprehende-las ! Ellas matam. Bem vê que não devo ficar aqui ; meus labios destillam veneno : um olhar meu pôde assassina-la !

Mario affastara-se rapidamente ; a alguns passos voltou-se :

— Adeus, Alice, e para sempre ! Esqueça-me !...

De joelhos juuto ao tumulo. a que se amparava para não cahir, a menina ergueu a custo a fronte :

— Si algum dia voltar, nos achará aqui, a ambas ! murmurou ella com resignação angelica.

Mario não pôde resistir. Suspendeu-a nos braços e cingindo-lhe o talhe, estreitou-a ao seio convulso.

Assim ficaram unidos e immoveis por algum tempo :

— Alice, acredite. Si ha um meio de unir-nos algum dia, é essa ausencia. Minha vida aqui é uma vertigem, uma allucinação ; cada pensamento é um desespero, sinão uma loucura ; cada instante um perigo. E se fosse só para mim ? Mas para aquelles a quem amo. Longe d'aqui, talvez que eu possa esquecer ; talvez que a fatalidade cance... e... eu volte um dia. Sinão....

— Nunca mais nos veremos ! murmurou Alice.

— Não ; havemos de nos ver, Alice.

— Quando ?

— No céo !

— Sim, no céo ; mas como dois estranhos e desconhecidos ; soluçou a doce voz da menina.

Mario comprehendeu seu pensamento :

— Eu lhe juro ! Sobre esta sepultura que é para mim o altar mais sagrado, eu lhe juro. Minha alma lhe pertencerá exclusivamente,ninguem terá o direito de reclama-la.

Uma serenidade celestial diffundiuse pelo rosto de Alice, e deu á sua tristeza o toque suave dessa maviosa melancholia que é uma especie de nostalgia d'alma pela sua mansão etherea.

Mario tomou entre as mãos a loura cabeça do anjo tranfigurada pela visão da bemaventurança ; e beijou-a santamente, murmurando a palavra—  
*adeus !*

Por fim arrancando-se a esse beijo onde lhe ficara a alma devulsa, partiu. Immoveel, como elle a deixara, permaneceu Alice, com a fronte levemente pendida e as mãos no seio onde as cruzara o pudor. Seu talhe oscillava, como a canna que o vento parte pela raiz ; e os olhos acompanhavam a Mario que se affastava rapidamente. Parecia que

esse olhar longo, fixo e intenso, era o fio invisível que retinha suspensa sua alma. Quando o mancebo desapareceu, ao longe, entre o arvoredo, o corpo exanime dobrou-se, primeiro os joelhos, depois a frente, e resvallou ao chão.

Ali a veio achar pouco depois, seu pai, chamado pelos gritos das mucamas.

Foi um terrível momento para o barão. Embora acostumado desde muito ás graves commoções, e provado pela adversidade ; pouco faltou que não succumbisse a esse golpe profundo.

A carta de Mario ficara casualmente sobre a lousa negra do tumulo de D. Francisca, onde Alice a puzera em um momento de perturbação. No sobrescripto lia-se o nome do barão. Ali em face do corpo inanimado da filha e daquella carta agoureira que ia receber de um tumulo, cuidou perder a razão. No cerebro allucinado cahiam-lhe como gotas de chumbo, idéas horriveis. Fôra Alice assassinada ? Mario estaria morto tambem ? E aquella carta ? Era o sarcasmo de uma vingança cruel ?

Afinal recobrou Alice os espiritos ; e sua pupilla azul, ainda nublada pelo torpor da vertigem, per-

passou em torno um vago olhar que repouzou no semblante livido do pai. Foi uma resurreição para a mente já vacillante do barão

Entretanto Mario desviando-se do caminho, que seguira, penetrava na mata. Elle conservara de sua infancia, esse amor da floresta, que se parece com o amor do oceano. A alma do homem carece para expandir-se do elemento de que se creou: salsugem do mar; ou aroma agreste.

Sentado sobre um comoro de relva, com as costas apoiadas a um tronco de jequitibá, o mancebo reflectiu sobre sua vida.

Está morto o passado; o homem que fui, lancei-o ao nada, como um despojo inutil. Renasço agora outra vez; e como a primeira para a pobreza e para a luta; porém levo de mais a razão, e de menos o remorso. Sim o remorso; a flagellação da victima obrigada a receber o beneficio da mão assassina!

« Que nome tem isso que eu fiz? Será uma virtude, um capricho, uma loucura, ou uma imbecilidade?

« A sorte me enviou uma riqueza, que em toda minha vida não poderei adquirir, e para partilhar essa riqueza destinou-me uma esposa, como eu não

ousava sonhar, antes de a conhecer. O futuro era a estrada semeada de flôres, illuminada pelos raios da felicidade. E esse dote que o destino me offerencia, eu o arremessei no abysmo do impossivel!

« O mundo chamará a isso uma tolice, e eu mesmo as vezes duvido que tivesse direito de recusar a ventura que Deus me concedia! Mas ella trazia no seio um verme que a havia de devorar. Poderia eu jamais arrancar de meu coração esta suspeita que o contamina como uma lepra? A todo o instante, entre os enlevos do amor de Alice, no meio dos gozos da riqueza, não ouviria o riso estri-dente e sarcastico da consciencia, a escarnecer felicidade, que fora o salario pago pelo crime á vil impiedade do filho?...

« Eu pudera esquecer, e talvez mesmo perdoar, si o perdão fosse generoso, de mim para elle; mas d'elle para mim, nunca! »

Por muito tempo essas idéas trabalharam o espirito do mancebo.

— Pensemos no futuro, disse por fim; aonde irei? Os felizes tem uma estrella que os guia. Os desgraçados... Esses tem a fatalidade que os impelle.

e os arroja a seu cruel destino. Pois bem ; entrego-me a ella ; sou um de seus predilectos !...

Ergueu-se e tomou atravez da floresta o caminho da cabana do pai Benedicto. Tinha um ultimo dever a cumprir naquelle sitio, antes de o deixar para sempre ; ia despedir-se desse amigo de infancia.

Estava ausente o preto velho ; tinham vindo chamar-o horas antes, por mandado do barão. Mario tirou da mala um livro, e foi esperal-o á sombra do tronco do ipé.



## XVIII.

### O MISTERIO.

Cahira a noite.

Um luar baço, coado pelos vapores que deixara o dia mormacento, lastrava de branco as escarpas do rochedo, e ruçava a coma das arvores.

Essa lua mortica é triste como o pallido clarão de um cirio, e reflecte n'alma a sua lividez.

Caminhando para a cabana, com o passo rapido e impaciente, Benedicto pensava naquella noite fatal de 15 de Janeiro de 1839, em que José Figueira se affogara no boqueirão ; e lembrava-se que fazia então um luar semelhante á esse que os roceiros chamam—*lua de queimadas*.

Pela manhã, chegando a *Casa grande* ahí achou a noticia da partida de Mario. Nem Alice nem o

barão haviam dito palavra a este respeito ; mas o escravo tem o instincto do cão de caça para farejar o segredo do senhor e as novidades da familia. Ainda a baroneza e D. Alina ignoravam o acontecimento, que já elle era discutido na cosinha e corria a senzala.

Depois de ter fallado com o senhor no gabinete, Benedicto sahiu com uma lata a tiracollo, e pôz-se a caminho. Alcançar Mario, fallar-lhe e persuadi-lo a voltar, era seu unico pensamento. O mancebo partira á pé e na direcção da villa ; não podia ir longe.

Sua deligencia porém foi inutil ; e sabe-se a razão. Emquanto elle procurava pela villa e arredores, Maric cançava de espera-lo na cabana. Desenganado de encontrar o moço na vizinhança, o preto preparava-se a ir longe, até o Rio de Janeiro si preciso fosse, quando lhe acodiu uma idéa.

Talvez Mario tivesse, mudando de resolução, voltado á *Casa grande*, e talvez que sempre decidido a deixar a fazenda, se fosse despedir dos sitios tão queridos na infancia, e resar ahi por alma de seu pai, no dia anniversario de sua morte.

Foi então que o preto se dirigiu para a cabana. Ao entrar no valle, avistou elle por entre os juncos, a agua tranquilla e dormente do lago, que ao palido reflexo da lua parecia a alva candida e pura de um leito, prestes a transformar-se em sudario.

A innundação dos dias passados varrerá o muro que o barão fizera construir em torno ; e do qual só restavam destroços na parte contigua ao rochedo. Ficara portanto o boqueirão inteiramente a descoberto do lado da estrada.

Vendo aquelle quadro, ao morno pallor da lua, o preto sentiu percutir-lhe o corpo um frio terror , e voltando o rosto apressou ainda mais o passo.

Na cabana havia luz. Sentada na sua tarimba com a almofada ao collo Chica tangia os birlos á luz da candeia, impaciente por acabar a tarefa. Pelo natal começara uma renda larga de dois palmos, que destinava para a anagua do casamento de sua nhanhã ; o qual não podia tardar.

Naquelle momento, a preta embora ignorasse o que tinha occorrido, scismava na tristeza de Mario e no seu afastamento da *Casa grande* para onde elle não se dispunha a voltar.

Nisso Benedicto assomou á porta e abrangendo a casa de um olhar perguntou :

— Elle está aqui ?...

— Nhonhô Mario?... Sahiu agora mesmo ; parece que foi lá dentro.

A preta levantou-se para ir em procura do moço. Benedicto a deteve com a palavra e o gesto :

— Deixa !

Advertido por misterioso presentimento, o preto penetrou no interior, e sem hesitação desceu á *Lapa*, onde elle esperava encontrar Mario. A claridade da lua cobria de um branco lençol a superficie do lago, deixando immerso na sombra o recanto da penha coberto pela abobada do rochedo.

Apesar da obscuridade, Benedicto percebeu, debruçado sobre o respaldo da rocha, em attitude pensativa, o vulto de Mario, que voltou-se com o rumor de passos.

— Eu te esperava ; disse o mancebo pouzando-lhe a mão no hombro. Não quiz deixar estes lugares... talvez para sempre, sem dizer-te adeus, sem abraçar-te !...

Hirto e inmovel, o negro velho deixou-se abraçar por Mario, que o estreitou ao peito com effusão.

— Não ! não ! balbuciarão os lábios tremulos do velho.

— Não queres que te abrace ?..

— Não quero que você vá embora !

— E' preciso, Benedicto !

— Enhanhã D. Alice ?

— Não me falles della ! disse Mario recalçando o peito sublevado por um soluço.

— Mas Deus quer !

— Benedicto ! exclamou o mancebo com severidade. Tu blasphemias ! Deus amaldiçoaria semelhante união ! Podia eu nunca amar a filha do assassino de meu pai ?

— Assassino !... Quem disse ?

— Eu o sei !

— Não é verdade !

— Pertendes negar ainda ?

— Não : não é verdade ! Eu conto tudo. Vi com estes olhos ! Por alma de meu defuncto senhor, juro que não lhe engano.

— Falla : quero saber tudo ; não me occultes a menor circumstancia : dizia Mario palpitante de esperança, mas ainda traspassado de duvida.

— A ultima noite que o meu defuncto senhor

moço veio ver o velho, seu amigo d'elle Sr. Joaquim de Freitas, que nem pensava ainda de ser barão e meu senhor, ficou esperando á elle aqui na Lapa onde nos estamos.

« Agora carece saber porque Sr. Joaquim de Freitas ficou aqui esperando ; e a historia é muito comprida porque o velho levou uma noite inteira contando ; mas a gente já não se lembra de muita cousa.

« Essa D. Alina, que sempre foi uma branca arrenegada, fez que o velho ficasse mal com o filho ; e então o velho para lhe fazer a vontade, que era não deixar nem um fiapo a meu senhor moço, começou a dever mundos e fundos á seus amigos d'elle...

— O commendador Alves Ferreira, o major Mendonça....

— Isso mesmo ! Mas era de mentira e só no papel ; para tomarem o que o velho deixasse, e depois darem as escondidas á tal mulhersinha da carepa, que tinha arranjado toda a tramoia ; mas sahiu a cousa as avessas, porque o velho arrependeu-se, fazendo as pazes com meu senhor moço, e tomou tanta birra da espivitada que até

desconfiou que o filho della, esse boneço do Lucio, não era filha delle; e não houve quem lhe tirasse mais isso do juiso.

« Foi então que se lembrou de passar todos aquelles papeis das dividas de mentira... E passou todos, dos outros para Sr. Joaquim de Freitas, porque como elle era muito amigo, unha com carne, de meu senhor moço, a cousa ficava segura. Mas o velho que não cochilava quiz sempre que elle escrevesse no papel, para a todo o tempo se saber.

« Tudo isto foi naquella noite, no quarto do velho, quando chegou Sr. Joaquim de Freitas que depois sahiu commigo para vir esperar aqui meu defunto senhor moço José Figueira; e eu me lembro bem que já estava na porta, da banda de fóra, quando enxerguei o velho entregar a elle o papel e Sr. Joaquim de Freitas, que tambem enxergou.

« Já estava tarde muito; e eu que queria ver meu senhor moço quando voltasse para lhe tomar a benção, e fazer festa a elle como costumava, deitei-me ali emcima na pedra do quintal, donde se avista o caminho; e estava assim pescando, como quauda a gente nem accorda nem dorme e vae

cahindo no somno, mas fica que nem anzol em cima d'agua.

« Era á modo de prezepe. A gente via o boqueirão como uma pintura, e a lua assim cinzenta como está agora.

« Então enxerguei meu senhor moço, que vinha a cavallo, e o cavallo entrou n'agua, e caminhava, caminhava, e elle com a cabeça baixa, pensando, não dava fé ! De repente cavallo sumiu-se ; e corpo de meu senhor moço rodou no remoinho.

Eu estava em pé la emcima, arrancando as pedras com as mãos, de desespero, e não podia gritar. O Sr. Joaquim de Freitas estava aqui e viu quando passava o corpo e estendeu o braço para segurar. Meu senhor então agarrou a mão delle, e babatou para alcançar esta pedra. Mas elle...

Um soluço afogara a voz tremula do negro velho.

— Que fez, Benedicto ? exclamou o mancebo com angustia. Não me occultes.

— Elle arrancou a mão !

— Miseravel !...

— Aquelle dedo que elle tem quebrado...



— Compreendo. Ficou-lhe como o estigma de seu crime,

— Então elle desapareceu para sempre lá, no fundo ; e o grito que estava preso aqui no peito sahiu.

Calou-se o preto horrisado ante aquella recordação, e espavorido pelo effeito que ella produziria no moço.

Submergido nas profundezas de sua alma revolta, Mario repassava toda sua existencia, para deleitar-se no desprezo que tantas vezes sentira pelo barão. Parecia-lhe que só nesses momentos de odio, tinha elle vivido ; o resto de sua vida fôra um pesadello.

Emtanto o negro velho continuara :

— Tudo que o boqueirão engole vomita depois... Tem uma grotta lá da outra banda... foi pai Ignacio que ensinou. Eu esperei meu senhor até que no outro dia appareceu ; ainda tinha o papel no bolso, mas todo apagado.

— Eu não me enganei ! E' elle que está enterado no tronco do ipé ?

O velho travou as mãos supplices :

— Mas não o leve d'ahi? Meu senhor era elle... só.

Mario abraçou o negro ; e durante alguns instantes confundiram ambos suas lagrimas. Depois o mancebo arredou-se para outra vez submergir-se em seus pensamentos,

— Sr. Freitas... dizia Benedicto ; nunca elle soube que eu tinha visto, mas desconfiava, até que um dia...

« Era de tarde ; nhanhã Alice estava brincando com seu carrinho della, e veio nonhô e tomou o carrinho. Nhanhã poz-se a chorar e foi fazer queixa ao pai. Então eu disse : « E ella não tomou tudo que tinha de ser delle ? » Senhor entendeu : « O que é de um é de outro : eu prometti a Deus fazer esse casamento, Benedicto ! »

Mario interrompeu arrebatadamente o preto :

— Lembra-te bem ; interroga tua memoria !... Cuidas tu que elle safou a mão, por fraquesa... só. ou pelo... dinheiro ?... Falla ! Foi uma cobardia ou um roubo ?

— Quem póde saber ? Mas parece que elle teve medo...

— Medo !... repetiu Mario com um riso estri-dente. Não ; elle é valente.

Ouviu-se um grito, que parecia articular o nome

de Benedicto ; mas o preto velho não o escutou ; com os cabellos irriçados, os olhos pasmos, e o corpo hirto, contemplava uma visão que o arras-tava e espavoria ao mesmo tempo.

De feito a estatua elevada de um homem á ca-vallo assomara la da outra banda, na margem do lago. Sembreava-lhe o rosto um chapéo desabado ; e uma capa escura descia-lhe dos hombros até os joelhos.

— E' elle... elle mesmo...

Os labios tremulos do negro estertoravam de pavor.

— Elle quem ? perguntou Mario.

— Seu pai !... Fazem hoje 18 annos. Foi a essa mesma hora ! Elle vem ver o filho !...

Avançava o cavalheiro lentamente pela agua á dentro. O animal refugava ; mas ferido pelas esporas movia o passo, retrahindo o corpo, espe-tando as orelhas, e bufando de terror.

Tomado pelo primeiro espanto dessa apparição, Mario não tivera tempo de reflectir; quando cavallo e cavalleiro submergiram-se de repente á seus olhos.

— Foi assim !... soluçou Benedicto cahindo de joelhos.

## XIX

### O BALANÇO.

Depois que Alice voltara a si do desmaio, o barão tomou-a nos braços, e levou-a para a casa.

A menina estava ainda muito fraca e pallida do abalo que soffrera; mas em seu lindo semblante ressumbrava uma resignação meiga e serena, como si um reflexo do ceo já illuminasse-lhe a alma.

— Que te disse elle? perguntou o pai a filha.

Tudo que passara entre ella e Mario, poucos momentos antes, Alice referiu ao pai minuciosamente, não só pela necessidade de expansão, como pela esperança de que elle a ajudasse a penetrar o mysterio.

— Está bem; não fiques triste; disse o barão com uma caricia. Elle voltará, e muito breve!

A menina abaixou a cabeça :

— Queres apostar ? disse o barão gracejando.

Esse tom a surpreendera : fitou os olhos no semblante do pai ; elle não a enganava. O contentamento brilhava-lhe no semblante ; si elle se alegrava, quando a via triste e abatida, é porque tinha realmente o meio de fazer-la feliz.

— Então ?... exclamou ella cheia de esperança.

— Hade ser teu marido !

— Mas esse misterio !...

— Idéas de moço !... Não te precupes com isto ; á esta hora já está arrependido !

Alice duvidava ainda.

— Socega ; procura dormir um pouco. Quando menos esperares.... Sou eu que te heide pedir as alviças !

Ao despedir-se, o barão abraçou com effusão a filha, e cobriu-a de beijos ; dizendo-lhe meiguices e gracejos. Quando porém transpoz o limiar da porta, a emoção, que por muito tempo recalcara, irrompeu-lhe em soluços e pranto.

Felizmente estava deserto o corredor, e elle pode ganhar seu gabinete sem que o vissem naquelle estado de perturbação.

Apenas conseguiu vencer a emoção, o primeiro cuidado do barão foi ler a carta de Mario, que ainda conservava intacta. O que ali estava escripto, elle o advinhava, ou pelo menos pressentia. Eis o teor da carta :

*Illm.º Exm.º Sr. Barão da Espera.*

*Minha resolução não o deve surpreender ; foi V. Ex.ª quem a dictou.*

*Collocando-me na posição de rejeitar seu ultimo beneficio, obrigou-me V. Ex.ª a romper o vinculo que me prendia ao bemfeitor e restituiu-me a liberdade.*

*Retiro-me pois de sua casa.*

*Não o devia fazer, sem pagar a divida de minha subsistencia e educação ; mas sabe V. Ex.ª, e ninguém melhor, qual a herança que me tocou.*

*De V. Ex.ª*

*Attento venerador e criado*

MARIO FIGUEIRA.

13 de Janeiro de 1850.

Chegado ás ultimas palavras, o rosto já desmaiado do barão contrahiou-se. Embora já esperasse a allusão, e talvez mais ferina, essa prevenção longe de mbotar, ao contrario exacerbou-lhe a consciencia.

Quando vieram chama-lo para almoçar, já estava inteiramente calmo. Em toda sua pessoa transpirava a placidez, que incute a confiança de si mesmo.

Na meza conversou alegremente, e conseguiu distrahir Alice, que sorria sem querer, e sentia-se reanimar ao influxo daquella jovialidade expansiva. As vezes porém o pai esquecia-se dentro de si, e la ficava absorto em profunda meditação; de seu lado a filha, desprendida da attenção que lhe prestava, recolhia-se em sua magoa, como a flôr que fecha, mal se apaga o calor do dia.

Terminado o almoço, voltou o barão ao gabinete, onde encerrou-se para trabalhar. Não passou muito tempo porém, que o não o interrompessem; bateu á porta o Martinho com recado do commendador Mattos, que lhe queria fallar á todo o custo.

— Manda-o entrar; disse o barão.

E continuou a trabalhar sobre os livros de sua escripturação mercantil, abertos em cima da vasta carteira de vinhatico.

— Já sei que está occupado ! gritou o commendador entrando. Mas a demora é pouca.

— Estou fazendo meu balanço ! respondeu o barão com um sorriso.

— Ah ! Boa saffra, já se sabe?

— Soffrivel.

— Ahi uns cincoenta contos, hem ?...

— Não chega á tanto.

— Pois, meu amigo, ja que tocamos no ponto, vou dizer-lhe o que me trouxe hoje aqui. O Frederico parece que está cahido pela filha do conselheiro; portanto é preciso que decida sobre a Alice. Eu ca prefiro o solido; mas isso de rapazes....

— Eu pensava que era cousa ja decidida.

— O que, homem ?

— O noivo de Alice é Mario.

— Hanh!... Bem me dizia a D. Alina. Leva um bom dote o maganão; mas emfim....

— Acabe ! exigiu o barão franzindo o sobrôlho.

Perturbado, o commendador buscou disfarçar a sua malicia com uma pilheria, affogada como de costume em um gargarejo de riso grosso e guttural :

— Mas emfim.... tocou-me o conselheiro, que  
Tronco do Ipé



me hade fazer visconde na primeira fornada: e antes disso não me pilha a legitima do rapaz.

Ficando só outra vez, concluiu o barão seu trabalho, acrescentando algumas parcellas a um livro menor, que fechou em uma capa de papel com endereço a Mario. Feito o que, sentou-se á secretaria e escreveu uma carta ao moço.

Bateram de novo a porta. Era Benedicto que o barão mandara chamar.

— Já sabes que Mario nos deixou!

O preto ficou succumbido.

— Quando?

— Esta manhã. Mas é preciso que elle volte.

— E' preciso; repetiu o preto como um echo.

— Segue-o por toda a parte; e onde o achares, entrega-lhe os papeis que vou confiar a tua fidelidade. Elle voltará e seremos todos felizes... todos.

— Deus queira!

Abriu o barão no cofre de bronze, um segredo onde havia um masso lacrado com sobrescripto a Mario, e fechando-o com a carta e o livro em uma lata de trazer á tiracollo, deu-a ao preto:

— Aqui tens. Tu lhe entregarás, quando elle estiver só. Juras?

— Por alma de meu senhor!

— Vae.

O preto hesitava :

— E si elle perguntar ?

— Diz-lhe a verdade ; mas pede-lhe que lembre-se de Alice !

Com o coração angustiado, Benedicto dobrou o joelho, para pedir a benção do senhor, e partiu com os olhos cheios de lagrimas.

Eram horas de jantar.

O resto da tarde, o barão consagrou-o todo a familia, porém especialmente a Alice, com quem esteve por largas horas conversando no jardim, enchendo-a de esperanças e de caricias.

Quando o sino tocou trindades elle ergueu-se :

— Não queres rezar por Mario ?

— Quero ! respondeu a menina agradecendo-lhe com um olhar aquella terna lembrança.

Ambos dirigiram-se a capella e fizeram uma oração.

O Martinho veio annunciar que os animaes estavam promptos, e como a baroneza que chegava se mostrasse admirada daquelle passeio á tal hora, disse-lhe o barão :

— Quero aproveitar o luar para concluir com o Mattos um negocio que elle veio hoje propor. Até logo!

E abraçou a mulher. Esse affago não era habitual ; assim a baroneza o tomou por gracejo.

— Vou tratar de tua felicidade ! murmurou o pai ao ouvido da filha, apertando-a ao coração com um affago de ternura.

Um instante depois, no ponto ao caminho em que se perdia a vista da casa occulta pela collina, o barão voltou-se e acenou com a mão por muitas vezes, dizendo adeus á Alice que o acompanhara de longe com a vista. Nesse momento foi preciso um supremo esforço, para suffocar as ancias que lhe transbordaram d'alma ; ainda assim o peito lhe estalava de dor.

— Senhor tem alguma cousa ? perguntou o Martinho.

Não respondeu o barão que, fustigando o animal, tossia para suffocar a vasca do peito.

Demorou-se o barão em casa do commendador Mattos até dez horas ; discutindo a proposta que lhe fizera de comprar certa porção de terras contiguas á fazenda do Boqueirão. Fora o pretexto in-

ventado para essa vizita, que entrava em seu plano occulto.

De volta para a *Casa grande*, o barão deixou ir o animal á passo, como quem não tinha pressa de chegar. Ao menor rumor do vento nas folhas, elle voltava-se agitado, pensando que alguém se aproximava; e não vendo sinão o Martinho que o seguia a cochilar na sella, interrogava o relógio ao clarão do luar, para saber a hora.

Parecia esperar alguém; talvez um incidente, um obstaculo, que viesse impedir a sua resolução.

Avistando de longe a cabana de Benedicto e o lago que se alisava, como uma louza alvacentá, entre o verde escuro da folhagem, o barão estremeceu. Era chegado o momento. O relógio marcava onze horas; justamente aquella em que José Figueira fôra victima da catastrophe.

— Deus condemnou-me! murmurou o barão. Si elle me permittisse viver, Benedicto teria encontrado Mario; e o perdão do filho chegaria á tempo!... Comtanto que minha Alice não maldiga a memoria de seu pai e seja feliz!...

Esbarrando de encontro ao cavallo do barão, a mula em que vinha o Martinho o despertou.

— Passa adiante e vae a cabana chamar Benedicto. Que me venha fallar !

O pagem obedeceu ; mas apenas avistou o tronco do ipê, começou a tremer em cima da sella. Mais depressa se deixaria fazer em postas do que passar pela arvore mal assombrada. Tomou um expediente ; poz-se a gritar pelo preto.

Entretanto o barão, que de proposito affastara o pagem, mal este encobriu-se, lançou o cavallo para o lago ; e quando o animal espantado empinou arrojando-se fora do remoinho, elle pronunciando uma ultima vez o nome de Alice, precipitou-se.

No arremesso, o chapéo saltou-lhe da cabeça, e á claridade da lua Mario o reconhecera.

O mancebo não hesitou um momento. São assim feitas as organizações generosas ; os actos de heroismo e abnegação as reclamam imperiosamente ; não pensam, não reflectem. Esquecem tudo ante o perigo : não se lembram, nem indagam, por quem se esforcem. Dedicar-se é para ellas um impulso, um instincto ; prodigalidade sublime !

Antes que Benedicto se recobrasse do espanto, Mario se arremessou da Lapa a tempo de agarrar o corpo do barão. Foi renhida a luta ; porém o

mancebo tinha dessa vez a vantagem de um ponto de apoio, que desde principio elle conservara, travando com a mão esquerda a raiz de um arbusto encravada entre as fendas do rochedo.

Afinal, ajudado pelo preto, conseguiu tirar d'agoa o corpo do fazendeiro, e conduzi-lo a cabaua, onde o deitaram no mesmo catre, que sete annos antes recebera Alice. O barão perdera os sentidos; mas os signaes da vida se manifestaram, apenas lhe foram prestados os primeiros soccorros.

Deixando á Chica velar sobre o enfermo, Benedicto chamou á parte Mario para entregar-lhe os papeis que o senhor lhe confiára, referindo o modo porque fôra incumbido dessa commissão.

— Bem meu coração estava adivinhando quando elle me entregou; disse o preto.

A carta do barão que Mario leu ao frouxo bruxulear da candeia continha estas palavras.

« Mario.

« Sou menos culpado, do que talvez me supponha.

« Meu crime foi a paixão por uma mulher que me fez cobarde e ambicioso. Por causa della tive

medo de morrer, e não me sacrifiquei por um amigo, ou antes um irmão. Para não perde-la, callei-me, conservando o que não me pertencia.

« A vergonha do crime fez o resto.

« A morte de seu pai, tenho-a expiado severamente durante estes longos annos que são passados. Sua riqueza, quando Deus me concedeu uma filha, eu jurei restituir-lh'a pela mão innocente e pura de Alice.

« Esse casamento, que foi o meu sonho de esperança e era a promessa de perdão : minha vida tornava-o impossivel.

« Destrua-se o obstaculo.

« O crime vae ser reparado e o réo punido. Envio-lhe com esta meu testamento feito ha 16 aunos, e a minha escripturação particular ; com esses documentos poderá reclamar sem contestação a riqueza que lhe pertence.

« E agora não é um homem rico e poderoso quem offerece ao moço desprotegido a mão de sua filha ; é o infeliz, que do seio da eternidade, implora de seu juiz, a felicidade de uma pobre orphã desvalida. »

Quando o moço acabou de ler, sua emoção era profunda. Prestes a succumbir, elle se lançou fora da cabana como si quizesse fugir á impressão produzida pelas ultimas palavras da carta.

♦ — Mario! murmurou o barão erguendo-se no leito.

O moço fez um gesto de desespero; e parou indeciso. Voltando rapidamente, apanhou a carta que atirou com os outros papeis ao fogo, accendido pouco antes para aquecer o corpo e as roupas do affogado.

---



## XX.

### SANTA MENTIRA.

Poz-se a lua, deixando o ermo na densa escuridão de uma noite vaporenta.

A labareda, alimentada pelos papeis que Mario lançara no brazido, estirava-se pela porta da cabana afora, como a lingua na fauce de uma serpente de fogo, e ia lamber com o vermelho reflexo, lá embaixo. a varzea derramada ao sopé do rochedo.

De cima, ao rapido lampejo, descobria Benedicto á sombra do tronco do ipé o vulto de Mario, com os braços cruzados e a cabeça derrubada ao peito, diante da sepultura do pai. Embora não pudesse comprehender com o espirito o que pensava o mancebo, o negro velho tinha uma vaga intuição.

Terrível luta se dava então n'alma de Mario.

Justamente naquella hora da revelação; quando ouvira pela primeira vez a historia da catastrophe que lhe arrebatara seu pai; quando as suspeitas que desde a infancia haviam torturado seu espirito, de chofre se transformavam em certeza para sopitar os escrupulos da consciencia; quando todo seu pensamento devia concentrar-se na memoria querida; pois justamente nessa hora uma voz sollicitava seu coração para a compaixão e o esquecimento.

A supplica final da carta do barão tinha vergado a inflexível rijeza desse character. Sua alma nobre que suffocara um tamanho amor para ter o direito de responder com desprezo á protecção generosa do rico bemfeitor, sentiu-se fraca ante a humildade do réo que lhe entregava as provas de seu crime, e submettia-se resignado á punição.

Elevando-se ao nível dessa abnegação, o manco consumira, lançando-as ao fogo, as provas do crime. Repellia a vingança, e absolvía o crime, não só da pena corporal, como dessa outra pena mais cruel, a infamia.

Mas entre o perdão e a reabilitação do infeliz, havia uma barreira. Abandonar ao remorso o cul-

pado; esquecer o mal que lhe fizera; não custava a um character magnanimo como o seu. O difficil, para não dizer impossivel, era suspender o infeliz do abysmo onde cahira, colloca-lo a seu lado, em contacto com sua alma, no seio de suas afeições.

Ante essa perspectiva, a consciencia do mancebo recuava horrorisada, como si a affrontasse a mascara cynica da corrupção. Para as susceptibilidades de seu character, o casamento com Alice era uma consagração da cobardia ou do crime de que fôra victima seu pai.

Cada vez pois mais perseverava em sua primeira resolução de abandonar para sempre aquelle sitio, e romper com a fatalidade que pezava sobre sua existencia. A preocupação da luta que ia travar com o mundo para conquistar um nome, apagara de seu espirito a lembrança de Alice, ou pelo menos a vendaria com a suave melancolia da saudade eterna.

No meio de suas cogitações, percebeu o moço que se approximava alguem.

Era o barão. Ainda fraco e alquebrado, mas impellido por grande esforço da vontade, insistira, apezar das reclamações de Benedicto e da mulher,

em levantar-se para fallar a Mario. Vestindo as roupas mal enxutas, desceu até a rocha arrimado ao braço do preto, a quem despediu antes de ir ao encontro do mancebo.

Presentira o negro velho que naquella entrevista solemne entre o barão e Mario ia decidir-se da sorte de ambos, e da ventura de Alice. Com o coração confrangido pela previsão de uma nova desgraça, em vez de tornar á cabana onde a Chica ficara rezando, ganhou o rochedo.

Havia alli uma gruta, que pai Ignacio, antigo dono da choupana, ensinara a Benedicto com os outros segredos de sua bruxaria. Era d'ahi que o feiticeiro fallava as almas, e mettia medo aos curiosos que se animavam a visitar a noite o tronco do ipé.

Benedicto recebera todas essas abusões, e as conservava; embora só as empregasse para o bem, pois era como dissemos um feiticeiro de bom agouro. Naquelle momento, impressionado com a scena que ia passar, tinha necessidade de « fallar á alma de seu senhor » e pedir-lhe que evitasse tantas desgraças.

Entretanto o barão, arrastando o passo, se appro-

ximara do tronco do ipê e achava-se em face de Mario. Quanto não dera este para evitar a penosa entrevista.

— Não seja inflexível, Mario !

— E' o destino, Sr. barão ; não sou eu.

— Ao contrario. O destino ordena, e a prova é estarmos ambos aqui, neste momento.

— Tem razão ; já devia estar longe.

— O senhor não póde partir ; disse o barão collocando-se em face do moço.

— E quem m'o veda? replicou Mario com altivez.

— Leu minha carta ; nella supplicava lhe como uma graça, a felicidade de Alice. O que então implorei, o senhor deu-me agora o direito de exigil-o.

— Eu ?...

— Salvando-me a vida !

— Ah ! Livrar seu semelhante do perigo que o ameaça é um dever banal, Sr. barão ; e para cumpri-lo basta a coragem commum, essa coragem que todos tem. Mas para vencer certos eserupulos, certas repugnancias, é preciso um heroismo de que não sou capaz, confesso.

A voz do moço se repassara de pungente ironia ao pronunciar as ultimas palavras.

— Pois bem ! replicou o fazendeiro com um riso acerbo. O senhor pode se divertir em salvar os outros ; mas cada um dispõe de si como lhe appraz, e não tem que dar contas sinão a Deus.

— Si eu conhecesse a sua intenção, a teria respeitado ; respondeu Mario com uma frieza glacial.

— Ainda está em tempo de o fazer. Só reclamo uma cousa, que espero de sua lealdade ; é o segillo sobre um segredo que não lhe pertence, o segredo de minha morte. Que Alice ignore sempre....

— Juro.

— Adeus, senhor.

Affastou-se o barão. Nesse momento. Mario revoltou-se contra a fria impassibilidade com que elle consentia naquelle suicidio de um pai, resolvido a immolar-se pela felicidade da filha.

— E' um sacrificio inutil ; disse elle.

— Acredito que não. O senhor ama Alice, e não teria hesitado um instante si eu não existisse. Quando esquecer-me, e será breve, não terá mais para resistir a esse amor nobre e puro, o apoio da aversão que lhe inspiro. Mas seja embora inutil, é necessario ; cumpro o meu destino ; Deus se

compadecerá de mim, pois deste mundo nada mais posso esperar!

E o barão de novo arredou-se.

— Não! Não consinto! exclamou o mancebo adiantando-se.

— Só o marido de Alice tem o direito de impedir-me.

Mario curvou a cabeça, dominado pela implacável tenacidade desse coração de pai, contra o qual se chocava a inflexibilidade de seu caracter.

— Siga o impulso de sua alma; não se condemne á desgraça pela culpa de outro, Mario, não sacrifique esterilmente seu futuro! Seu pai... si estivesse aqui neste momento, lhe ordenaria... eu acredito... que seja feliz e faça a felicidade daquella que o ama!

Não terminou o barão. Uma voz surda e cavernosa, que reboou no seio da terra, cortou-lhe a palavra, e derramou em sua alma, como na de Mario, um espanto repassado do respeito que infundem os mysterios de além tumulo.

— Perdoa!... Perdoa!... repetia o echo subterraneo.

Em principio dominado pela impressão pro-

funda, e possuido da crença do sobrenatural que tantas vezes invade até a razão mais robusta, Mario chegou um instante a acreditar que ouvira uma voz sepulcral, a voz de seu pai. Mas seu espirito, revoltou-se immediatamente contra essa fraqueza; e desabafou em um sorriso de desprezo.

— Esta comedia tem durado de mais, e indigname que façam representar nella a memoria venerada de meu pai, e no lugar mesmo em que repousam suas cinzas.

— A prevenção o torna injusto, Mario. Para fazer-me tão duras exprobrações, não valia a pena de prolongar por alguns instantes uma vida condemnada.

Nesse momento subito clarão feriu as vistas dos dois; voltando-se viram á alguma distancia um grupo de gente, que se approximava allumiado por archotes. Não foi possivel logo, pela confusão dos vultos, e pelo tremulo da luz fumarenta, distinguir as pessoas; mas em pouco desenhou-se na esphera luminosa, o talhe esbelto de Alice, que vinha ligeira e precipite, com a perturbação pintada no rosto e no gesto.

Desde a partida do pai, sentiu-se a menina  
Tronco do Ipé



inquieta, sem motivo. Muitas vezes o barão recolhia-se a noite; por aquelles sitios não havia exemplo de um assalto nos caminhos. Donde vinha pois esse vago receio, e as idéas tristes que a assaltavam ?

Ouvindo já tarde rumor de animaes e de escravos no pateo, ella foi á janella cuidando ser o pai que chegava. Era o Martinho que referia o occorrido.

Quando o cavallo do barão disparara pela varzea afóra, o pagem pensando que era o senhor, não esperou mais, e acoçado pelo medo das almas do outro mundo metteu as esporas na mula, e seguiu para a *Casa grande*. Ao chegar, os pretos da cavallarice que tinham segurado o cavallo, perguntaram-lhe pelo senhor.

Grande foi o espanto do Martinho, que pensara acompanhar o barão, e grande o alvoroço que produziu a noticia do triste acontecimento. O animal estava molhado até os arreios, pelo que a lembrança do boqueirão acudiu logo a todos.

Angustiada pelo presagio de um desastre, que seus pressentimentos lhe haviam annunciado, tirou a menina de seu desespero uma energia de que ella propria nunca se julgaria capaz. Sem hesitar

partiu acompanhada pelos pretos para certificar-se por si mesma da desgraça que a feria.

Ambos, o barão e Mario, tiveram um primeiro impulso de correr ao encontro de Alice, e comtudo ficaram immoveis; um pelo desespero de não ter morrido, o outro pelo desespero de não ter partido.

— Meu pai !... exclamou Alice precipitando-se nos braços do barão.

Na primeira effusão a menina só lembrou-se que tinha junto ao coração aquelle que julgava perdido para sempre; e abraçou-o soffregamente como receiosa de que lh'o arrebatassem.

Foi depois, que ella sentiu molhadas as roupas do barão. Então o seu olhar desconfiado interrogou a phisionomia do pai e a de Mario:

— Não foi nada; disse o barão. Tiveste um susto á toa. Vamos! Tua mãe deve estar inquieta.

Ditas estas palavras com esforço incrível, o fazendeiro não podendo supportar o limpido olhar de Alice que prescrutava-lhe os seios d'alma, affastou-se a pretexto de fazer partir um escravo á carreira para tranquillisar a baroneza.

Aproveitando esse momento Alice approximou-se rapidamente do moço :

— Mario, porque meu pai quiz morrer?

Mario estremeceu.

— Que idéa!

— Pretendem esconder de mim!...

— Calle-se, Alice!

— Então é verdade?... Bem o coração me adivinhava.

O barão voltara.

— Eu lhe supplico! murmurou o mancebo abandonando a voz.

— Ha aqui um mysterio!... exclamou Alice que não via o pai approximar-se. A fatalidade que nos separou....

Todo o horror da situação de Alice debuchou-se na imaginação de Mario. Pelo que elle soffrera, aquilatou do supplicio atroz de uma filha suspeitando da honra do pai.

O que nesse transe solemne se passou em sua alma, o que viveu no rapido momento, só o pode avaliar quem já viu seu destino suspenso de um gesto, ou de uma palavra.

Travando as mãos de Alice com um movimento arrebatado, Mario fallou-lhe com tal vehemencia

que a voz se lhe cortava ; o barão o escutava immovel de surpresa.

— Tem razão, Alice. Ha aqui um mysterio.... um segredo cruel.... que eu lhe queria occultar... que devia morrer entre mim e seu pai... Mas já que exige... Elle lhe pertence... Soffra eu embora com esta confissão.

— O que fez o senhor, meu Deus? exclamou a menina, em cujo espirito passou uma idéa medonha.

Mario concentrou-se um instante :

— Depois que nos separamos, e que eu lhe disse um adeus eterno, foi quando comprehendi todo meu infortunio! Orgulho de pobre me fizera regeitar a felicidade, que tinha a desgraça de ser rica!... E achei-me em um deserto. A vida era para mim um destroço ; o futuro um precipicio. Que me restava ? Lançar-me nelle. Foi o que fiz.

— Ah !

—Passava seu pai a cavallo... Atirou-se a agua, lutou.... e salvou-me !

O barão fez um gesto de repulsa que o olhar de Mario atalhou. Não o percebera Alice porque de novo se lançara nos braços do pai, cheia da effusão

de seu reconhecimento, e fallando-lhe com uma doce exprobração que aliás se dirigia ao moço :

— Quiz morrer por mim, e não quer viver para mim !

Mario sorriu :

— Cuidado, Alice ! Este segredo eu só o confiei a minha mulher !...

A estas palavras escondeu a menina as faces inundadas de pejo no seio do barão, que apertava silenciosamente a mão de Mario com os olhos no céu.

---

Um mez depois casaram-se Mario e Alice na capella de Nossa Senhora do Boqueirão, e dentro em poucos dias partiram para a côrte.

Mandara o barão com antecedencia e a pedido da filha, alugar uma linda chacara para os lados do Jardim Botânico. Ali passaram os dois noivos sua primavera conjugal, que não foi sómente lua de mel, mas astro perenne de sorrisos e flôres.

Com o tacto do coração, Alice comprehendera que Mario nunca poderia ser completamente feliz no lugar, onde passara os primeiros annos. Envolvesse-o ella embora em uma athmosphera de amor, seu marido no seio mesmo da ventura, havia de sentir a repercussão das reminiscencias que dormiam ali ao redor, em cada sitio, em cada objecto.

Como a lava de bronze que o estatuário vasa no molde, é nossa alma na infancia. Esculpe-se á feição da natureza que a cerca ; e quando chega a mocidade, e funde-se a estatua, não é mais possivel dar-lhe varia fórma.

Em seu disvello porém, Alice contava crear para Mario outra infancia melhor que lhe substituisse

a dos annos, uma infancia do amor, á encher-lhe a alma e tanto, que não coubesse ali mais recordação de tempos ingratos.

O barão da Espera dotou em cincoenta contos de réis a Adelia, sua afilhada, para que ella se cazasse com Lucio. Foi um pedido de Alice, a quem Mario inspirara essa idéa, como compensação da herança de que o velho commendador Figueira privara o filho de D. Alina.

Ainda existe esta senhora e ainda conserva as duas paixões de sua vida, que foram sempre, as fitas e as intrigas. Deve em todos os armarinhos; e quando não tem que fazer enreda o filho com a nora.

O nosso conselheiro provou afinal das uvas imperiaes que por muitos annos estiveram verdes. Conseguiu uma pasta, que durante dois mezes fôra engeitada por diversos, emquanto elle namorava com paixão a ingrata! O casamento da filha não podia vir mais á proposito, para dar-lhe um genro que servisse de official de gabinete em falta de um filho.

No ministerio do Lopes foi enfim demittido o subdelegado que já se tinha em conta de vitalicio.

panga de um potentado, o qual exigiu essa demissão por desabafo; e como elle fallava em nome de setenta votos, e o Lopes ainda não era senador, foi logo obedecido.

Mirando-se nesse espelho, tratou o vigario de mudar de partido. O bom do padre, que tanto ganhava em banha, como perdia na tinta do latim, tinha lá de si para si, que deve cada um adquirir experiencia das cousas; e pois já tendo e longa, a de conservador, quiz tambem a de liberal, quites de tornar atrás.

Como o barão se mudasse de vez para a côrte afim de estar junto da filha, ficou o insigne compadre, o Sr. Domingos Paes, avulso por algum tempo. Mas descobriu que ainda tinha um filho por chrismar, embora já lhe apontasse a barba; e por meio d'elle se uniu espiritualmente ao Mattos.

Os dois se consolavam mutuamente; o Mattos do logro que soffrera perdendo um genro conselheiro que devia fazel-o visconde; o Domingos Paes do descredito do seu honroso titulo, rebaixado de compadre de um barão á compadre de um simples commendador.

Do Frederico sabemos que veio a casar-se com



Parece que o homem se atrevera a prender o ca-  
uma prima roceira; e foi a Pariz para dispicar-se  
de Adelia:

Da indiferença do barão pela fazenda do Bo-  
queirão, proveiu a sua decadencia e ruina. Bene-  
dicto e a mulher, forros desde o dia do casamento  
de Mario, viviam ainda na cabana, quando a  
Chica em um accesso de delirio, causado pela  
febre do rheumatismo, atirou-se no boqueirão.

Foi a ultima victima que o negro velho sepultou  
junto ao tronco do ipé.

---

## ERRATAS.

| PAG. | LINHAS | ERROS         | EMENDAS         |
|------|--------|---------------|-----------------|
| 10   | 7      | thesoura      | tesoura         |
| 12   | 8      | aquem         | a quem          |
| 13   | 9      | mesmo         | mesma           |
| 27   | 18     | sinão é       | sinão é o       |
| 30   | 17     | bolço         | bolso           |
| 57   | 15     | calibri       | colibri         |
| 63   | 18     | dialagas      | dialogos        |
| 69   | 21     | danda         | dando           |
| 70   | 6      | obrigado      | obrigada        |
| 75   | 21     | sobrivieram   | sobrevieram     |
| 77   | 14     | nanha         | nhanhan         |
| 88   | 13     | ao            | aos             |
| 90   | 19     | sommos        | somos           |
| 92   | 16     | divertia      | divirtia        |
| 97   | 17     | como do nosso | como o do nosso |
| 99   | 24     | Matios        | Mattos          |
| 101  | 18     | menos         | mais            |
| 103  | 3      | pensava       | passavas        |

| PAG. | LINHAS | ERROS          | EMENDAS          |
|------|--------|----------------|------------------|
| 104  | 13     | nanhã          | nhãnhã           |
| »    | 19     | nonhõ          | nhõnhõ           |
| »    | 21     | ticção         | tição            |
| 120  | 3      | paro           | para             |
| 121  | 6      | e as pontas    | as pontas        |
| 131  | 10     | bilhar         | brilhar          |
| 154  | 12     | a Buffon       | Buffon           |
| 159  | 2      | garentia       | garantia         |
| 160  | 5      | todas pessoas  | todas as pessoas |
| »    | 6      | de conuersação | de conversação   |
| 161  | 19     | com            | como             |
| 164  | 11     | Ticava         | Ficara           |
| 165  | 21     | constrigia     | constringia      |
| 167  | 7      | teme           | temendo          |
| »    | 23     | preza          | porta            |
| 168  | 19     | si             | se               |
| 175  | 2      | cujo olhos     | cujos olhos      |
| 176  | 16     | pareciam-lhe   | pareciam         |
| »    | 17     | suavidade      | a suavidade      |
| 178  | 2      | antigamente ;  | antigamente      |
| »    | 5      | no ouvido      | ao ouvido        |
| »    | 13     | no borda       | na bcrda         |

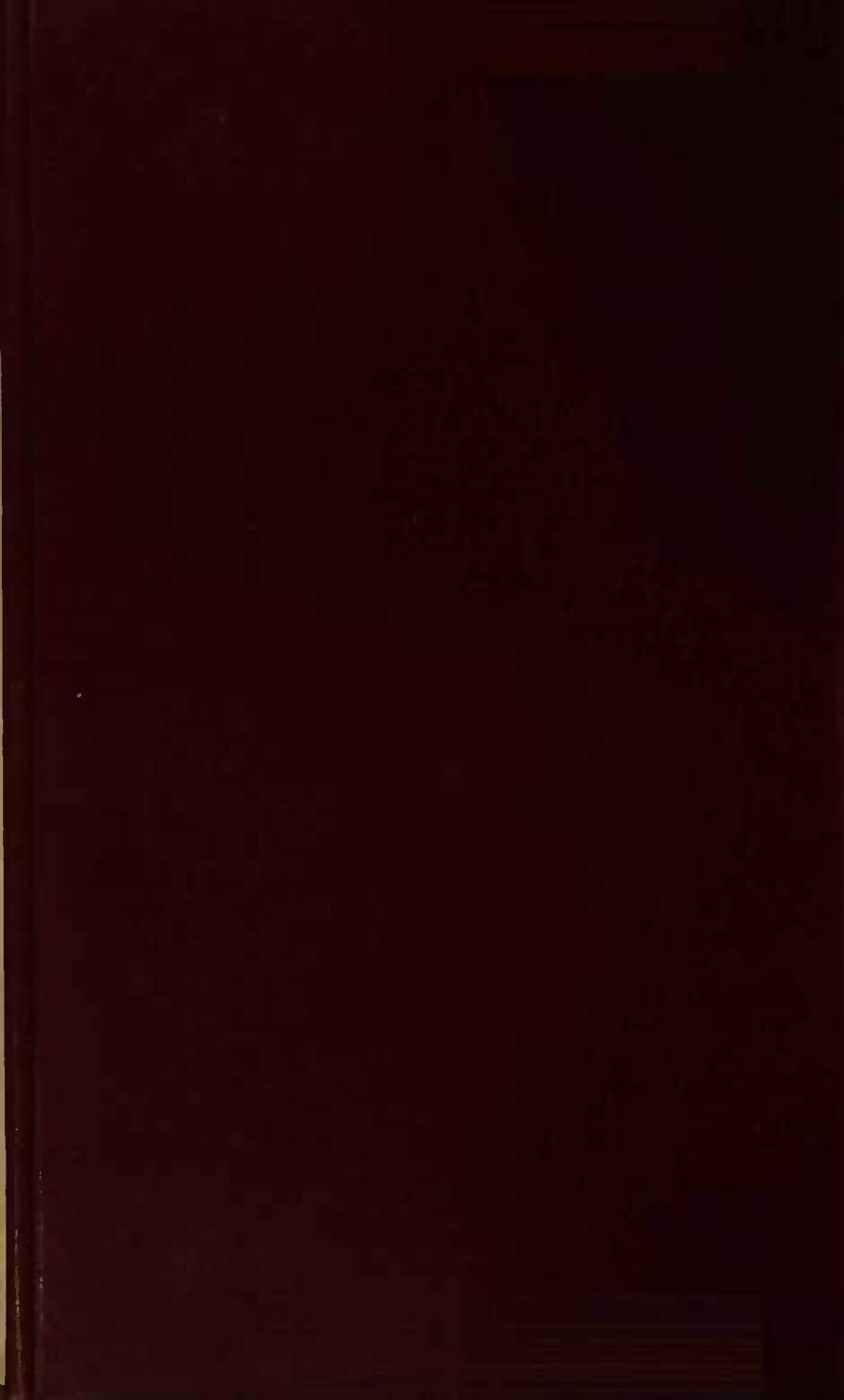
| PAG. | LINHAS | ERROS          | EMENDAS    |
|------|--------|----------------|------------|
| 179  | 5      | fagueira       | fragueira  |
| 181  | 2      | indifferença;  | . . . . .  |
| »    | 24     | traria-lhe     | trazia-lhe |
| 182  | 6      | esteou         | estiou     |
| 183  | 11     | prostracção    | prostração |
| 185  | 14     | Vi             | Vio-o      |
| »    | 17     | para a filha   | á filha    |
| 186  | 18     | escolhido      | esbulhado  |
| 187  | 11     | da qual        | do qual    |
| »    | 24     | virtude        | virtudes   |
| 189  | 18     | prescriptava   | perscrutar |
| 192  | 4      | cosinha        | cosinha,   |
| »    | 11     | o Sr. Domingos | o Domingos |
| »    | 13     | sorpreso       | admirado   |





## INDICE

|                                | PAG. |
|--------------------------------|------|
| I A doceira. . . . .           | 5    |
| II Alviçaras . . . , . . . . . | 17   |
| III Sorpreza . . . . .         | 33   |
| IV O natal . . . . .           | 45   |
| V Missa do gallo. . . . .      | 62   |
| VI O presepio. . . . .         | 73   |
| VII Cravo e alecrim. . . . .   | 83   |
| VIII A merenda . . . . .       | 95   |
| IX Creanças . . . . .          | 107  |
| X O batuque. . . . .           | 118  |
| XI A rosa . . . . .            | 129  |
| XII Ressurreição. . . . .      | 138  |
| XIII O pato . . . . .          | 150  |
| XIV Sombras . . . . .          | 162  |
| XV A caixinha. . . . .         | 173  |
| XVI O impossivel. . . . .      | 183  |
| XVII Para sempre ! . . . . .   | 199  |
| XVIII O mysterio . . . . .     | 210  |
| XIX O balanço. . . . .         | 221  |
| XX Santa mentira ! . . . . .   | 234  |
| Errata. . . . .                | 151  |



## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).